



"ELABORAÇÃO DO PROJETO GERAL PARA CENTROS DE ACOLHIMENTO TURÍSTICO E INTERPRETATIVOS DE ÉVORA E ALENTEJO CENTRAL"

1º RELATÓRIO DE PERCURSO

FEVEREIRO 2017

ÍNDICE

1. Apresentação	11
2. Análise das Estruturas Existentes	13
2.1. Museu de Artesanato e Design (MADE)	13
2.1.1. Exposição permanente	14
2.1.2. Acervo	15
2.1.3. Exposições Temporárias	16
2.1.4. Visitantes e Receitas de Bilheteira	17
2.1.5. Modelo de Gestão, Recursos Humanos e Parcerias	18
2.1.6. Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação	18
2.1.7. Arquitetura	19
2.1.8. Térmica e Instalações Mecânicas	20
2.2. Mercado Municipal de Évora	34
2.2.1. Arquitetura	34
2.2.1.1. Mercado da Fruta	34
2.2.1.2. Mercado do Peixe	35
2.2.2. Térmica e Instalações Mecânicas	36
2.2.3. Horário de Funcionamento e Taxas de Ocupação	36
2.2.4. Modelo de Gestão e Regulamento	38
2.2.5. Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação	39
2.3. Envolvente urbana e enquadramento na cidade	76
2.3.1. Dinâmicas urbanas	80
2.3.2. Mobilidade	87

2.3.3.	Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação	89
2.3.4.	Relação com o Palácio D. Manuel	90
2.4.	Síntese e Pontos Críticos	98
2.4.1.	MADE	98
2.4.2.	Relativamente ao Mercado Municipal 1º de Maio	99
2.4.3.	Relativamente ao espaço público e área envolvente	102
3.	Diagnóstico das dinâmicas turísticas e culturais – Alentejo Central.....	103
3.1.	Dinâmicas Turísticas no Alentejo Central	104
3.1.1.	Oferta e procura turísticas	104
3.1.2.	Pelouro do Turismo.....	117
3.1.3.	Postos Municipais de Turismo e serviços prestados	118
3.1.4.	Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação	120
3.1.5.	Relação dos municípios com os operadores turísticos e redes de cooperação interinstitucional.....	122
3.1.6.	Rotas e circuitos turísticos	123
3.1.7.	Produtos locais	125
3.2.	Dinâmicas Culturais no Alentejo Central.....	128
3.2.1.	Património Cultural Edificado.....	128
3.2.2.	Património Cultural Imaterial.....	130
3.2.3.	Oferta Cultural.....	139
3.3.	Síntese	141
3.3.1.	Pontos críticos relativamente ao turismo	141
3.3.2.	Pontos críticos relativamente à cultura	142

ÍNDICE DE FIGURAS (CAPÍTULO 2)

Figura 1. Museu de artesanato e design (MADE). Vista Aérea.	21
Figura 2. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição de artesanato promovida pelo Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - GARDE, em 1962, que terá estado na origem do Museu de Artes Regionais – MAR, antecedente do MADE.....	22
Figura 3. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem Museu do Artesanato de Évora, anos 60 (Colecção do Arquivo Fotográfico de Évora).	22
Figura 4. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem Exposição do Museu do Artesanato, 1991	23
Figura 5. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem do espaço, vazio, em 2004, após a intervenção para a exposição da Comissão dos Descobrimentos.	23
Figura 6. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição permanente Centro de Artes Tradicionais – CAT.....	24
Figura 7. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição permanente Museu de artesanato e design -MADE	24
Figura 8. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição “Polícias e a arte”, Centro de Artes Tradicionais, 16.07 a 13.11 da 2010.....	25
Figura 9. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição Temporária "Artesanato de Nisa - Ponto por Ponto, Pedra por Pedra", Centro de Artes Tradicionais – CAT, 27 de Maio a 29 de Novembro de 2009	25
Figura 10. Museu de artesanato e design (MADE). Imagens do interior dos diferentes espaços do Museu de artesanato e design – MADE, incluindo entrada, saída de emergência, balcão de recepção, espaços expositivos da colecção permanente de Design e de exposições temporárias.....	26

Figura 11. Museu de artesanato e design (MADE). Imagens do interior dos diferentes espaços do Museu de artesanato e design – MADE, incluindo espaços expositivos da colecção permanente de Artesanato, bancada multimédia, auditório, escadas e patamar de acesso, acesso intermédio a instalações sanitárias e reservas e loja Artesanato Alentejano.....	27
Figura 12. Museu de artesanato e design (MADE). Imagens do exterior do edifício, incluindo fachada principal a partir da praça 1º de Maio; esquina com a rua da República, alçado lateral rua da República, alçado tardoz travessa do Cavaco.....	28
Figura 13. Museu de artesanato e design (MADE). Planta e Alçado Principal, de Projecto de Adaptação do Celeiro Comum a Cadeia Comarcã – 1894	29
Figura 14. Museu de artesanato e design (MADE). Planta s/Esc., s/data. Layout ocupação interior Museu de artesanato e design – MADE.....	30
Figura 15. Museu de artesanato e design (MADE). Planta e alçados rebatidos, Esc. 1/100. Projeto de Execução Museu Distrital do Artesanato – Museografia. AGO 2009.....	31
Figura 16. Museu de artesanato e design (MADE). Planta s/Esc., s/data. Layout ocupação interior Centro de Artes Tradicionais – CAT.....	32
Figura 17. Museu de artesanato e design (MADE). Planta s/Esc., s/data. Layout da exposição Centro de Artes Tradicionais – CAT.....	33
Figura 18. Mercado Municipal de Évora. Planta da cidade de Évora, s/data. Onde figura, na área destacada, a zona de implantação da área de intervenção	40
Figura 19. Mercado Municipal de Évora. Anteprojecto d'un edifício para Tribunal Judicial e suas dependências a construir nas ruínas do Convento de S. Francisco da cidade de Évora (1874). (onde se pode ler “local escolhido para a praça de mercado”)	41
Figura 20. Mercado Municipal de Évora. Planta da cidade d'Évora efectuada por Manoel Joaquim Matos (1882). Onde figura apenas a edificação do actual Mercado de Frescos, com uma implantação perfeitamente definida com pátio central e quatro passagens de acesso, uma em cada fachada.....	42
Figura 21. Mercado Municipal de Évora. Planta da cidade d'Évora 1913. Onde figura já a implantação do actual Mercado de Peixe	43
Figura 23. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior do topo Noroeste da Praça 1º de Maio, vista da fachada Norte, s/data (início séc. XX)	44
Figura 22. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, vista em escorço da fachada nascente com árvores junto ao mercado, s/data (1ª metade séc. XX).....	44

Figura 25. Mercado Municipal de Évora. Imagem do pátio interior do Mercado vendo-se que as passagens de acesso não eram cobertas, e a existência de uma cobertura ligeira em chapa ondulada, prolongando-se das fachadas interiores garantindo sombreamento, s/data (anos 30 (?) séc. XX).....	45
Figura 24. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, vista em escorço da fachada nascente, sem árvores junto ao mercado, s/data (anos 30 (?) séc. XX).....	45
Figura 27. Mercado Municipal de Évora. Imagem da fachada Norte do Mercado do Peixe, s/data (anos 60 (?) séc. XX).....	46
Figura 26. Mercado Municipal de Évora. Imagem exterior do Mercado do Peixe, coberto, vendo-se parcialmente o Mercado de Frescos ainda sem cobertura, s/data (anos 70 séc. XX).....	46
Figura 30. Mercado Municipal de Évora. Imagem da fachada Sul do Mercado de Frescos, já com cobertura, s/data (último quartel séc. XX)	47
Figura 28. Mercado Municipal de Évora. Imagem do pátio interior do Mercado, com bancas em madeira e estruturas ligeiras de sombreamento em serapilheira. S/ data (2ª metade séc. XX).....	47
Figura 29. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior do topo Noroeste da Praça 1º de Maio, vista da fachada Norte, s/data (anos 70 - posterior a 1974).....	47
Figura 31. Mercado Municipal de Évora. Vistas exteriores da construção existente antes da intervenção do Arq. Nuno Lopes	48
Figura 32. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do exterior do edifício do Mercado de Frescos, incluindo fachada principal a partir do topo Noroeste da praça 1º de Maio, espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, e entrada Sul.....	49
Figura 33. Mercado Municipal de Évora. Vistas do interior do Mercado da Fruta e do Mercado do Peixe antes da intervenção do Arq. Nuno Lopes	50
Figura 34. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do interior do edifício do Mercado de Frescos incluindo escala do espaço entre novo corpo construído no interior e fachadas existentes para o pátio, galeria técnica superior, vista do tecto falso que difunde a luz zenital e esconde parcialmente as condutas de insuflação da climatização do mercado, e escadas de acesso às novas mezzanines interiores.	51
Figura 35. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do interior do edifício do Mercado de Frescos incluindo interior renovado das lojas laterais, nova porta tipo de acesso às lojas laterais, acesso de escadas ao piso -1, mezzanines direita e esquerda do interior do mercado.....	52

Figura 36. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do interior do edifício do Mercado de Frescos incluindo vista superior da zona de entrada Norte, com balcão de recepção e piso em vidro para visualizar escavação ao nível do piso -1, vista do espaço museológico em volta da ruína das antigas fundações encontrada na escavação, e vista de um corredor de acesso aos arrumos no piso -1	53
Figura 37. Mercado Municipal de Évora. Interior do edifício do Mercado de Frescos. Imagem das novas bancas sob a mezzanine antes de serem ocupadas.....	54
Figura 38. Mercado Municipal de Évora. Interior do edifício do Mercado de Frescos. Imagem da nova mezzanine com utilização como mercado de roupa (Abr. 2015).Notar o comentário “um mercado fraco”	54
Figura 40. Mercado Municipal de Évora. Imagem do exterior do Mercado de Peixe, vendo-se a fachada Nascente com um cartaz de promoção “VOU À PRAÇA. Procuro a qualidade. Quero Bom”	55
Figura 39. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, ocupado temporariamente como Feira Medieval.....	55
Figura 41. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta piso 0, esc1:100, CME, SET 1998	56
Figura 42. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta Piso 0, Esc. 1:100, CME, MAI 2001	57
Figura 43. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta piso 0,esc1:100, CME, SET 1998	58
Figura 44. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta do Piso 1, Esc. 1:100, CME, SET 1998	59
Figura 45. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta Piso -1, Esc. 1:100, CME, MAI 200	60
Figura 46. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta Cobertura, Esc. 1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF.....	61
Figura 47. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Alçados, Esc. 1:100, CME, SET 1998.....	62
Figura 48. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Alçados, Esc. 1:100, CME, MAI 2001	63

Figura 49. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Cortes, Esc. 1:100, CME, SET 1998	64
Figura 50. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Cortes, Esc. 1:100, CME, MAI 2001	65
Figura 51. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, imagens actuais do exterior e interior do edifício, incluindo vista frontal do volume em vidro que define a entrada para espaço Divinus Gourmet, com acesso de escada ao piso inferior; vista perspectivada do espaço interior destinado a venda e circulação; vista frontal de bancas de venda e respectivos expositores, Outubro 2016.	66
Figura 52. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, imagens actuais do interior da sala reservada ao espaço Divinus Gourmet; vista interior da entrada no volume em vidro desde a base das escadas que estabelecem o acesso à sala Divinus Gourmet, no piso -1; vista da cobertura, Outubro 2016.	67
Figura 53. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Planta do Rés-do-chão, Esc. 1:100, CME, SET 1998.....	68
Figura 54. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta do Rés-do- chão, Esc. 1:100, CME, Junho 2006.....	69
Figura 55. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Planta da Cave, Esc. 1/100, CME, SET 1998.....	70
Figura 56. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta da Cave, Esc. 1/100, CME, Junho 2006.....	70
Figura 57. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Planta da Cobertura, Esc. 1/100, CME, SET 1998.	71
Figura 58. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Alçados, Esc. 1/100, CME, SET 1998.....	72
Figura 59. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Alçados, Esc. 1/100, CME, Junho 2006.....	73
Figura 60. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Cortes, Esc. 1/100, CME, SET 1998.....	74

Figura 61. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Cortes, Esc. 1/100, CME, Junho 2006.....	75
Figura 63. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Vista aérea de 2002, onde é possível observar o conjunto urbano da Praça 1º de Maio, incluindo espaços verdes e de estacionamento, e elementos construídos como a Igreja de S. Francisco, o Mercado Municipal de Évora e o Palácio de D.Manuel.....	77
Figura 62. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Vista aérea de 1995, onde figura o MADE, o Mercado Municipal de Évora antes da intervenção do Arq. Nuno Lopes, a Praça 1º de Maio e a Igreja de S. Francisco	77
Figura 64. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Planta de Évora onde estão indicadas as Cercas Nova e Antiga, s/data, s/escala	78
Figura 65. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Planta de Évora onde figura o estado atual das Muralhas de Évora.....	79
Figura 66. Igreja de S. Francisco. Vista da Igreja de S. Francisco, datada de 1873, onde se pode observar uma caixa de água renascentista.....	82
Figura 67. Igreja de S. Francisco. Vista da Igreja de S. Francisco, 1940-1959.....	83
Figura 68. Igreja de S. Francisco. Vista da Igreja de S. Francisco, onde ainda se pode observar parte do antigo convento (em demolição), 1895-1940.....	83
Figura 69.. Igreja de S. Francisco. Vistas da Igreja de S. Francisco na situação atual.	84
Figura 70. Igreja de S. Francisco. Planta da Zona de Protecção, Esc.1/50, com marcação dos limites das zonas de protecção e das zonas vedadas a construção	85
Figura 71. Igreja de S. Francisco. Cortes de pormenor onde se pode ver o desenho das abóbadas, s/data, s/ Esc. Planta do Piso 0, s/data, Esc.1/500.....	86
Figura 72. Mobilidade. Planta com a localização dos lugares de estacionamento na envolvente do Mercado Municipal. Nela, é possível verificar os lugares destinados a residentes, tarifado e cargas e descargas	88
Figura 73.. Mobilidade. Planta de localização com paragem assinalada a verde, referente ao serviço “Évora City Tour”, levado a cabo pela empresa Rodoviária do Alentejo; imagem do transporte referido	88
Figura 74. Mapa com a localização dos principais <i>hotpots</i> de Internet pública <i>wireless</i> no centro histórico de Évora atualmente existente e o plano da sua extensão.	89
Figura 76. Palácio de D.Manuel. Imagem do exterior do Palácio de D.Manuel, de 1906.....	91
Figura 75. Palácio de D.Manuel. “Palácio de D.Manuel (Sé e São Pedro, Évora)”.....	91

Figura 77.. Palácio de D. Manuel. “Imagem do Palácio de Dom Manuel (Jardim Público), antes de iniciadas as obras projectadas por Cinnatti (iniciadas em 1863)”, autor desconhecido, 1863; “Palácio de Dom Manuel, no Jardim Público (...)” Autor desconhecido, 1888-1916; “Palácio de Dom Manuel após o fogo de 1916”, José Monteiro Serra, 1916.	92
Figura 78. Palácio de D.Manuel. “Palácio de D.Manuel – Galeria Manuelina (Sé e São Pedro, Évora)”; “Palácio de Dom Manuel”, António Passaporte, 1940-1950.	93
Figura 79. Palácio de D.Manuel. Imagem actual do exterior do Palácio de D.Manuel, como parte integrante do Jardim Público de Évora, Outubro 2016.	94
Figura 80. Palácio de D.Manuel. Vista da relação existente entre o Palácio de D.Manuel e o Mercado do Peixe, Outubro 2016.....	94
Figura 81. Palácio de D.Manuel. Planta da Zona de Protecção, Esc.1/50, com marcação dos limites das zonas de protecção e das zonas vedadas a construção.	95
Figura 82. Palácio de D.Manuel. Planta do Piso do Rés-do-chão e Alçado Principal, s/ data, s/ escala.	96
Figura 83. Palácio de D.Manuel. Axonometria Palácio de D.Manuel, VMSA Arquitetos	97

EQUIPA TÉCNICA

Técnicos	Formação	Funções
QUATERNAIRE PORTUGAL		
Elisa Pérez Babo	Economia Vogal do Conselho de Administração da Quaternaire Portugal	Coordenação geral
José Portugal	Antropologia Consultor da Quaternaire Portugal	Desenvolvimento de propostas de modelo e programas
Mariana Feijó	Antropologia Consultora estagiária da Quaternaire Portugal	Levantamento e diagnóstico de situação
Pedro Quintela	Sociologia Consultor da Quaternaire Portugal	Desenvolvimento de propostas de modelo e programas
CONSULTORES EXTERNOS		
Andreia Magalhães	História de Arte	Museologia
Frederico Ferreira	Artes Plásticas – Escultura	Tecnologias de Informação e Comunicação
Leonor Nieto Babo	Design de Comunicação	Design de Comunicação, Design Expositivo, Branding
Luís Tavares Pereira	Arquitetura	Programa de arquitetura
Narciso Melo	Engenharia Informática	Tecnologias de Informação e Comunicação
Nuno Prata	Engenharia Química	Empreendedorismo /acolhimento empresarial

1. APRESENTAÇÃO

O presente Relatório sistematiza a informação recolhida pela equipa da Quaternaire Portugal em termos de caracterização e de diagnóstico da situação das duas estruturas existentes – o Mercado Municipal de Évora e o Museu de Artes e Design de Évora (MADE), bem como, da sua inserção no contexto do Centro Histórico da cidade, mas particularmente, no espaço da Praça 1ª de Maio e da sua relação com o Palácio D. Manuel.

Esta primeira fase dos trabalhos tem por objetivo identificar todos os pontos críticos bem como o potencial associado a estas estruturas, de forma a permitir conceber e delinear o modelo para as novas estruturas propostas – Centro de Acolhimento Turístico de Évora e do Alentejo Central e Centro Interpretativo do Alentejo Central, de acordo com as premissas já enunciadas no âmbito do Concurso Público e da Memória Descritiva e Justificativa apresentada pela equipa a esse concurso.

O Capítulo 2 do presente relatório debruça-se portanto numa análise aprofundada das características físicas, funcionais e percebidas dos espaços – dos dois equipamentos e do espaço público envolvente. Desta análise surge um conjunto de pontos críticos, que são sistematizados para cada uma dessas componentes no ponto 2.4 deste capítulo, e que sugerem ou vêm confirmar, em termos preliminares, algumas ideias ou sugestões para o novo modelo de ocupação destes espaços.

De acordo com as propostas já enunciadas em sede do Concurso Público e da Memória Descritiva e Justificativa que a equipa da Quaternaire Portugal apresentou, confirmam-se os cenários de:

- ❖ Uma ocupação do edifício do Mercado do Peixe para instalação do Centro de Acolhimento Turístico de Évora e do Alentejo Central, deixando ao edifício atual do Mercado da Fruta a função original de mercado de frescos e associando-lhe a componente de venda de peixe fresco;
- ❖ Uma reestruturação do programa do edifício do MADE para o Centro Interpretativo do Alentejo Central, confirmando a necessidade de encontrar uma nova solução para a instalação expositiva da coleção de peças de *design* do Prof. Paulo Parra.

Esta primeira fase dos trabalhos incluiu ainda um aprofundamento do conhecimento que a equipa já dispunha das dinâmicas turísticas e culturais dos municípios que integram o Alentejo Central. Nesse sentido e com base na análise documental e estatística e dos resultados das visitas a todos os municípios envolvidos, onde se realizaram reuniões específicas com elementos dos respetivos Executivos Municipais, com elementos técnicos e com algumas visitas a estruturas patrimoniais mais relevantes, procedeu-se a uma sistematização integrada dessa informação.

O modo como é apresentado o capítulo 3 procura, mais do que uma descrição muito aprofundada e totalmente completa¹ da informação disponível sobre as dinâmicas turísticas e culturais do Alentejo Central, fornecer uma visão integrada e territorial dessas dinâmicas, de modo a proporcionar elementos pertinentes para a configuração do modelo global de acolhimento e encaminhamento de turistas na cidade de Évora e desta para os restantes municípios do Alentejo Central e de interpretação de todo o seu território.

Procurou-se ainda elaborar uma análise mais apoiada em imagens /gráficos, que fossem interpretativas dos dados quantitativos e qualitativos recolhidos e tratados. No final deste capítulo 2 procedeu-se a uma síntese preliminar de pontos críticos, que servirá de ponto de partida para o trabalho de desenvolvimento e proposta do modelo global, conforme a metodologia proposta.

Da síntese global de pontos críticos evidenciam-se dois aspectos determinantes:

¹ Alerta-se para o facto de a equipa não ter conseguido normalizar e garantir uma homogeneidade de informação para todos os municípios, uma vez que tal dependeu em boa parte do envio de elementos, adicionais às visitas realizadas, por parte dos responsáveis e das equipas técnicas das respetivas autarquias locais.

- ❖ por um lado, se existe sem dúvida uma concentração de dinâmica turística no município de Évora, o restante território começa a demonstrar capacidades diferenciadas de dinamização da oferta e procura turísticas, com especial desempenho por parte do município de Reguengos de Monsaraz, que já se destaca;
- ❖ por outro lado, apesar dos traços comuns da identidade da região, que podem ser associados a um conceito de paisagem, na relação que o homem ao longo da história foi cultivando e estabelecendo com este território, os 14 municípios do Alentejo Central oferecem uma diversidade de recursos específicos, cuja apresentação e interpretação integradas virão a contribuir, sem dúvida, para uma permanência mais prolongada dos turistas que visitam a região, sobretudo dentro dos segmentos do turismo cultural, do turismo de natureza e do turismo criativo.

Por fim, importa referir que no desenrolar das fases seguintes, mas em especial na terceira fase dos trabalhos, ao desenhar os modelos específicos de programa e de solução de gestão para cada uma das duas estruturas, se virão a aprofundar algumas das informações já sistematizadas no âmbito deste primeiro relatório, desde que se desmonstre pertinente e necessário.

2. ANÁLISE DAS ESTRUTURAS EXISTENTES

Na sequência do trabalho de análise documental e também da realização de várias visitas técnicas aos espaços e equipamentos infraestruturais objeto privilegiado desta intervenção, que forma, de forma geral, complementadas pela realização de reuniões e conversas informais com diversos técnicos e responsáveis ligados a este projetos, apresenta-se, de seguida, uma síntese que resulta da análise e reflexão crítica da equipa da Quaternaire Portugal acerca destes diversos elementos.

O presente capítulo encontra-se organizado do seguinte modo: um primeiro ponto é dedicado à descrição e análise das principais características físicas e funcionais do Museu de Artesanato e Design; de seguida, apresenta-se uma descrição e análise das principais características físicas e funcionais do Mercado Municipal de Évora; e, num terceiro incide na envolvente urbana aos três equipamentos a intervencionar, considerando na sua análise as perspetivas urbanística e de funcionamento (dinâmicas funcionais e conviviais). Note-se que, pontualmente, serão introduzidas neste diagnóstico algumas ideias e sugestões que, num horizonte de curto prazo, se considera que poderão ajudar a melhorar o desempenho das infraestruturas a intervencionar, nomeadamente junto do mercado turístico, ultrapassando assim determinados constrangimentos identificados pela equipa. Estas ideias e sugestões estarão devidamente destacadas da análise da situação atual, encontrando-se inseridas em caixas de texto. Finalmente, encerra-se o capítulo apresentando uma síntese que visa, por um lado, sistematizar os principais pontos críticos que se colocam às estruturas existentes face aos desafios dos novos programas para a instalação dos Centros de Acolhimento Turístico e de Interpretação do Alentejo Central e, por outro lado, apresentar, ainda que de um modo preliminar, de algumas ideias de proposta/resolução dos problemas enunciados.

2.1. MUSEU DE ARTESANATO E DESIGN (MADE)

O Museu de Artesanato e Design (MADE), inaugurado em 2011, descende de anteriores projetos museológicos dedicados às artes e ofícios tradicionais do Alentejo. Instalado em de Évora, mais especificamente no antigo Celeiro Real Comum do Monte da Piedade, construído entre 1777-78, após demolição do paço gótico dos Duques de Coimbra D. Jorge de Lencastre e D. Brites de Vilhena, o atual MADE beneficia de uma implantação num edifício de claro valor histórico-patrimonial, localizado em pleno centro histórico da cidade. Trata-se de um projeto museológico que tem origem em programas anteriores, de natureza semelhante, instalados no mesmo edifício. Antecederam-lhe o inicial Museu de Artesanato Regional (1962-1991), tutelado pela Assembleia Regional, depois sucedido pelo Centro de Artes Tradicionais de Évora (2007-2010), tendo sido então assumida a sua gestão pela Turismo do Alentejo e do Ribatejo, Entidade Regional de Turismo (ERT). O Centro de Artes Tradicionais de Évora teve como principais eixos de ação a valorização, divulgação e preservação das artes tradicionais dos catorze concelhos do distrito de Évora “assumindo-se como núcleo central de um museu vivo, polinucleado, formado pelos centros produtores, oficinas e pequenos museus” do território (*Marcas de Identidade - Roteiro da Exposição Permanente do Celeiro Comum*, 2009), tendo sido sobretudo pensado como um projeto de valorização turística e de revitalização dos ofícios tradicionais.

O subsequente MADE, inaugurado em Novembro de 2011, conforme foi referido antes, veio substituir este projeto. Em relação aos anteriores projetos, a grande distinção do MADE passou pela busca de associação do artesanato regional a uma coleção de design internacional, presente na atual exposição permanente. Este projeto desenvolveu-se, por um lado, pela possibilidade de depósito no MADE de uma relevante coleção particular de design internacional industrial dos séculos XIX e XX, detida pelo colecionador Paula Parra, com quem a Turismo do Alentejo e do Ribatejo, ERT e a Câmara Municipal de Évora celebraram um protocolo em Setembro de 2010, analisado adiante. Simultaneamente, o interesse e oportunidade de avançar com o projeto do MADE decorre ainda do facto do Centro de Artes Tradicionais de Évora ter vindo a perder, progressivamente, um grande número de visitantes. Este último e atual projeto correspondeu, assim, a uma tentativa de regenerar e atualizar a exposição, articulando a vasta coleção de artesanato com a coleção de design – objetivo que, contudo, a exposição atualmente patente no MADE não reflete, resultando num compromisso que não beneficia nenhum dos acervos.

2.1.1. Exposição permanente

A exposição permanente do MADE apresenta deficiências estruturais. Para além da ausência de narrativa ou linha discursiva; de textos de enquadramento ou da exposição; carência de informação das peças; ambas as coleções (artesanato + design) estão fisicamente separadas, não se estabelecendo nenhuma ligação formal, funcional ou estética, como a inicialmente prevista.

A maioria do acervo de artes e ofícios está disposto em vitrines. Esta solução não estabelece uma relação discursiva entre as peças notando-se apenas uma organização por materiais (madeira, cortiça, barro, têxteis) ou tipologias de ofícios (cerâmica), não criando relações entre as peças para além das mais imediatas. Não foi criado um discurso aprofundado que trace camadas de leitura ou interação entre/ e sobre as obras em exposição, as artes, as ações, saberes e as regiões a que estão associados, o que não valoriza as artes tradicionais convocadas na exposição. Isoladas e descontextualizadas, as peças são acompanhadas de legendas com informação muito elementar que, na maioria dos casos, se limita ao nome do objeto, sendo raramente apontados o local de proveniência e data alargada. Em algumas situações não é sequer clara a função/utilização das peças. Nota-se também ainda a falta de uniformidade nas legendas e o facto de estarem apenas disponíveis em português.

Acresce ainda o facto de as vitrines só permitirem uma seleção bastante reduzida de peças, o que não permite a possibilidade de expor vários exemplares de cada arte, para que se possa conhecer a diversidade, a variedade formal, a evolução ou a manutenção das formas, dos materiais, etc. Simultaneamente, parece-nos que a qualidade dos objetos selecionados para exposição nem sempre correspondeu a iguais critérios. Por fim, o contraste de parca ocupação das vitrines do acervo com as de design mais preenchidas é notório.

No caso de artes de valor patrimonial universalmente reconhecido, como a arte chocalheira, recentemente integrada numa das Listas de Património Cultural Imaterial da UNESCO, não existe nenhuma informação sobre a sua condição patrimonial. Aliás, a riqueza patrimonial do Alentejo, seja material, imaterial ou paisagística, detentora de um valor nacional e universal de reconhecida importância (com candidaturas à inscrição nas Listas de Património da Humanidade da UNESCO que foram já validadas, como o cante, e outras que se encontram já em processo de desenvolvimento, como a do Montado, ou até mesmo em fase de apreciação, como a do figurado de barro de Estremoz) tem diminuída expressão na atual exposição permanente do MADE.

Propõe-se que, enquanto a exposição não for alterada, se uniformize as legendas, se crie pelo menos a tradução para inglês, e se acrescente informação mais desenvolvida sobre cada objeto em exposição, nomeadamente sobre as funções/utilizações. A criação de uma folha de sala também poderá auxiliar bastante os visitantes. Dado o valor do edifício do Celeiro Real, considera-se que deverá também existir informação sobre a memória do lugar.

A exposição é complementada pela projeção de um filme documentário sobre as artes e ofícios do Alentejo Central. O filme é exibido num pequeno auditório, contíguo à exposição permanente, complementando substancialmente a exposição pela informação acrescida que transmite sobre artes e ofícios, artesãos e concelhos do Alentejo Central. O filme documentário foi produzido há já alguns anos, sendo um valioso documento histórico que poderá ser recuperado para uma futura exposição. Deverá, no entanto, ser acompanhado de outros filmes, relativos a períodos mais antigos e mais recentes, permitindo, deste modo, obter uma maior amplitude histórica na abordagem proposta aos saberes-fazer e ao património cultural, material e imaterial, alentejanos.

2.1.2. Acervo

O acervo do MADE é formado por objetos etnográficos relativos às artes e ofícios mais emblemáticos do Alentejo Central. Parte deste acervo tem origem no extinto Museu Regional de Artesanato de Évora, tendo sido posteriormente aumentado com a atividade do Centro de Artes Tradicionais. É hoje tutelado pela CIMAC, constituindo a coleção de base do museu e da futura exposição permanente.

No âmbito deste projeto ainda não se procedeu à verificação do estado de preservação dos exemplares, conhecendo-se apenas a informação disponível no inventário cedido pela Turismo do Alentejo e do Ribatejo, ERT. O acervo está inventariado, embora com limitações de acesso digital, uma vez que os dados foram inseridos no programa de inventário de de gestão de coleções Matriz (atualmente apenas utilizado pelos organismos da Direção Geral de Património Cultural). Os constrangimentos de acesso ao programa tornam os registos de difícil consulta e gestão, sendo um impedimento à sua atualização. Ressalva-se, no entanto, que as fichas de inventário – entretanto impressas em papel, tendo sido, posteriormente, digitalizadas para serem disponibilizadas à equipa – estão aparentemente bastante completas, formando assim uma base de trabalho essencial no conhecimento, trabalho e divulgação da coleção.

Da consulta ao inventário conclui-se que o acervo tem sobretudo peças de cerâmica e olaria – nomeadamente, bonecos e olaria de Estremoz, cerâmica e olaria de Viana do Alentejo e olaria do Redondo. Noutros materiais e de outras regiões do Alentejo Central tem exemplares de objetos feitos de chifre (Évora) e cortiça (Arraiolos e Évora). Nota-se ainda que, pese embora existirem numerosos exemplares, há pouca diversidade autoral, sendo as peças de várias destas coleções de um número reduzido de artesãos (como acontece, por exemplo, no caso dos objetos em chifre que são provenientes de apenas dois centros de produção). Não é, contudo, claro que a totalidade do acervo esteja inventariado – situação que será necessário esclarecer no futuro. Os registos de inventário fornecidos à equipa foram impressos em 2002 – sendo, portanto, anteriores à criação do MADE –, pelo que não contemplam peças eventualmente incorporadas neste intervalo temporal. De igual modo, também não dispomos de registos sobre muitas das peças em exposição identificadas como empréstimos.

Estão ausentes do acervo identificado no inventário muitas das artes e ofícios mais importantes do Alentejo Central, que será fundamental localizar e angariar no futuro – como sejam as mobílias, os tapetes de Arraiolos e a arte chocalheira das Alcáçovas. Para além dos ofícios tradicionais, deverão ainda ser incorporados (através, nomeadamente, de angariação por transferência, empréstimo, doação ou depósito) outras manifestações culturais tão relevantes como, por exemplo, os bonecos de Santo Aleixo, o cante alentejano e outros cantares tradicionais.

O acervo do MADE encontra-se parcialmente em exposição, estando na sua maioria acondicionado nas reservas. O espólio em reserva não se encontra em boas condições de acondicionamento. As reservas, e em particular as suas condições, têm um papel fundamental na gestão dos bens culturais em museus. Ora, ocorre que atualmente as reservas do MADE não estão organizadas, nem os objetos estão devidamente identificados e acondicionados. A instalação de objetos em reserva é uma das principais medidas da conservação preventiva e a situação particular em que se encontram os bens culturais não permite assegurar a gestão de riscos que possibilite a avaliação do estado dos bens, sendo ainda um impedimento ao correto manuseamento. Considera-se, por isso, ser necessária uma reorganização do atual sistema de reserva, bem como uma avaliação das condições do edifício, o estabelecimento de planos de segurança, de regulamentos de empréstimo, de normas de manuseamento e do estabelecimento de limites para a utilização de objetos. Este conjunto de procedimentos devem ser definidos no Manual de Procedimentos de Conservação Preventiva da Coleção que o MADE ainda não tem e que deverá criar, pois trata-se de um documento fundamental para a gestão e preservação de coleções e, como tal, um elemento essencial no processo de creditação dos museus nacionais à Rede Portuguesa de Museus. Por fim, salienta-se ainda a ausência de uma política de gestão de coleções que defina modos de gestão, incorporação e de desenvolvimento da coleção, e que estabeleça ainda as políticas que orientam o uso e o acesso à coleção, nomeadamente em termos de acesso, empréstimos, incorporação e catalogação.

2.1.3. Exposições Temporárias

Desde a sua abertura, em Novembro de 2011, que o MADE se propôs a apresentar, em complementaridade com a sua exposição permanente, um conjunto de exposições temporárias. Conforme se poderá perceber, de seguida, analisando a listagem do conjunto de exposições temporárias realizadas no MADE, até Setembro de 2016, o número anual de exposições temporárias realizadas tem variado, sendo que, desde 2013, estabilizou em quatro exposições temporárias realizadas anualmente:

- 2011 – Exposição *Cadeiras do Design Nacional* Coleção Paulo Parra
- 2012 – Abril a Outubro – Exposição Temporária *Tapetes Hortense*, de Maria Hortense Canelas
- 2012 – Outubro a Janeiro 2013 – Exposição Temporária *Geometria da Lã*, de João Bruno Videira
- 2013 – Fevereiro a Abril de 2013 – Exposição Temporária *Recriações*, de Gregório Figueiredo
- 2013 – Abril a Julho de 2013 – Exposição Temporária *A Arte de trabalhar o ferro*, de António Moreira
- 2013 – Julho a Outubro 2013 – Exposição Temporária *Monumentos Vivos na história de um Artesão*, de Manuel Miranda
- 2013 – Outubro a Janeiro 2014 – Exposição Coletiva dos artesãos anteriormente referidos
- 2014 – Janeiro a Abril 2014 – Exposição Temporária *Lux Feminae*, de Marta Riera e Maria Antónia Viana
- 2014 – Abril a Julho 2014 – Exposição Temporária de Cerâmica de Francisco Rosado
- 2014 – Julho a Outubro 2014 – Exposição Temporária *E a cortiça fez-se arte na mão dos homens*, de Robcork
- 2014 – Outubro a Janeiro 2015 – Exposição Coletiva dos artesãos anteriormente referidos
- 2015 – Janeiro a Abril de 2015 – Exposição Temporária *Mouras Encantadas*, de Sofia Pinto Correia
- 2015 – Abril a Julho 2015 – Exposição Temporária *O Azul do Alentejo sob o meu olhar*, de Ingrid Simons
- 2015 – Agosto a Outubro 2015 – Exposição Temporária *Arte São Nata*, de Joana Leal
- 2015 – Outubro a Janeiro 2016 – Exposição Coletiva dos artesãos anteriormente referidos
- 2016 – Janeiro a Abril 2016 – Exposição Temporária *Chocalhos Acervo do MADE*
- 2016 – Abril a Julho 2016 – Exposição Temporária *A Arte em Gerações*, de Paulino Ramos e Inês Ramos
- 2016 – Agosto a Outubro 2016 – Exposição Temporária *Metamorfoses Harmoniosas*, de Pedro Marques

Em termos espaciais, importa referir que as exposições temporárias realizam-se num espaço localizado no centro da exposição permanente do MADE. No entanto, este é um espaço que, na sua configuração atual, se revela relativamente desadequado, na medida em que, para além de ser pequeno, também não apresenta as melhores condições para a exposição das peças, designadamente em termos de iluminação e também um certo isolamento em termos visuais e sonoros que permita uma efetiva separação da área de exposição permanente. Na verdade, dir-se-ia que a presença da atual área de exposições temporárias, e da sua respetiva oferta de programação, parece até acentuar algumas das debilidades da exposição permanente, nomeadamente em termos de uma falta de clareza no percurso de visita.

As exposições temporárias deveriam ser complementares da exposição permanente e da atividade do museu, sendo aconselhável definirem-se critérios de temas, tipologias e de qualidade para a sua inserção na programação anual. Considera-se, assim, que a manutenção de um programa de exposições temporárias deve ser tão planeada quanto a exposição permanente e outros eventos organizados pelo museu, não devendo ser tratada como uma sala livre que está à disposição de propostas variadas.

2.1.4. Visitantes e Receitas de Bilheteira

De acordo com informação fornecida pela Turismo do Alentejo, 20.450 pessoas visitaram o MADE nos últimos cinco anos (de Janeiro 2011 a Setembro de 2016). Importa, contudo, salientar que se registou uma certa oscilação no número de visitantes do museu, existindo mesmo uma significativa recuperação de visitantes relativamente ao ano de 2011 (o pior ano do período aqui considerado, o que facilmente se compreende, tendo em consideração que o MADE inaugurou em Novembro desse ano) que, apesar de tudo, continuam a ser bastante escassos (dependendo dos anos considerados, a média mensal rondará os 300 a 350 visitantes/mês), sobretudo atendendo à posição privilegiada deste equipamento no contexto dos fluxos turísticos da cidade de Évora. Considerando assim estes últimos cinco anos, verificou-se a seguinte distribuição anual de visitantes do MADE: 235 em 2011, 3.410 em 2012, 3.680 em 2013, 4.464 em 2014, 4.442 em 2015 e, finalmente, 3.559 visitantes em 2016.

Em termos de perfil, os visitantes do MADE nos últimos 5 anos têm genericamente as seguintes características:

- A maioria dos visitantes (64,85%) do MADE, entre Janeiro 2011 e Setembro de 2016, têm bilhete normal;
- No período considerado, estes visitantes são maioritariamente nacionais (56,63%), embora sejam sobretudo os estrangeiros quem paga bilhete (51,03% do total de valor de caixa);
- O público escolar é ainda relativamente baixo: os estudantes correspondem, no total, a 3,21% do total de visitantes nacionais/estrangeiros que foram ao MADE entre 2011 e Setembro de 2016 (com um maior peso de estudantes nacionais do que estrangeiros – respetivamente, 4,56% e 2,85%);
- O público sénior (com idade igual ou superior a 65 anos) e os visitantes que beneficiam de bilhete familiar têm um peso significativo (correspondem, respetivamente, a 15,38% e 13,66% no período considerado), repartindo-se de forma relativamente equilibrada entre nacionais e estrangeiros;
- As visitas organizadas (1,93% do total de visitantes) são sobretudo realizadas por portugueses (somente 0,45% do total de visitantes estrangeiros que foram ao MADE, no período considerado, encontram-se inseridos em visitas organizadas);
- As visitas inseridas em excursões têm também um peso residual, não atingindo 1% do total dos ingressos (237 ingressos vendidos nesta categoria, ao longo de cinco anos, repartindo-se entre 153 visitantes nacionais e 84 estrangeiros).

Em conformidade com o gradual incremento do número de visitantes do MADE, também as receitas de bilheteira têm registado um aumento gradual nos últimos anos (com a exceção de 2016, cujos dados fornecidos à equipa estão incompletos, abrangendo apenas os 3 trimestres iniciais). No total, o MADE registou uma receita de 24.339€, entre Janeiro de 2011 e Setembro de 2016. Numa análise anual destes valores, verifica-se a seguinte distribuição: em 2011, 347€; em 2012, 4.303€; em 2013, 4.369€; em 2014, 5.289€; em 2015, 5.422€; em 2016 (até Setembro), 3.810€. Conforme já referido, embora exista um certo equilíbrio, a percentagem de visitantes que pagam bilhete no MADE é superior entre os estrangeiros (51,03% dos total visitantes que pagaram bilhete para visitar o museu no período considerado). Refira-se ainda que na sua esmagadora maioria (99,68%) os pagamentos destes ingressos são feitos em numerário. Para além das receitas de bilheteira, importa ainda notar que as receitas decorrentes da venda dos cinco catálogos disponíveis no MADE: 1.080€ (entre Janeiro 2011 e Setembro 2016). Refira-se que estas vendas correspondem aos catálogos das seguintes exposições: “25 mestres do Design Internacional”, “Cadeiras de Design Nacional”, “Marcas de Identidade - Português”. “Redondo: Um Século de Barros” e “Marcas da Identidade – Inglês” (respetivamente, 400€, 230€, 230€, 150€ e 70€).

2.1.5. Modelo de Gestão, Recursos Humanos e Parcerias

Localizado num edifício propriedade do Ministério das Finanças, o MADE encontra-se cedido, mediante protocolo, à antiga Região de Turismo de Évora e à Assembleia Distrital de Évora para ser utilizado como espaço museológico dedicado às artes e ofícios tradicionais.

Em Setembro de 2010 foi celebrado um acordo, devidamente formalizado em protocolo, entre o Prof. Paulo Parra, colecionador proprietário da coleção de design internacional que passou, desde então, a integrar a exposição permanente do MADE, a Turismo do Alentejo e do Ribatejo, ERT e ainda a Câmara Municipal de Évora (CME). Trata-se de um protocolo que estabelece um período de vigência de dez anos, passível de renovação, estipulando um conjunto de objetivos bastante ambiciosos, nomeadamente em termos de dinamização de exposição e de investigação, que, na sua generalidade, parecem ter ficado aquém do inicialmente pretendido. Ainda de acordo com este acordo de colaboração, a direção do MADE deverá ser repartida entre o Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT, a CME e o colecionador Paulo Parra. Na prática, a gestão corrente do MADE tem sido assegurada entre o Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT, que para além de garantir o pagamento do aluguer anual do imóvel ao Estado, assegura ainda os custos de limpeza (em regime de contratação externa, realiza-se duas vezes por semana), telefone e pessoal, e a CME, a quem cabe assegurar todas as despesas de eletricidade, água, seguro e segurança ativa e passiva. Relativamente aos custos permanentes do MADE, apenas foi possível recolher informações relativamente aos gastos médios anuais suportados pelo Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT, a saber: 504€ em telefone; 2.340€ em serviços de limpeza; e, finalmente, 15.316€ em custos com pessoal.

Em termos de recursos humanos afetos ao museu, o MADE dispõe atualmente de apenas dois técnicos em permanência, sendo um deles quadro do Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT e outro da CME. Assinale-se ainda, por outro lado, que não existem atualmente a trabalhar no MADE técnicos com formação específica em áreas com relevância para o funcionamento do museu, como sejam a da museologia, da história de arte ou conservação.

Embora não estivesse inicialmente previsto em Abril de 2013, o Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT entendeu celebrar com a AARTOÉ – Associação de Artes e ofícios de Évora, um Protocolo para a Dinamização do Espaço Loja do MADE. Para além de possibilitar a venda direta ao público de peças de artesanato de associados da AARTOÉ, a utilização deste espaço loja do MADE permite ainda realizar trabalho ao vivo/demonstrações, complementando e enriquecendo a visita às exposições (permanente e temporária) do museu (nomeadamente, em contexto de visitas organizadas de grupos e escolas).

2.1.6. Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação

Após levantamento e análise de todos os sistemas e tecnologias existentes no MADE constatou-se que atualmente existe acesso a rede de dados estruturada no interior do edifício. Embora neste momento não seja possível aceder à rede pública gratuita de Internet *wi-fi* na área envolvente ao edifício do museu, está previsto que esta cobertura venha a ser alargada e melhorada ao longo do primeiro semestre de 2017.

Ao nível de equipamento, e de acordo com o levantamento de equipamentos informativos e audiovisuais disponibilizado, foi possível apurar que o MADE encontra-se equipado com dois computadores, equipados com *software* de bilheteira e faturação; dois ecrãs plasma com leitor de CD/ DVD; um vídeo-projetor; e sistema de som. Não existem equipamentos interativos.

2.1.7. Arquitetura

O edifício do antigo Celeiro Comum de Évora, onde está presentemente localizado do MADE, apresenta três fachadas expostas à rua, e uma, a poente, ao interior do quarteirão, e ocupa um terreno em declive, na esquina da Rua da República com o acesso norte à Praça 1º de Maio. Assume a cota de piso com a Travessa do Cavaco, nas traseiras, onde uma porta dá acesso direto e (quase) de nível ao antigo depósito do trigo. Para a Praça 1º de Maio apresenta a altura de dois pisos, sendo um de aterro, com uma escadaria monumental centrada na composição simétrica e barroca da fachada que corresponde, na realidade, a uma falsa simetria. Esta falsa simetria corresponde a um telhado de quatro águas sobre o espaço do depósito elevando-se sobre a cobertura do corpo nascente, permitindo assim iluminação e ventilação direta para o espaço a partir de nascente, apesar de se encontrar num ponto interior do lote. O imóvel é constituído pelo depósito, em si, e pelas salas de sessões, sala vaga, cartório e moradia do tesoureiro, com suas dependências cómodas mas vulgares, que compreendem o piso alto e se atingem através da escadaria principal, coberta de abóbada em 1778, e que termina em patamar de três entradas. Estas dependências encontram-se hoje afetas a outros serviços, com entrada independente pela Rua da República.

A área do edifício hoje afeta à função museológica, corresponde ao espaço livre do antigo depósito de trigo, “amplíssimo salão de planta rectangular, onde se recolhiam cerca de cinco milhões de quilos do precioso cereal. Construído em alvenaria, é formado por um rectângulo de 30,10 m de comprimento, 21,60 m de largura, e 6,25 m de altura, com quatro naves de cinco tramos divididos por pilares de secção poligonal, de cornijas muito acentuadas e fechado por abóbada de penetrações, com arcos redondos de aduelas almofadadas. As doze colunas centrais assentam em robustíssima sapata de granito, e estiveram recobertas de alvenaria de 1821 a 1962. A iluminação da dependência faz-se por vastas janelas rectangulares, emolduradas, vulgares”² localizadas entre arcos, na parte superior da parede. De seguida, apresenta-se uma breve sistematização e análise das principais transformações a este espaço foi sendo sujeito ao longo do tempo, decorrentes da necessidade de adaptação desta área do antigo Celeiro Comum de Évora aos sucessivos projetos expositivos que, desde o início da década de 1960, aqui têm sido montados.

Desde 1962 que o espaço tem vindo a ser dedicado à exposição de Artes Tradicionais, sofrendo sucessivas adaptações para esse efeito. Até ao final do século XX, o espaço apresentava um pavimento de tijoleira em grandes peças quadradas com a irregularidade e desgaste próprias do material. Nesse período, por ocasião de uma exposição para a Comissão dos Descobrimentos Portugueses, recebeu um pavimento autonivelante amarelo que corrige a cota impercetivelmente inclinada do piso original – como se pode ver pelas bases dos pilares em relação com o piso atual. A imagem de 1962 revela-nos um espaço rebocado em torno dos pilares, com pintura decorativa. Simultaneamente, permite ainda detetar a existência dos pilares com a pedra à vista, bem como a presença dos arcos e abóbodas pintados ou caiados de branco com uma solução de iluminação indireta recorrendo ao reflexo das abóbodas, através de projetores instalados nos quatro vértices dos pilares. São também visíveis vitrines que se distribuem pelo espaço e que genericamente se mantêm nas imagens da exposição dos anos 90 do século XX.

A imagem de 2004 apresenta-nos como únicas alterações ao espaço a colocação de um novo pavimento autonivelante e o encerramento parcial dos vãos, com um plano de vidro fosco para ocultar os equipamentos de ar condicionado aí colocados, beneficiando de ligação direta ao exterior. Esta nova solução expositiva foi desenhada pelo arquiteto Pedro Belo Ravara, do atelier Baixa, para uma exposição encomendada pela Comissão dos Descobrimentos Portugueses.

Em 2007, as imagens da exposição do Museu de Artes Regionais (MAR), revelam a sobreposição de uma nova solução expositiva que compartimenta o espaço – apoiado na modularidade da estrutura existente – com a criação de uma área de receção/bengaleiro/escritório à direita da entrada, e de uma loja à esquerda, atrás da qual se situa um pequeno auditório com capacidade para cerca de 20 pessoas sentadas, dedicado, como vimos anteriormente, à projeção de um filme-documentário sobre as artes tradicionais do distrito de Évora. Ao centro, um espaço encerrado com vidros foscos delimita uma área de exposições temporárias da área de apresentação da coleção

² In <https://sites.google.com/site/evoraeseusarredores/real-celeiro-comum-do-monte-da-piedade> (última consulta: 19 de Dezembro de 2016)

permanente. Esta nova solução expositiva, conforme imagem recolhida no blogue “catekero” que promovia as atividades do MAR, foi desenhada pelo arquiteto Jorge Raposo Pires, com atelier em Évora.

Esta solução expositiva ocupa as paredes periféricas com painéis em madeira avermelhada, até cerca de 2,5m de altura, colocados entre as pilastras que permanecem visíveis, vitrines em aço inox e madeira avermelhada, com envidraçado a toda a volta, dotadas de iluminação superior, que se distribuem pelo espaço, e que podem apresentar costas a meio. Relativamente à iluminação, esta faz-se por um sistema de calhas suspensas, da conceituada marca de soluções expositivas ERCO, que cruzam o espaço pelo centro das abóbodas, a partir do qual se faz quer a iluminação direta através de projetores orientáveis, quer a alimentação elétrica para as vitrines, através de cabo extensível, que, visível, permite também alguma flexibilidade na sua distribuição.

A solução atual constituiu na adaptação deste *layout* e deste sistema para o MADE. De entre as alterações então introduzidas, destaca-se a introdução de um espaço de reserva, de uma sala de reuniões e de uma biblioteca, obrigando assim o espaço expositivo a recuar um tramo de pilares. Por outro lado, também os painéis de madeira periféricos foram substituídos por uma parede de luz retroiluminada em aço e vidro opalino, e a parte de madeira das vitrines foi pintada de branco. Finalmente, resultou desta última intervenção a criação de uma nova instalação sanitária e de um pequeno espaço de arrumos/reservas, que foram escavados na cota de aterro, com acesso restrito, não universal, através da própria escada de acesso ao espaço.

2.1.8. Térmica e Instalações Mecânicas

Em termos térmicos, verificou-se que o edifício do atual MADE tem a sua envolvente horizontal opaca sem isolamento térmico. A melhoria deste ponto, apesar de permitir uma diminuição drástica ao consumo de energia térmica, implicará um custo elevado de investimento, devendo por isso ser avaliada a sua viabilidade em termos de retorno financeiro e de impacto na arquitetura. A nível da cobertura o aumento de isolamento térmico deveria ser considerado para uma espessura de pelo menos 10cm.

Relativamente aos sistemas ativos, a solução atual é a de um sistema de expansão direta com uma unidade exterior e várias unidades interiores integradas na arquitetura do edifício. É, pois, necessário dotar o espaço de um sistema de comando e controlo efetivo, uma vez este encontra-se neste momento em zona de difícil acesso e sem permitir uma leitura correta da temperatura do espaço. Será ainda necessário uma verificação geral do sistema para ser possível identificar quais as medidas a aplicar para o pôr a funcionar em plenas condições.



Figura 1. Museu de artesanato e design (MADE). Vista Aérea.
Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt> (16.12.19)



Figura 3. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição de artesanato promovida pelo Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - GARDE, em 1962, que terá estado na origem do Museu de Artes Regionais – MAR, antecedente do MADE. Imagem de bloo <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19) "O Artesanato e a História do seu Museu". 19 de novembro de 2011



Figura 3. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem Museu do Artesanato de Évora, anos 60 (Colecção do Arquivo Fotográfico de Évora).

Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19) "Museu do Artesanato - Um Museu com História" 26 de Janeiro de 2011



Figura 5. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem Exposição do Museu do Artesanato, 1991. Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19) "Museu do Artesanato - Um Museu com História" 27 de Janeiro de 2011



Figura 5. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem do espaço, vazio, em 2004, após a intervenção para a exposição da Comissão dos Descobrimentos.
Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19) "Celeiro Comum de Évora", 5 de Julho 2008



Figura 6. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição permanente Centro de Artes Tradicionais – CAT. Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19) "Núcleos "Mantas de Reguengos de Monsaraz" e "Cestaria", 9 de Novembro 2010



Figura 7. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição permanente Museu de artesanato e design -MADE. Imagem Luís Tavares Pereira, Outubro 2016



Figura 9. Museu de artesanato e design (MADE). Imagem da exposição Temporária "Artesanato de Nisa - Ponto por Ponto, Pedra por Pedra", Centro de Artes Tradicionais – CAT, 27 de Maio a 29 de Novembro de 2009. Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19) "Olaria Pedrada de Nisa em exposição no Centro de Artes Tradicionais", 1 de Junho 2009



Figura 10. Museu de artesanato e design (MADE). Imagens do interior dos diferentes espaços do Museu de artesanato e design – MADE, incluindo entrada, saída de emergência, balcão de recepção, espaços expositivos da colecção permanente de Design e de exposições temporárias. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016



Figura 11. Museu de artesanato e design (MADE). Imagens do interior dos diferentes espaços do Museu de artesanato e design – MADE, incluindo espaços expositivos da colecção permanente de Artesanato, bancada multimédia, auditório, escadas e patamar de acesso, acesso intermédio a instalações sanitárias e reservas e loja Artesanato Alentejano. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016



Figura 12. Museu de artesanato e design (MADE). Imagens do exterior do edifício, incluindo fachada principal a partir da praça 1º de Maio; esquina com a rua da República, alçado lateral rua da República, alçado tardoz travessa do Cavaco.
Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016

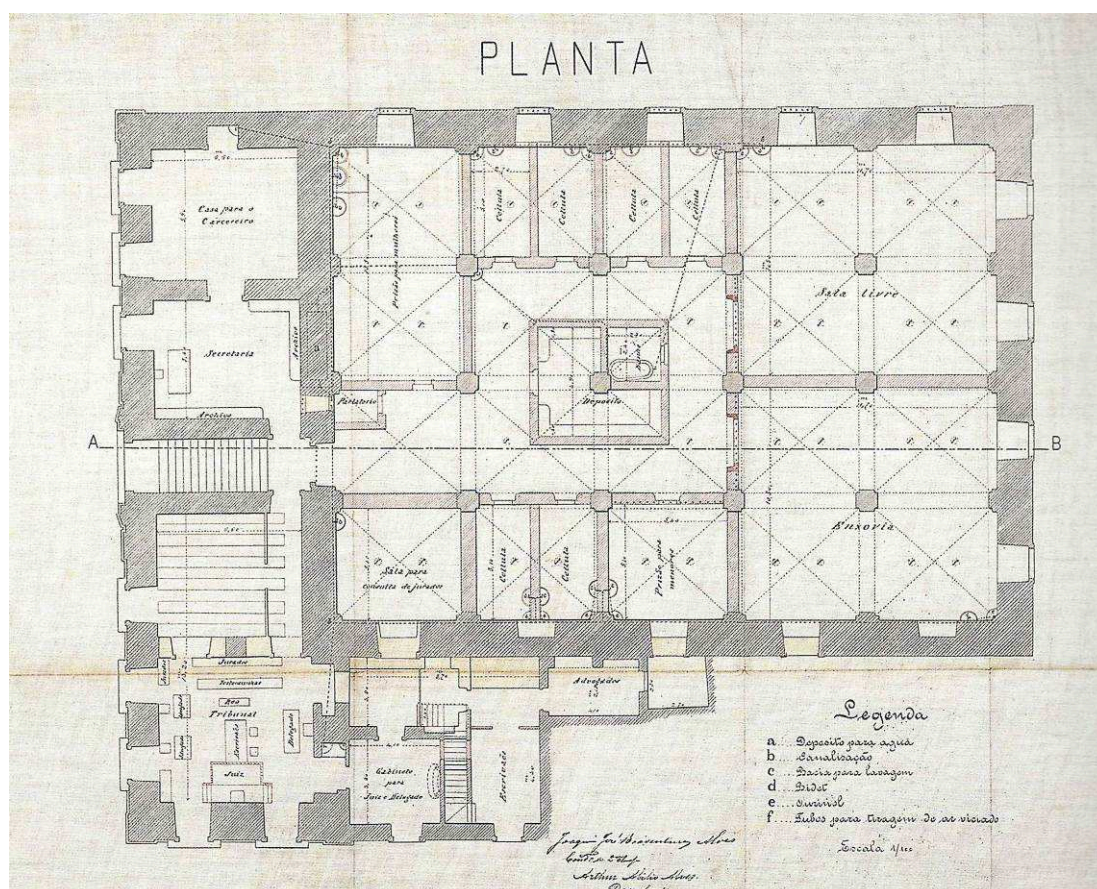
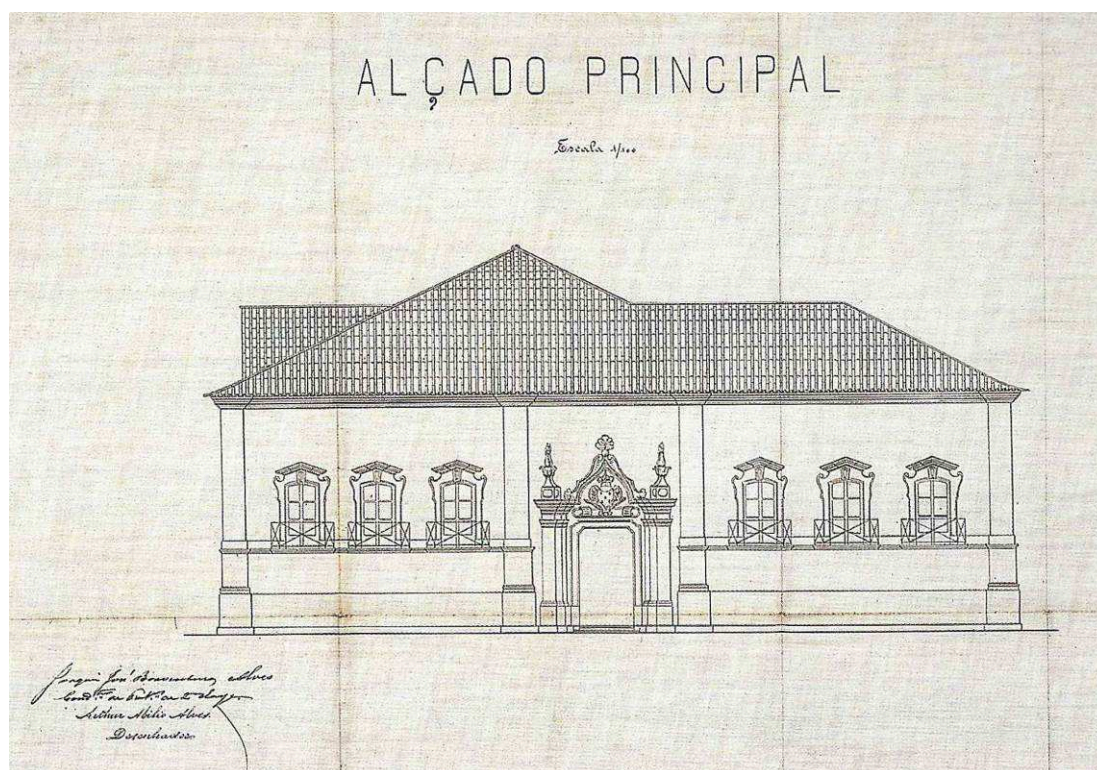


Figura 13. Museu de artesanato e design (MADE). Planta e Alçado Principal, de Projecto de Adaptação do Celeiro Comum a Cadeia Comarcã – 1894 – Imagens Digitalizadas do livro "Riscos de um Século. Memórias da Evolução Urbana de Évora", CME/AFM, 2001, pág.32

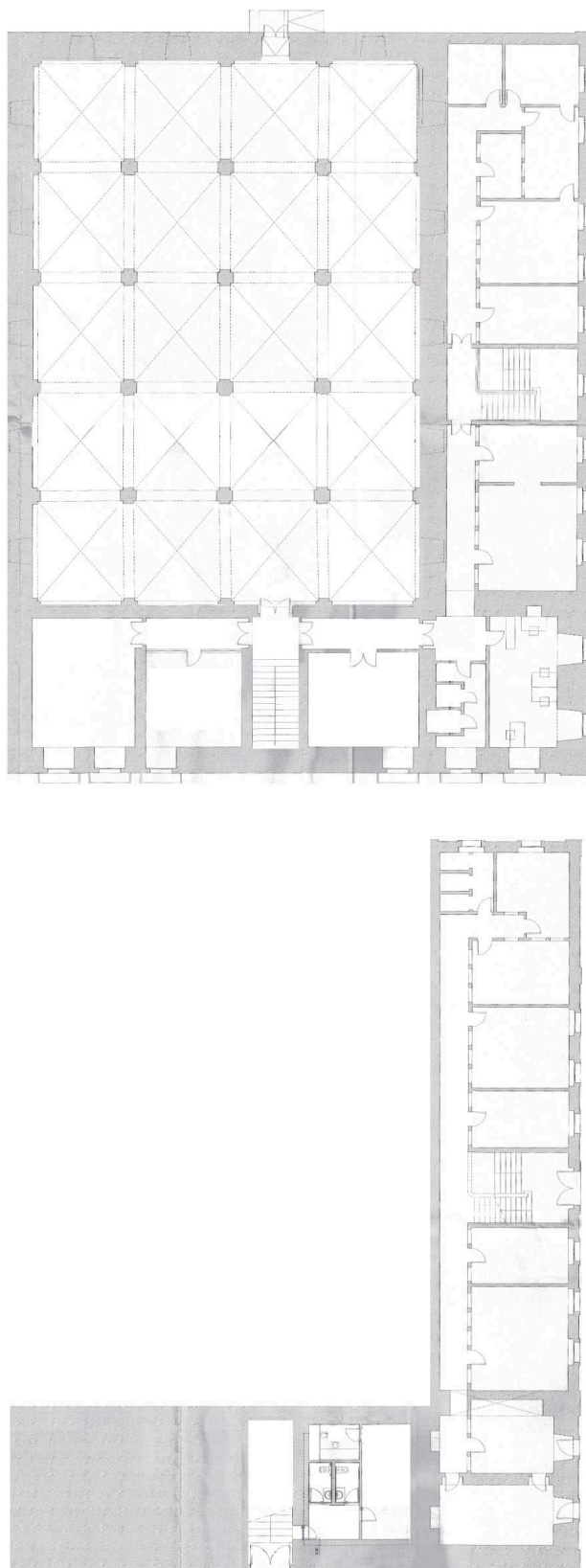


Figura 14. Museu de artesanato e design (MADE). Planta s/Esc., s/data. Layout ocupação interior Museu de artesanato e design – MADE. Desenho fornecido em PDF pelo Turismo do Alentejo - ERT.

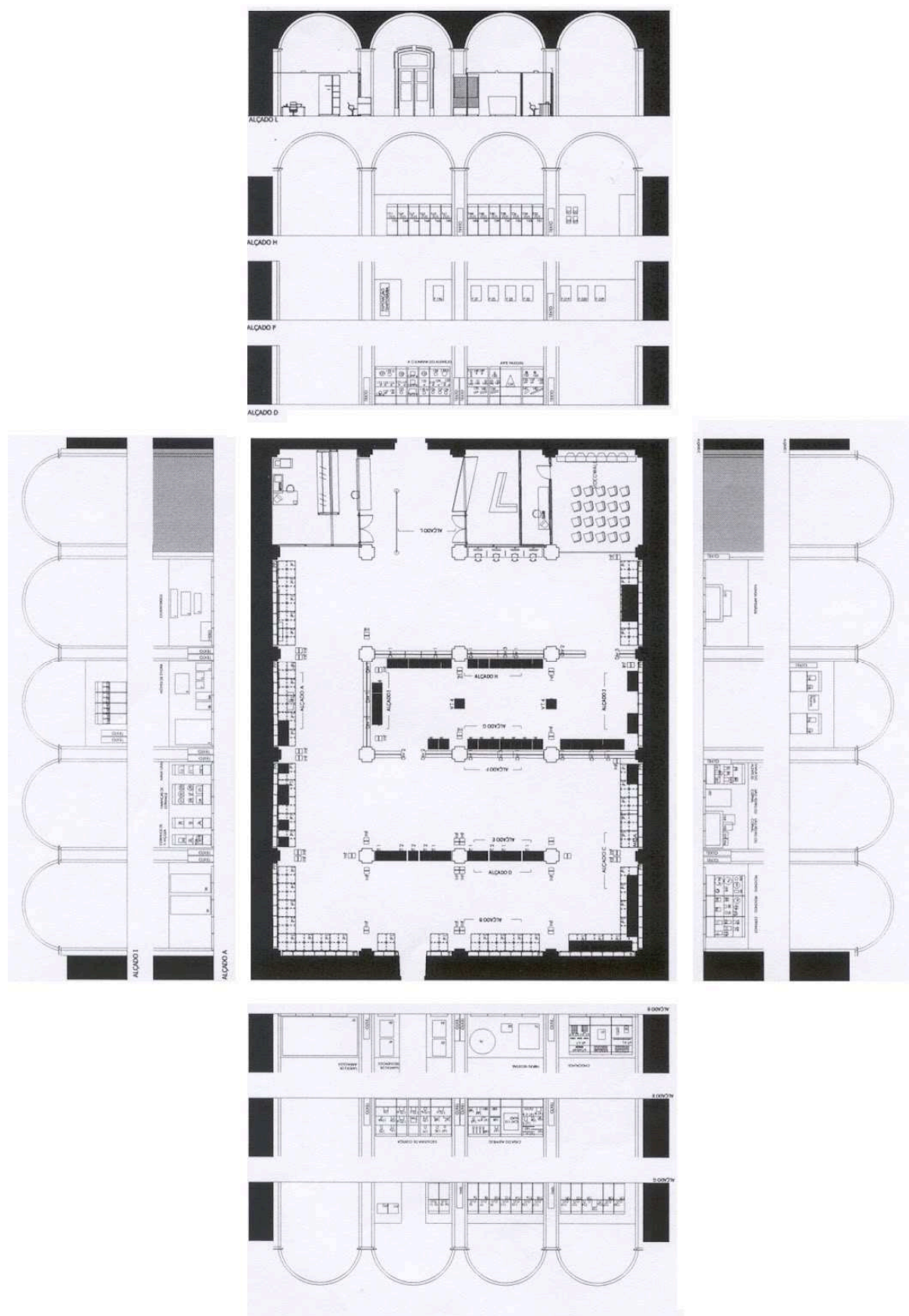


Figura 15. Museu de artesanato e design (MADE). Planta e alçados rebatidos, Esc. 1/100. Projeto de Execução Museu Distrital do Artesanato – Museografia. AGO 2009.

Imagem de blog <http://catekero.blogspot.pt/> (16.12.19), "Projecto de Museografia do Centro de Artes Tradicionais", 7 de Julho de 2012

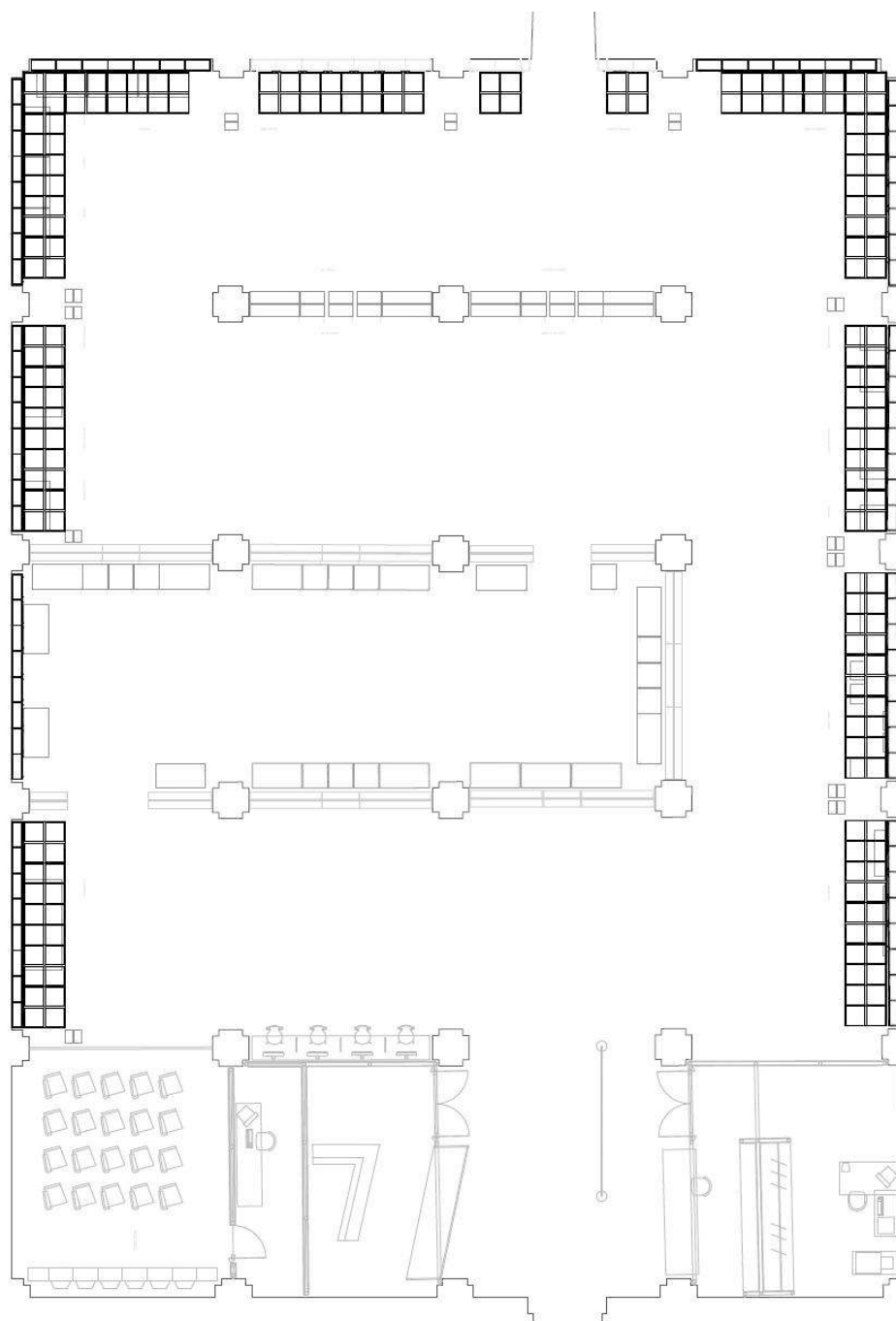


Figura 16. Museu de artesanato e design (MADE). Planta s/Esc., s/data. Layout ocupação interior Centro de Artes Tradicionais – CAT.
Desenho fornecido em PDF pelo Turismo do Alentejo - ERT.

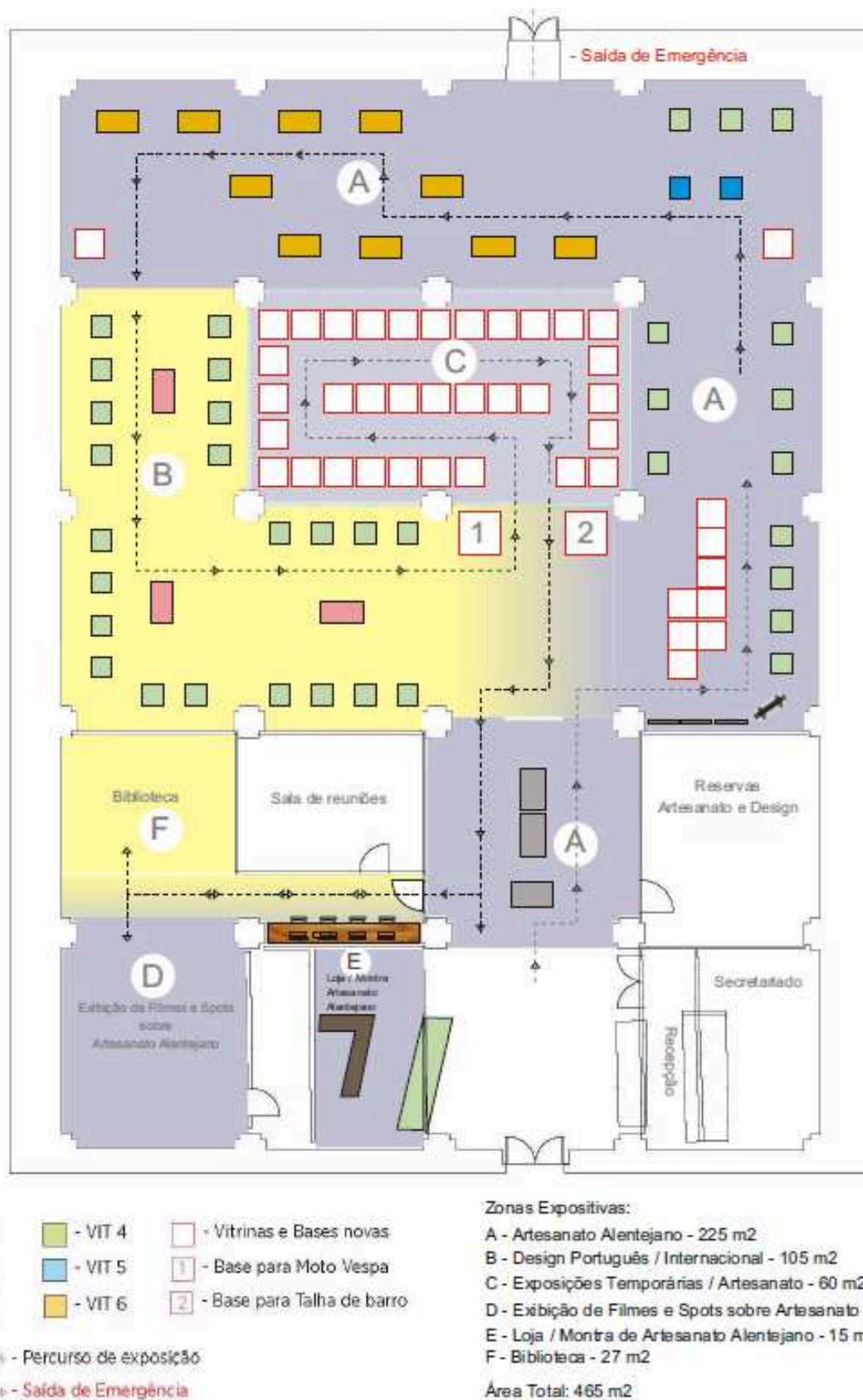


Figura 17. Museu de artesanato e design (MADE). Planta s/Esc., s/data. Layout da exposição Centro de Artes Tradicionais – CAT. Desenho fornecido em PDF pelo Turismo do Alentejo - ERT.

2.2. MERCADO MUNICIPAL DE ÉVORA

O Mercado Municipal de Évora fica situado na Praça 1º de Maio, localizando-se perto do Jardim Público de Évora, do Rossio, da Igreja de S. Francisco e da Capela dos Ossos e de um dos vários polos da Universidade de Évora. Do ponto de vista simbólico e até identitário, este é um espaço importante no contexto da cidade de Évora, tendo sido inclusivamente palco de alguns acontecimentos social e politicamente marcantes da história da cidade, durante o século XIX. A primeira remodelação do Mercado de Frescos e Hortaliças de Évora ocorre no último quartel do século XIX, tendo sido inaugurado o novo Mercado Municipal de Évora em 1 de Janeiro de 1880, num momento em que, também em Portugal, começavam a ganhar relevância as preocupações dos municípios com as condições de higiene e de salubridade pública.

Ao longo de toda a sua existência, o Mercado Municipal 1º de Maio foi sofrendo várias e sucessivas remodelações, relacionadas com a necessidade de introduzir melhorias nas condições de higiene, de salubridade e de conforto. De entre estas remodelações, destaca-se o encerramento das passagens laterais de acesso ao exterior, ocupando-as com novas lojas, e a cobertura do espaço central do mercado – intervenções que não terão sido necessariamente realizadas em simultâneo, estando ainda por apurar as datas exatas em que foram realizadas. Com efeito, pode concluir-se, a partir da análise das fotografias reunidas, que pelo menos esta cobertura do mercado já existiria nos anos 70. Permanecem, contudo, algumas dúvidas, com base nas imagens disponíveis, quanto à data em que terá sido colocada uma cobertura de metal e de vidro no Mercado da Fruta. Posteriormente, no início da década de 1980, efetuou-se uma nova remodelação do Mercado do Peixe e do Mercado da Fruta. Finalmente, e após vários anos de encerramento, o Mercado Municipal 1º de Maio reabriu em Abril de 2006, apresentando não só um espaço interior completamente renovado, como também tendo sido realizada uma intervenção no espaço público exterior envolvente. Na génese do projeto de renovação que se preconizava para o Mercado Municipal de Évora, desenvolvido pelo arquiteto Nuno Ribeiro Lopes, estava um conceito inspirado em exemplos internacionais de mercados urbanos de nova geração, mais orientado para um segmento de público alto/gourmet. Atualmente, embora não seja o único mercado de frescos existentes na cidade de Évora – existem, por exemplo, o Mercado Temporário do Bacelo e o Mercado da Horta das Laranjeiras –, constitui certamente o mais importante e emblemático, sendo também aquele que está dotado de melhores condições de funcionamento e acolhimento do público.

2.2.1. Arquitetura

2.2.1.1. Mercado da Fruta

A intervenção no edifício do Mercado da Fruta consistiu na construção de uma cave para aí localizar os arrumos complementares a cada banca de venda e, tendo no decorrer das escavações posto a descoberto as fundações de uma construção – não identificada *in situ* mas possivelmente pertencente às antigas construções do Paço Real ou de armazéns militares, ou do próprio convento de São Francisco, que ocuparam anteriormente esta zona da cidade – proporcionar a sua musealização e acesso público.

Ao nível do piso térreo, a última intervenção consistiu na eliminação das bancas de venda horizontais e da malha estrutural distribuída pelo espaço central coberto do mercado, bem como na ocupação parcial desse espaço central por dois corpos longitudinais que se encostam às laterais o suficiente para permitir a circulação entre estes e os corpos existentes, deixando um espaço livre maior ao centro do edifício, livre de obstáculos, garantindo assim alguma flexibilidade de uso – objetivo presente na estratégia de intervenção que serviu de base ao projeto do arquiteto Nuno Ribeiro Lopes. Estes dois corpos, que originalmente se destinavam a receber uma oferta de produtos *gourmet* selecionada, correspondendo assim um número menor de bancas, e com forte transparência, acabaram por ser excessivamente subdivididos para receber a maioria dos lojistas que originariamente – isto é, antes das realização desta última intervenção – se distribuíam pelo espaço do Mercado Municipal de Évora, transformando-se numa barreira que encerra/separa o espaço central das lojas da periferia, para além de alterar significativamente a perceção do espaço central que passou a ser estreito e comprido.

Importa também referir que estes dois corpos colocados no espaço central do Mercado da Fruta são cobertos com um terraço destinado a ser utilizado por algum tipo de função comercial (já estiveram concessionados a um

espaço de restauração e a uma loja de roupa, por exemplo), sendo ambos servidos por acessos em escada e através de elevador, de forma a garantir a acessibilidade universal ao espaço, mas sem haver ligação entre si. Albergam ainda, ao nível do piso térreo, as instalações sanitárias, o espaço para a recolha de lixos, e são atravessados a meio, de forma a garantir a circulação transversal original.

A estrutura de suporte da nova cobertura é constituída por um tramo de pilares centrais e dois tramos localizados em cada um dos corredores laterais, estreitando-os ainda mais. De forma a receber e a acomodar de um modo relativamente discreto a infraestrutura de ar condicionado, foi criada uma galeria por trás da platibanda interior, por onde se faz a extração de ar, e um teto falso ondulante, que esconde as tubagens de insuflação e que se pretendia que fizesse a difusão de luz no interior a partir da claraboia que ocupa todo o comprimento da cumeeira.

O projeto interveio também nos revestimentos do mercado, introduzindo novas superfícies cerâmicas industriais, mais laváveis, no pavimento do espaço central, e um autoalisante em tom cinzento no interior das lojas. Relativamente às paredes das lojas, os espaços destinados às zonas de trabalho foram revestidos a pedra mármore, interrompida horizontalmente por uma calha para infraestruturas elétricas.

Nos alçados, a principal alteração corresponde às janelas das lojas, que foram abertas até baixo criando portas e, deste modo, permitindo o seu acesso tanto do interior como do exterior do mercado. Esta intervenção incluiu a alteração da caixilharia. A nova porta passou a ter uma pequena faixa lateral fixa, destinada a montra, e uma folha de abrir, no exterior. No interior, a parte fixa recebe na parte inferior os quadros elétricos individuais das lojas, deixando um espaço superior para montra/anúncio retroiluminado.

2.2.1.2. Mercado do Peixe

O Mercado do Peixe foi construído em data posterior ao atual Mercado de Frescos, constituindo um corpo independente do restante mercado, com o qual cria uma relação de axialidade e continuidade, separado por uma pequena praça. Fortemente encerrado, com uma cobertura muito anterior à do Mercado da Fruta, eventualmente datada da sua construção, dispõe apenas de três aberturas em toda a fachada: uma porta a Sul, e dois rasgamentos de alto a baixo, a Norte, com remate em granito. As paredes de alvenaria, caiadas pelo exterior e com as pilastras marcadas em relevo, quatro por sete tramos, abrigam no seu interior os módulos de venda do peixe – 13 no total –, colocados na periferia do edifício, libertando assim o espaço central. Uma elegante estrutura metálica novecentesca suporta a cobertura de duas águas, com um lanternim a todo o comprimento.

À semelhança do Mercado de Frescos, também aqui o projeto de remodelação do arquiteto Nuno Ribeiro Lopes libertou o espaço central remetendo as bancas para a periferia, conforme foi já referido, estando originalmente previsto a colocação de um enorme aquário em vidro na área central do Mercado do Peixe, que se relacionava com a cobertura em vidro colocada no exterior que cobre as novas escadas de acesso à cave, que não chegou, contudo, a ser realizado.

Na cave, com três naves de três tramos divididos por pilares de secção quadrada, com arcos abatidos e abobadilhas rebocadas, foi inicialmente criado um acesso por escadas interiores através do mercado, que se encontra hoje encerrado. Atualmente, o acesso à área da cave faz-se por uma escada exterior a partir do espaço entre os dois mercados, coberto por um prisma de vidro inclinado. A cave está concessionada a uma loja de vinhos e produtos *gourmet*.

A iluminação do espaço faz-se a partir do lanternim superior, a partir do envidraçado lateral que se desenvolve na entrada, recuado face ao plano de parede exterior, entre as duas aberturas a norte. Nesse pátio de entrada, localiza-se a escada de acesso à cobertura. A reduzida dimensão dos equipamentos de climatização permitem que fiquem ocultos abaixo/por trás da platibanda.

2.2.2. Térmica e Instalações Mecânicas

No caso do Mercado da Fruta, verificou-se que, em termos térmicos, o edifício tem a sua envolvente horizontal opaca sem isolamento térmico. A melhoria deste ponto, apesar de possibilitar uma diminuição drástica do consumo de energia térmica, implica um custo elevado, não se prevendo a sua viabilidade em termos de retorno financeiro, estando o edifício em utilização. A nível da cobertura o aumento de isolamento térmico deveria ser considerado para uma espessura de pelo menos 12cm.

Nos sistemas ativos, o sistema instalado no edifício do Mercado da Fruta é constituído por duas bombas de calor e duas UTAs, com a respetiva rede de condutas e terminais do tipo tubeiras. A potência térmica instalada está correta, bem como o sistema de distribuição do ar. Será, contudo, necessário proceder a uma verificação geral do sistema para ser possível identificar quais as medidas a aplicar para que o sistema possa funcionar em plenas condições, pois estando a funcionar em pleno, permitiria dotar o mercado de condições térmicas de acordo com o conforto humano.

Verificou-se que as unidades exteriores do tipo 'split' que estão localizadas dentro do edifício do Mercado da Fruta, na varanda técnica, têm de ser realocizadas para as áreas técnicas exteriores, pois estão a provocar carga térmica quer no Verão, quer no Inverno. Por outro lado, também as condensadoras dos circuitos frigoríficos dos alimentos têm de ser realocizadas para as áreas técnicas exteriores pois provocam um aquecimento excessivo no interior do Mercado da Fruta, durante o período do Verão.

Relativamente ao Mercado do Peixe, constatou-se que, em termos térmicos, este edifício tem a sua envolvente horizontal opaca, sem isolamento térmico. Tal como ocorre no Mercado da Fruta, também aqui a melhoria deste ponto vai implicar um custo elevado, apesar de trazer uma diminuição drástica ao consumo de energia térmica, recomendando-se assim a realização de uma avaliação da viabilidade desta intervenção em termos de retorno financeiro. A nível da cobertura do edifício, o aumento de isolamento deveria ser considerado para uma espessura de pelo menos 12cm.

O sistema ativo existente no Mercado do Peixe é constituído por uma 'rooftop', sendo necessário ainda realizar uma avaliação ao sistema para se poder decidir que medidas aplicar para o pôr a funcionar em pleno, devendo ser verificada também a possibilidade de adaptação deste sistema ao novo *layout* em função da alteração de uso.

2.2.3. Horário de Funcionamento e Taxas de Ocupação

O Mercado Municipal de Évora é constituído, conforme já referido, por dois edifícios contíguos, que funcionam de modo autónomo: o Mercado da Fruta, espaço de maior dimensão, e o Mercado do Peixe.

O Mercado da Fruta divide-se em 3 Pisos: o piso térreo com 39 espaços comerciais, dos quais 23 são bancadas interiores e 16 são lojas com abertura para o exterior do edifício. Na cave deste edifício encontram-se espaços de arrumos, armazenagem temporária e zona de frio para os operadores em exploração. Existe ainda uma área, atualmente encerrado ao público por motivos de segurança, onde é visível um conjunto de achados arqueológicos, estando igualmente patente neste mesmo local uma pequena exposição de fotografia histórica relacionada com o Mercado Municipal de Évora, intitulada precisamente "Memórias do Mercado 1º de Maio". O edifício dispõe ainda de um mezanino dividido em 2 superfícies que, como foi já referido anteriormente, chegaram a estar concessionados a um operador de restauração e a uma loja de vestuário, mas que vieram entretanto a encerrar por falta de clientes, pouca funcionalidade e fraca acessibilidade destes espaços, pelo que de momento se encontram desocupados.

Atualmente, o Mercado da Fruta tem uma taxa de ocupação de 70% correspondente a 28 espaços em exploração (20 interiores e 8 exteriores). Importa notar que esta taxa de ocupação tem vindo a decrescer progressivamente desde 2009 – período em que a taxa de ocupação do Mercado atingia os 100%. Os 28 espaços concessionados no Mercado da Fruta distribuem-se pelas seguintes atividades/produtos: 4 bancas de hortofrutícolas, 6 bancas de queijos e enchidos, 2 talhos, 1 loja de doces conventuais, 2 lojas de artesanato, 1 florista, 1 loja de venda de pão e bolos, 1 sapateiro, 1 loja de cosméticos, 5 estabelecimentos de cafetaria/*snack-bar*, 1 minimercado e 1 reprografia.

O Mercado do Peixe dispõe de 13 bancadas de peixe no piso térreo e 1 estabelecimento comercial (loja gourmet) na cave do Edifício. Para além da loja gourmet, encontram-se atualmente concessionadas 6 bancadas de peixe, sendo que apenas 4 têm utilização permanente e uma 5ª funciona apenas ao fim de semana.

Importante referir ainda que, de acordo com o que foi comunicado à equipa por técnicos do Município de Évora, nos últimos anos não se tem procedido à renovação de muitos dos contratos de aluguer das lojas do Mercado Municipal 1º de Maio. Tal opção deve-se à decisão da CME em aproveitar o momento presente para reequacionar a sua estratégia relativamente a este mercado, mantendo assim alguns destes espaços libertos para todas as opções que venham a ser tomadas futuramente.

De acordo com o Regulamento Interno em vigor, o Mercado Municipal de Évora tem atualmente o seguinte horário de funcionamento:

- Mercado da Fruta

Espaços interiores: de terça-feira a domingo, das 5:30 às 19:00, sendo o horário público das 7:00 às 18:00, com possível pausa para almoço entre as 13:00 e as 16:00. Ao domingo, o Mercado da Fruta encerra às 14:00.

Lojas com abertura para o exterior: das 5:30 às 2:00, sendo o horário público das 7:00 às 18:00.

Os estabelecimentos de restauração, bebidas e artesanato têm a possibilidade de abertura até às 2:00

No entanto, verificou-se que, na prática, a generalidade dos operadores de hortofrutícolas a funcionar nas bancas interiores do Mercado Municipal encerram às 13:00. Por este motivo, durante o período da tarde praticamente só estão a funcionar os estabelecimentos instalados nas lojas voltadas para o exterior (com algumas exceções como, por exemplo, a da banda do operar dedicado à reparação de calçado/arranjos de vestuário, que funciona durante todo o período de abertura ao público do Mercado Municipal). Segundo algumas opiniões expressas à equipa, este constrangimento revela-se frequentemente “frustrante” para os turistas e visitantes da cidade de Évora que visitam o Mercado durante a tarde com a expectativa de vivenciarem um mercado de fresco em plena atividade.

- Mercado do Peixe:

Abertura de terça-feira a domingo, das 5:30 às 19:00, sendo o horário público das 7:00 às 18:00.

Novamente, também aqui se verificou que, na prática, o Mercado de Peixe apenas funciona durante o horário da manhã, encerrando à tarde.

No caso da loja gourmet que funciona no subsolo do Mercado de Peixe, o seu horário de funcionamento é definido autonomamente, pois beneficia de uma entrada própria e independente dos restantes espaços do mercado.

O período de limpeza faz-se, em geral, entre as 18:00 e as 19:00.

Para além destes dois espaços centrais na atividade regular do Mercado Municipal de Évora, importa ainda referir a realização de outras iniciativas, de caráter mais ou menos pontual, dentro e fora do mercado. Destacam-se então, pela sua maior regularidade, os seguintes eventos e iniciativas:

- “Mercado de Sábado”, que realiza semanalmente no exterior do Mercado, na zona contígua ao Colégio Luís António Verney (Universidade de Évora) e ao Palácio D. Manuel, e no qual participam produtores de hortofrutícolas locais;
- “Feiras no Largo – Feira de Velharias, do Livro Usado e do colecionismo, Mostra de Arte e Artesanato”, evento mensal, promovido pela autarquia, que se realiza no exterior, no Largo 1º de maio, no passeio frontal em frente aos edifícios do mercado, contando com uma participação média de 15 operadores;
- “Feira de Artesanato e Usados”, uma outra iniciativa mensal, que se realiza no primeiro fim-de-semana do mês, ocupando as galerias do 1º andar do mercado Municipal;

- “Feira Medieval”, iniciativa anual, com a duração de 4 dias (de quinta-feira a domingo), organizada pela Associação Velha Lamparina, com o apoio logístico da CME.

Ainda de acordo com informação recolhida nos contactos estabelecidos no terreno pela equipa, foi possível apurar que, pontualmente, já se realizaram no 1º piso do Mercado da Fruta (mezaninos) algumas exposições temporárias, nomeadamente em articulação com o Arquivo Fotográfico de Évora.

2.2.4. Modelo de Gestão e Regulamento

O Mercado Municipal 1º de Maio reabriu em 2006 após reabilitação dos respetivos edifícios, tendo sido criada uma empresa municipal, a Mercado Municipal de Évora, SA (MME, SA), que assegurou a respetiva gestão até Outubro de 2013, altura em que a Câmara Municipal de Évora (CME) assumiu a gestão do referido equipamento na sequência do processo de internalização da MME, SA. Atualmente, o Mercado Municipal é gerido pela CME através da DEP – Divisão de Desenvolvimento Económico e Planeamento.

Em termos de estrutura de recursos humanos da CME afetos ao Mercado Municipal, atualmente esta é composta pelos seguintes elementos: 3 assistentes operacionais (tempo integral); 3 fiéis de armazém (tempo integral); 1 técnico superior (tempo parcial).

Quando a CME assumiu, em 2013, a gestão do Mercado Municipal, este dispunha de Regulamento de Funcionamento, datado de 2008. Mais recentemente, em Janeiro de 2014 a CME deliberou a aprovação de preços, condições, critérios e formas de atribuição de espaços e regras de funcionamento a adotar, a título transitório, até à entrada em vigor de Regulamento Municipal próprio, mantendo genericamente as normas e condições estabelecidas pela MME, SA e que a seguir se resumem:

- Critérios de atribuição:

1º - Operadores do mercado com contrato de exploração anterior à remodelação.

2º - Operadores com contrato de exploração celebrado após transferência para o ex-edifício da Rodoviária (onde o mercado funcionou enquanto decorreram as obras de reabilitação).

3º – Operadores constantes da base de dados de pré-inscrição para o mercado reabilitado (por ordem cronológica de registo de intenções), privilegiando produtos regionais e produtos biológicos no caso dos hortofrutícolas.

- Condições:

Contrato de exploração com a duração de dez anos, com pagamento de taxa de acesso e liquidação de taxa mensal até ao oitavo dia de cada mês com caução correspondente a duas mensalidades.

Tabela de Preços e montantes iguais aos definidos pela MME, SA

O principal ponto crítico que atualmente se coloca ao funcionamento do Mercado Municipal 1º de Maio prende-se com questões de viabilidade económica dos negócios em exploração, resultantes de níveis de procura insuficientes e carências ao nível da gestão e dinamização dos próprios negócios. Esta situação tem repercussões diretas na viabilidade do equipamento, tendo sido um dos fatores que conduziu a CME a optar pela internalização da MME, face ao elevado passivo da empresa resultante do baixo preço praticado e incumprimento por parte dos operadores, situação que será difícil de reverter com os atuais operadores e preços praticados.

Como referido antes, o modelo desenhado inicialmente pela MME para o mercado municipal renovado apontava para um conceito de mercado urbano, orientado para um segmento gourmet, inspirado em alguns exemplos nacionais e internacionais. Consequentemente, propunha-se que o tarifário de rendas tivesse preços superiores aos praticados anteriormente, o que iria introduzir seletividade nos operadores presentes no mercado. Contudo, este modelo e respetivo tarifário não chegou a ser implementado, em virtude da opção por dar oportunidade de

permanência a todos os operadores que ocupavam o mercado nas fases anteriores. Ocorre ainda que esta opção por manter acessível o mercado a todos os produtores de hortofrutícolas do concelho interessados, nomeadamente aqueles que já estavam no mercado antes das obras de reabilitação, levou à alteração profunda no projeto inicial, nomeadamente na configuração e dimensão dos espaços da nave central.

Presentemente, verifica-se que a generalidade dos atuais operadores estão em situação de incumprimento, por falta de viabilidade do negócio, alegando falta de condições adequadas de funcionamento, nomeadamente ao nível do mau funcionamento do sistema de climatização do edifício para não cumprirem com as suas obrigações. Os contratos estabelecidos com os operadores, com a duração de 10 anos, datam na sua grande maioria de 2006, estando por isso a expirar, embora pudessem na sua generalidade ter já sido denunciados por incumprimento.

De acordo com os vários contatos estabelecidos pela equipa, uma das principais razões apontadas para o mau funcionamento e fracos resultados do Mercado Municipal 1º de Maio prende-se ainda com o facto de os operadores não cumprirem os horários, alegando falta de clientes, o que resulta na perda de confiança e consequente diminuição do número de clientes, pelo facto de muitas bancas estarem fechadas no horário normal de funcionamento do mercado. Às dificuldades de viabilização dos negócios por parte dos operadores acresce o facto de a estrutura de gestão da empresa municipal ser demasiado curta para garantir a adequada dinamização do projeto. A questão de fundo prende-se, no entanto, com a alteração dos hábitos e horários de compra e a concorrência das grandes superfícies na periferia da cidade, associada à diminuição e envelhecimento da população residente intramuralhas.

2.2.5. Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação

Através de um levantamento e análise técnica das estruturas tecnológicas que equipam o Mercado Municipal concluiu-se que, embora não existam quaisquer equipamentos audiovisuais, computadores ou ecrãs interativos, o interior do edifício encontra-se equipado com ligação wi-fi disponibilizada em três larguras de banda distintas – 1000/100Mbps, 400/40Mbps e 100/10Mbps.

Durante a consulta às entidades responsáveis apurou-se ainda que, apesar de ainda não ser disponibilizada rede wi-fi na área envolvente ao Mercado Municipal, encontra-se planeada uma intervenção durante o ano de 2017 por forma a proceder ao alargamento da rede para o exterior do edifício.



Figura 18. Mercado Municipal de Évora. Planta da cidade de Évora, s/data. Onde figura, na área destacada, a zona de implantação da área de intervenção. Desenho fornecido pela CME, em JPEG.

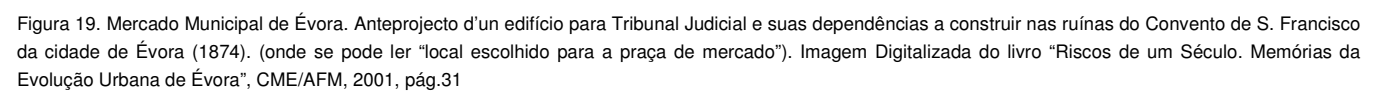




Figura 20. Mercado Municipal de Évora. Planta da cidade d'Évora efectuada por Manoel Joaquim Matos (1882). Onde figura apenas a edificação do actual Mercado de Frescos, com uma implantação perfeitamente definida com pátio central e quatro passagens de acesso, uma em cada fachada. Imagem Digitalizada do livro "Riscos de um Século. Memórias da Evolução Urbana de Évora", CME/AFM, 2001, pág.60

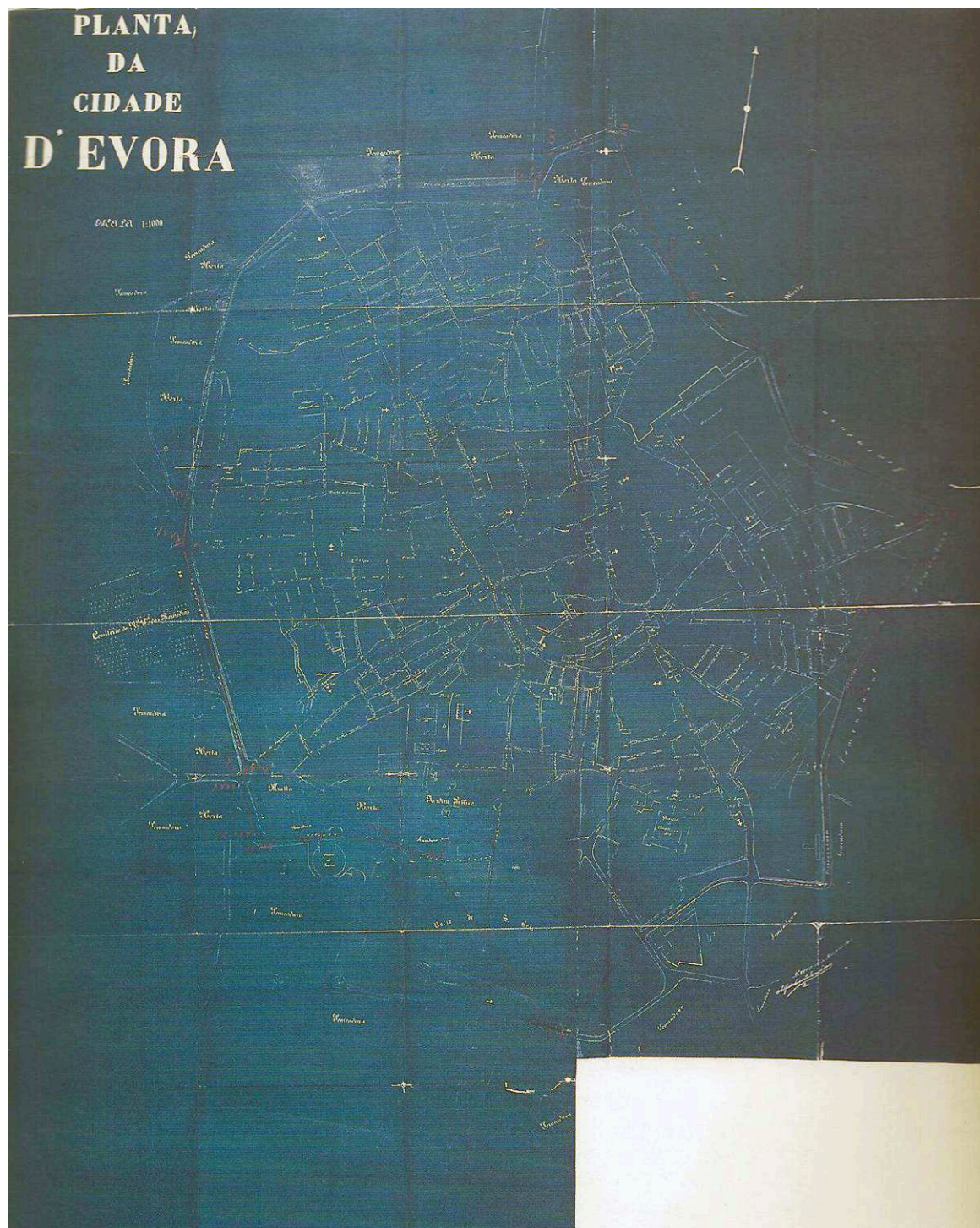


Figura 21. Mercado Municipal de Évora. Planta da cidade d'Évora 1913. Onde figura já a implantação do atual Mercado de Peixe. Imagem Digitalizada do livro "Riscos de um Século. Memórias da Evolução Urbana de Évora", CME/AFM, 2001, pág.61



Figura 23. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, vista em escorço da fachada nascente com árvores junto ao mercado, s/data (1ª metade séc. XX). Imagem fornecida pela CME



Figura 22. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior do topo Noroeste da Praça 1º de Maio, vista da fachada Norte, s/data (início séc. XX). Imagem fornecida pela CME



Figura 25. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, vista em escorço da fachada nascente, sem árvores junto ao mercado, s/data (anos 30 (?) séc. XX). Imagem exposta no espaço expositivo na cave do Mercado Municipal de Évora.



Figura 24. Mercado Municipal de Évora. Imagem do pátio interior do Mercado vendo-se que as passagens de acesso não eram cobertas, e a existência de uma cobertura ligeira em chapa ondulada, prolongando-se das fachadas interiores garantindo sombreamento, s/data (anos 30 (?) séc. XX). Imagem exposta no espaço expositivo na cave do Mercado Municipal de Évora.



Figura 27. Mercado Municipal de Évora. Imagem exterior do Mercado do Peixe, coberto, vendo-se parcialmente o Mercado de Frescos ainda sem cobertura, s/data (anos 70 séc. XX). Imagem fornecida pela CME



Figura 26. Mercado Municipal de Évora. Imagem da fachada Norte do Mercado do Peixe, s/data (anos 60 (?) séc. XX). Imagem fornecida pela CME

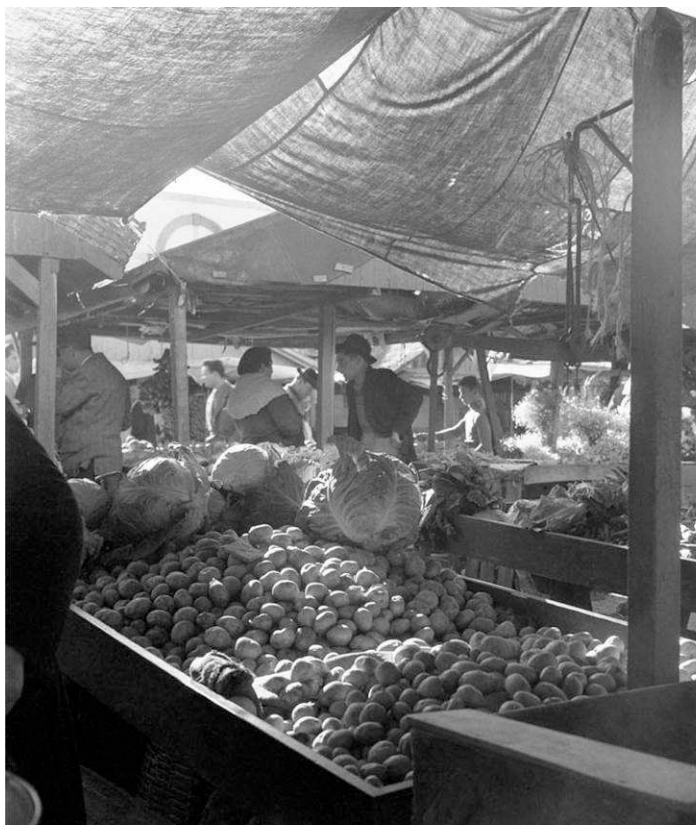


Figura 29. Mercado Municipal de Évora. Imagem do pátio interior do Mercado, com bancas em madeira e estruturas ligeiras de sombreamento em serapilheira. S/ data (2ª metade séc. XX). Imagem fornecida pela CME



Figura 30. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior do topo Noroeste da Praça 1º de Maio, vista da fachada Norte, s/data (anos 70 - posterior a 1974). Imagem fornecida pela CME



Figura 28. Mercado Municipal de Évora. Imagem da fachada Sul do Mercado de Frescos, já com cobertura, s/data (último quartel séc. XX). Imagem fornecida pela CME



Figura 31. Mercado Municipal de Évora. Vistas exteriores da construção existente antes da intervenção do Arq. Nuno Lopes. Imagens fornecidas pela CME.



Figura 32. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do exterior do edifício do Mercado de Frescos, incluindo fachada principal a partir do topo Noroeste da praça 1º de Maio, espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, e entrada Sul. Imagens Luís Tavares Pereira, OUT 2016.



Figura 33. Mercado Municipal de Évora. Vistas do interior do Mercado da Fruta e do Mercado do Peixe antes da intervenção do Arq. Nuno Lopes. Imagens fornecidas pela CME.



Figura 34. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do interior do edifício do Mercado de Frescos incluindo escala do espaço entre novo corpo construído no interior e fachadas existentes para o pátio, galeria técnica superior, vista do tecto falso que difunde a luz zenital e esconde parcialmente as condutas de insuflação da climatização do mercado, e escadas de acesso às novas mezzanines interiores. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016.

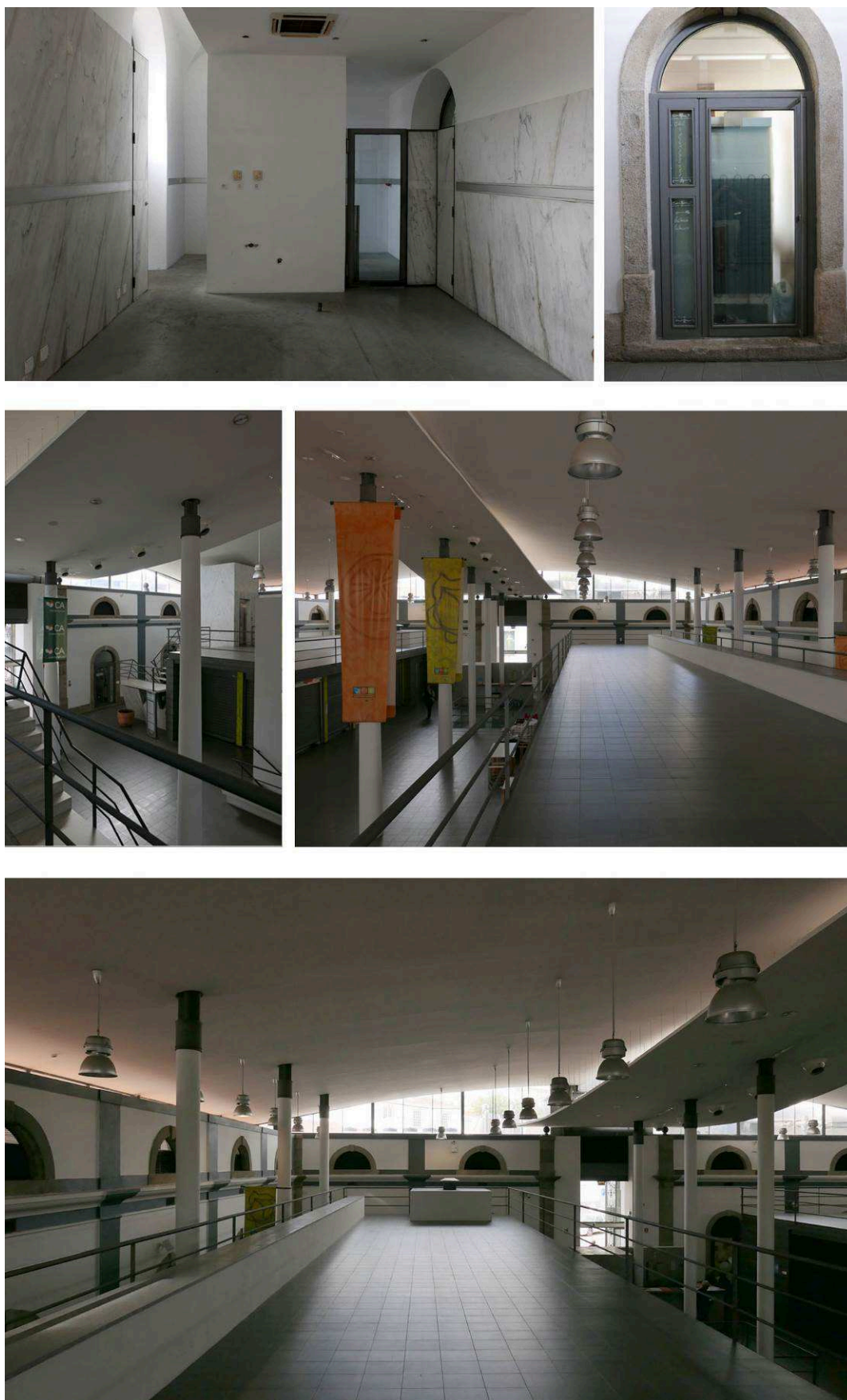


Figura 35. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do interior do edifício do Mercado de Frescos incluindo interior renovado das lojas laterais, nova porta tipo de acesso às lojas laterais, acesso de escadas ao piso -1, mezzanines direita e esquerda do interior do mercado. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016

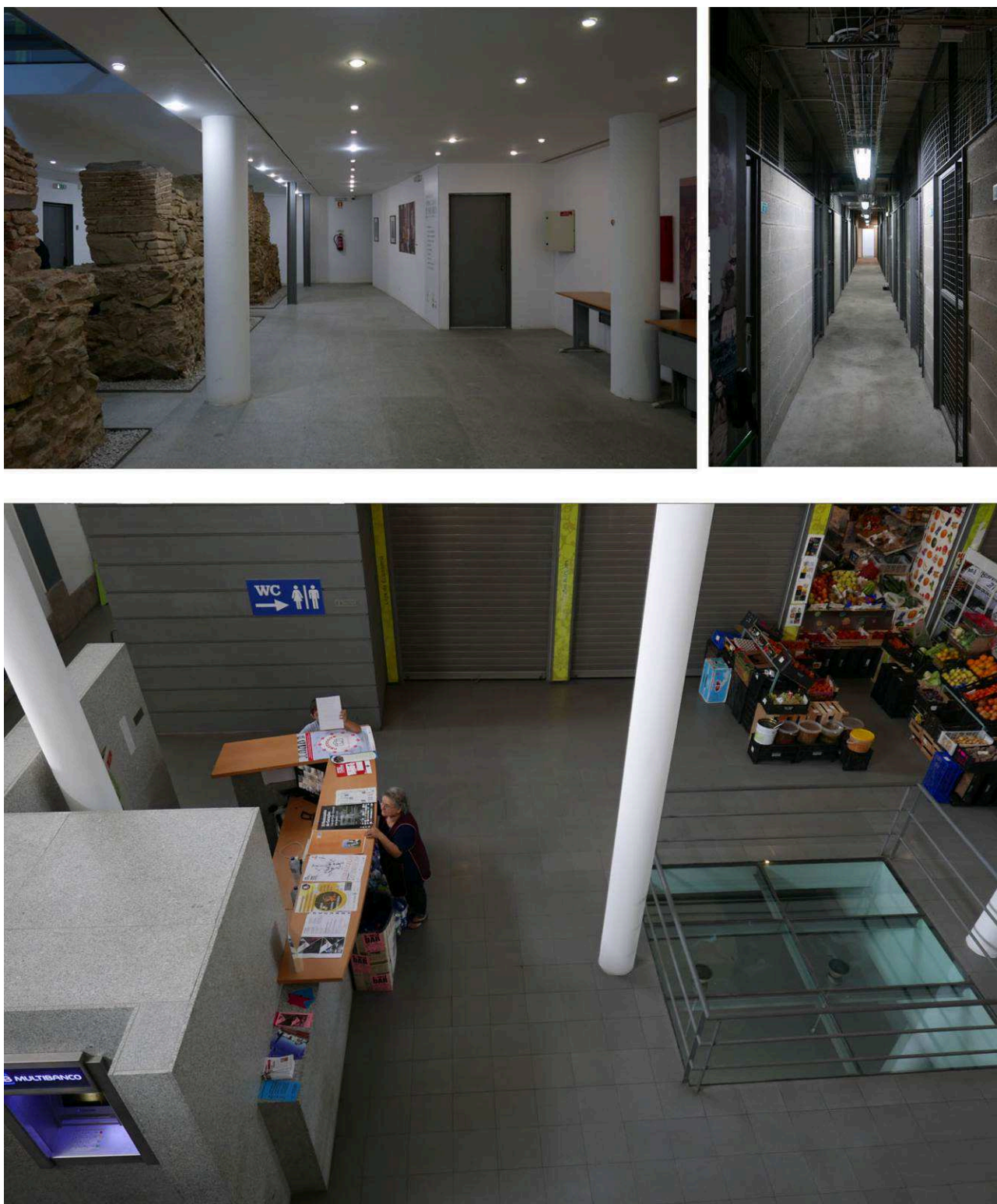


Figura 36. Mercado Municipal de Évora. Imagens actuais do interior do edifício do Mercado de Frescos incluindo vista superior da zona de entrada Norte, com balcão de recepção e piso em vidro para visualizar escavação ao nível do piso -1, vista do espaço museológico em volta da ruína das antigas fundações encontrada na escavação, e vista de um corredor de acesso aos arrumos no piso -1. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016



Figura 37. Mercado Municipal de Évora. Interior do edifício do Mercado de Frescos. Imagem das novas bancas sob a mezzanine antes de serem ocupadas. Imagem <http://lifecooler.com/artigo/dormir/mercado-municipal-de-evora/397211> (16.12.19)



Figura 38. Mercado Municipal de Évora. Interior do edifício do Mercado de Frescos. Imagem da nova mezzanine com utilização como mercado de roupa (Abr. 2015).Notar o comentário "um mercado fraco". Imagem https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189106-d7179025-Reviews-Mercado_Municipal_de_Evora-Evora_District_Alentejo.html#photos:geo=189106&detail=7179025&ff=129021384&albumViewMode=hero&albumid=101&baseMediald=129021384&thumbnailMinWidth=50&cnt=30&offset=-1&filter=7 (16.12.19)



Figura 40. Mercado Municipal de Évora. Imagem do espaço exterior entre o Mercado e a Igreja de S. Francisco, ocupado temporariamente como Feira Medieval. Imagem <http://www.metronews.com.pt/2014/04/03/feira-medieval-em-evora-3/> (16.12.19)



Figura 39. Mercado Municipal de Évora. Imagem do exterior do Mercado de Peixe, vendo-se a fachada Nascente com um cartaz de promoção "VOU À PRAÇA. Procuo a qualidade. Quero Bom". Imagem Sérgio Barbosa "Mercado Municipal de Évora, Portugal - Nuno Lopes", 11 de Março de 2008 <http://arquitecturafotos.blogspot.pt/2008/03/mercado-municipal-de-vora-portugal.html> (16.12.19)

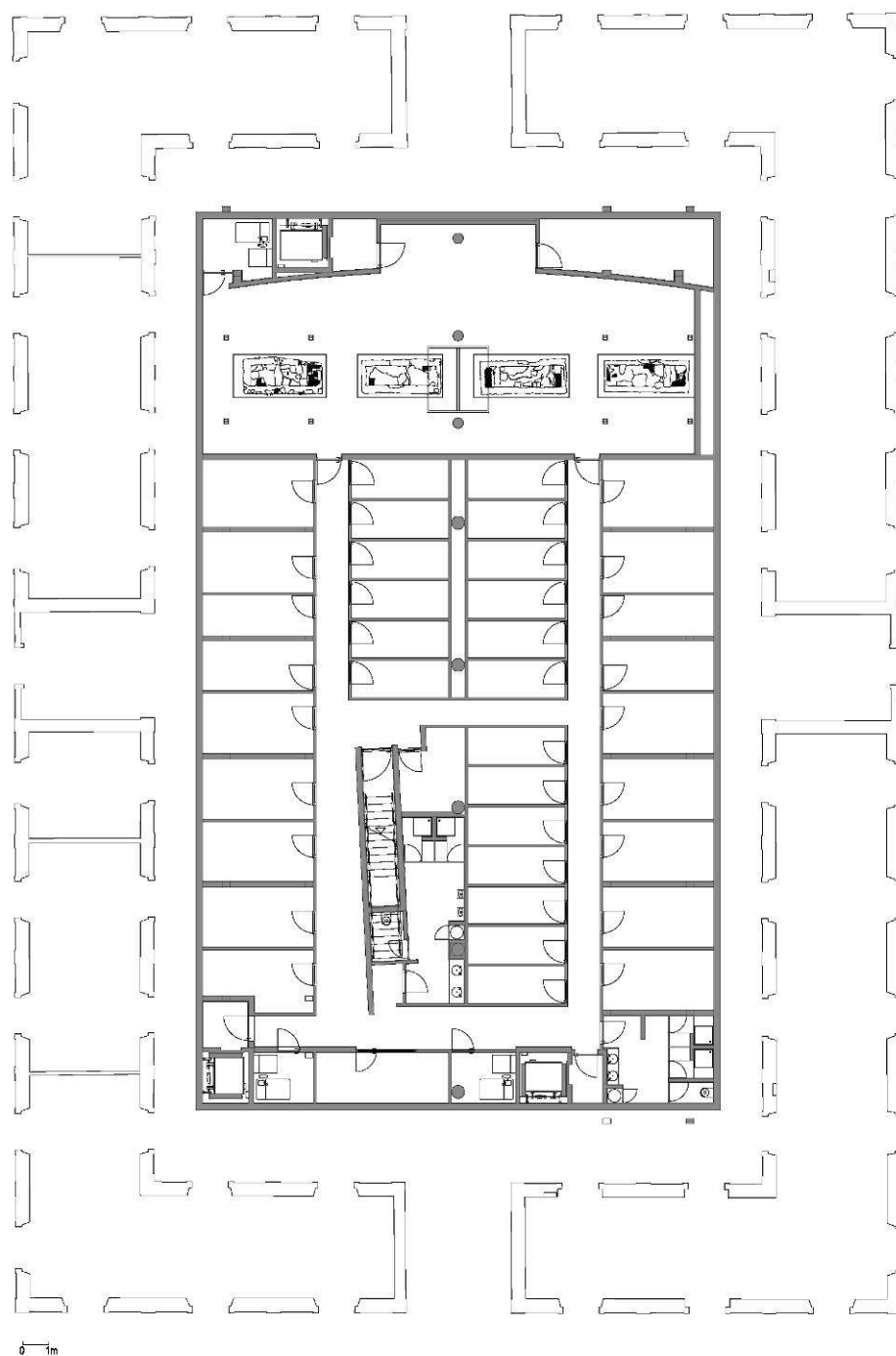


Figura 41. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta piso 0, esc1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF



57

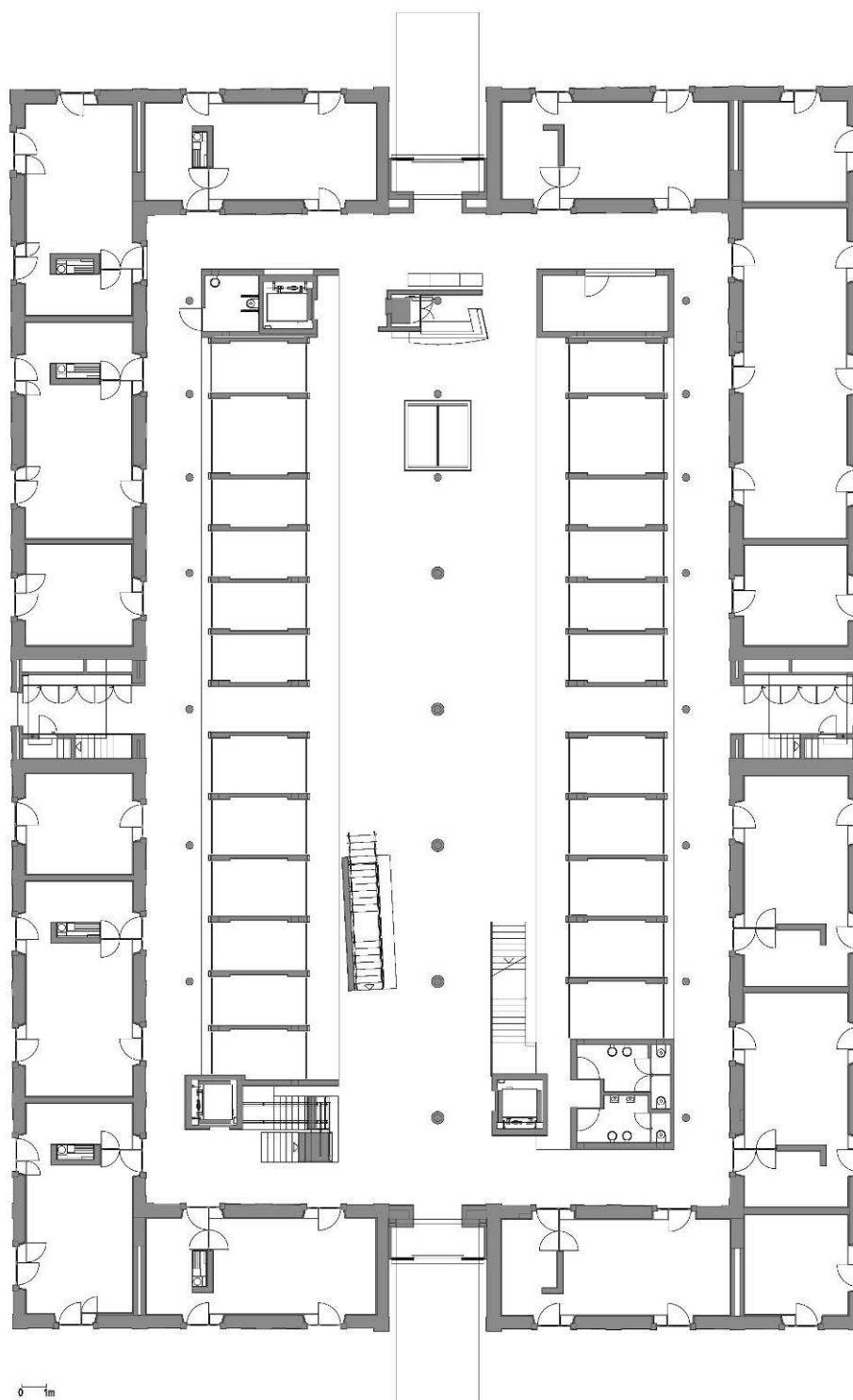


Figura 43. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta piso 0,esc1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF

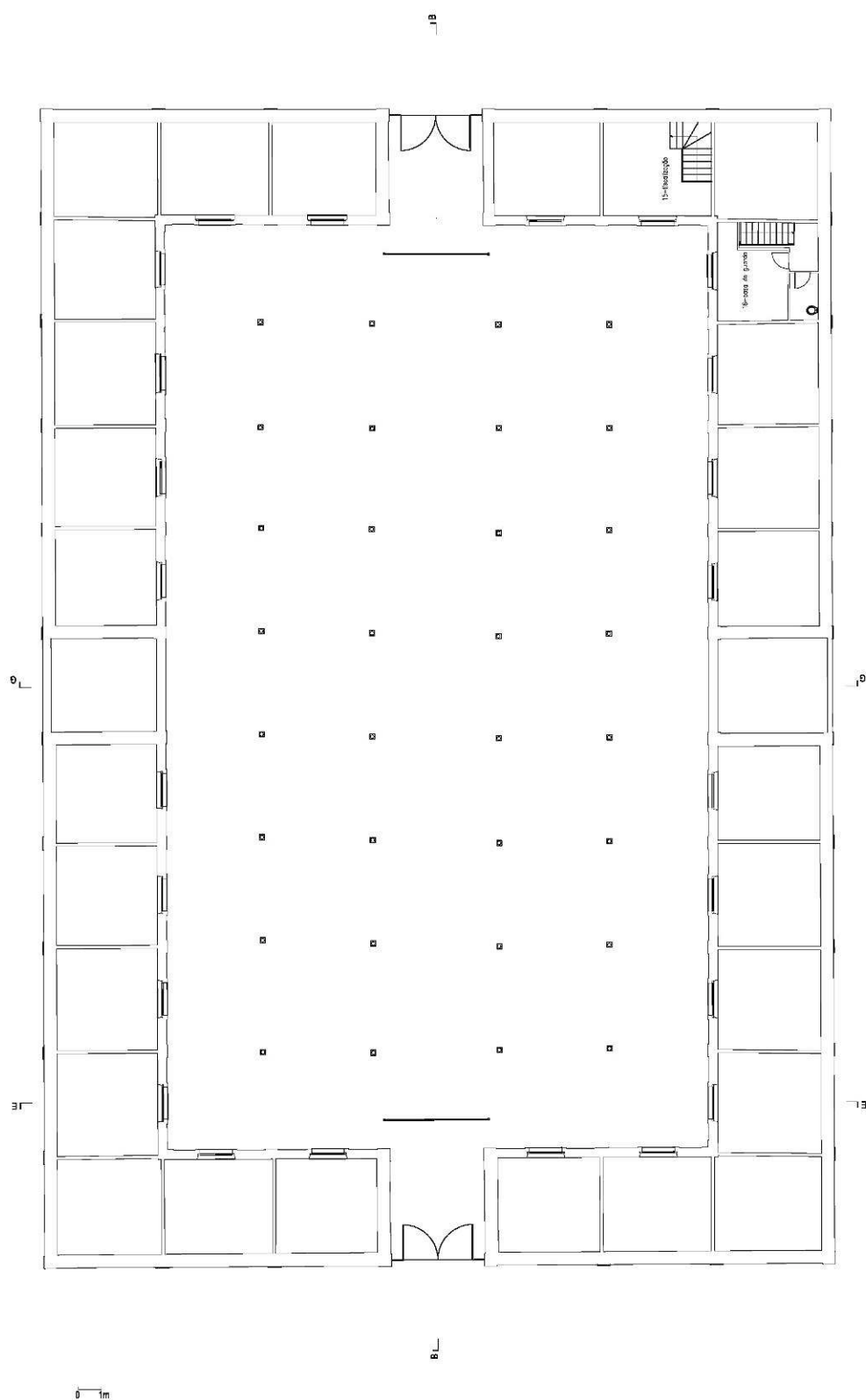


Figura 44. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta do Piso 1, Esc. 1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF

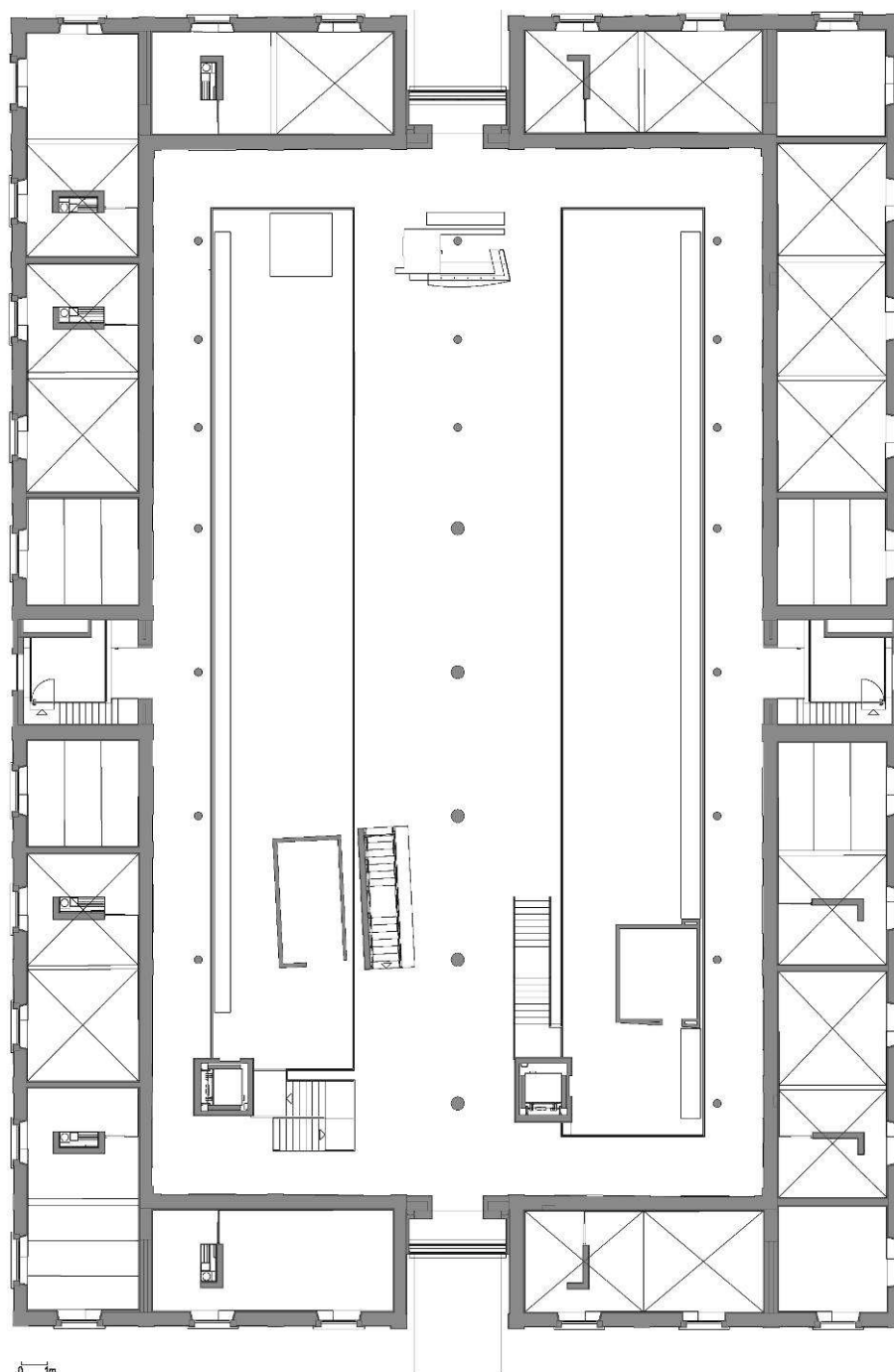


Figura 45. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta Piso -1, Esc. 1:100, CME, MAI 2001. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad

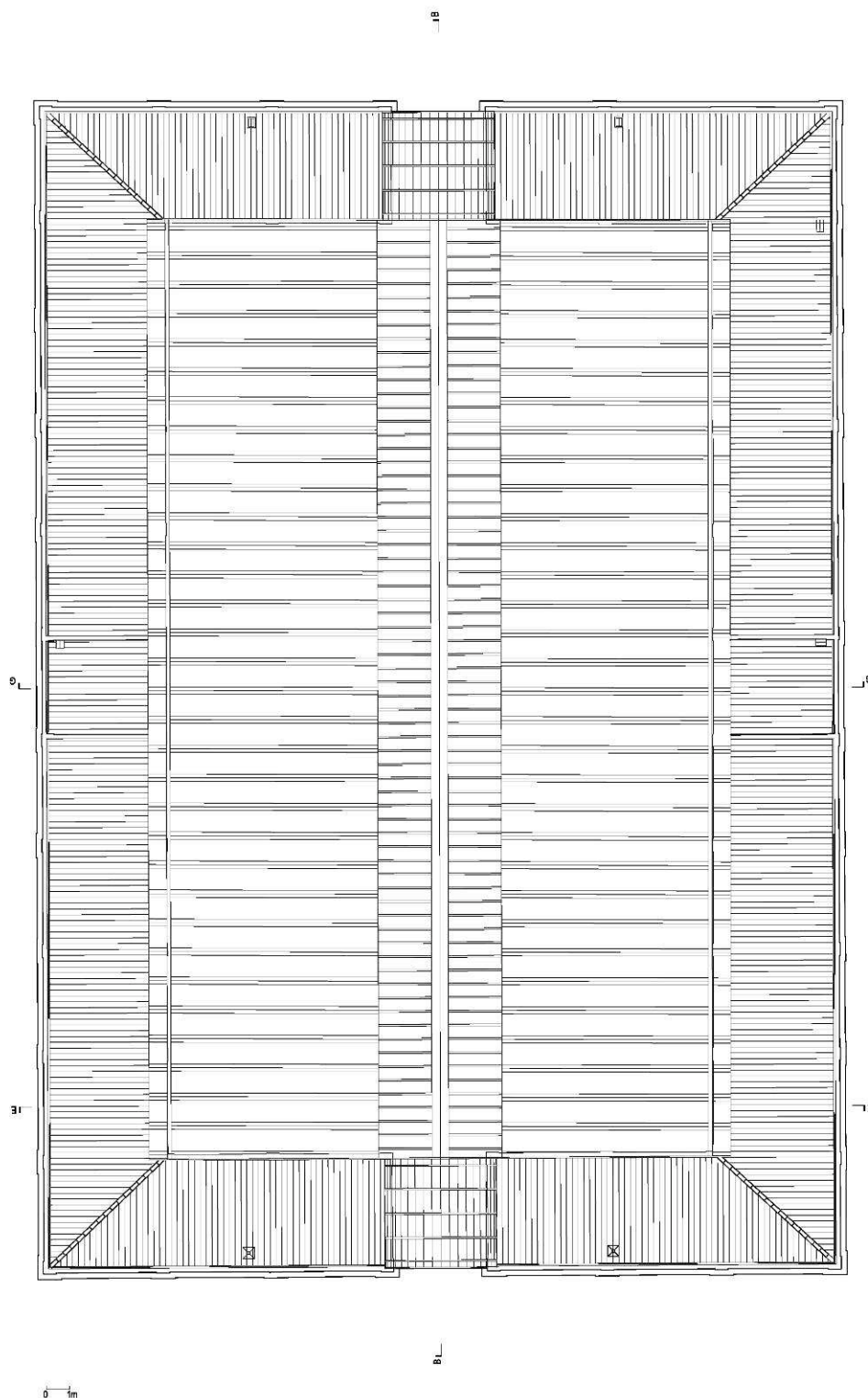


Figura 46. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Planta Cobertura, Esc. 1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF

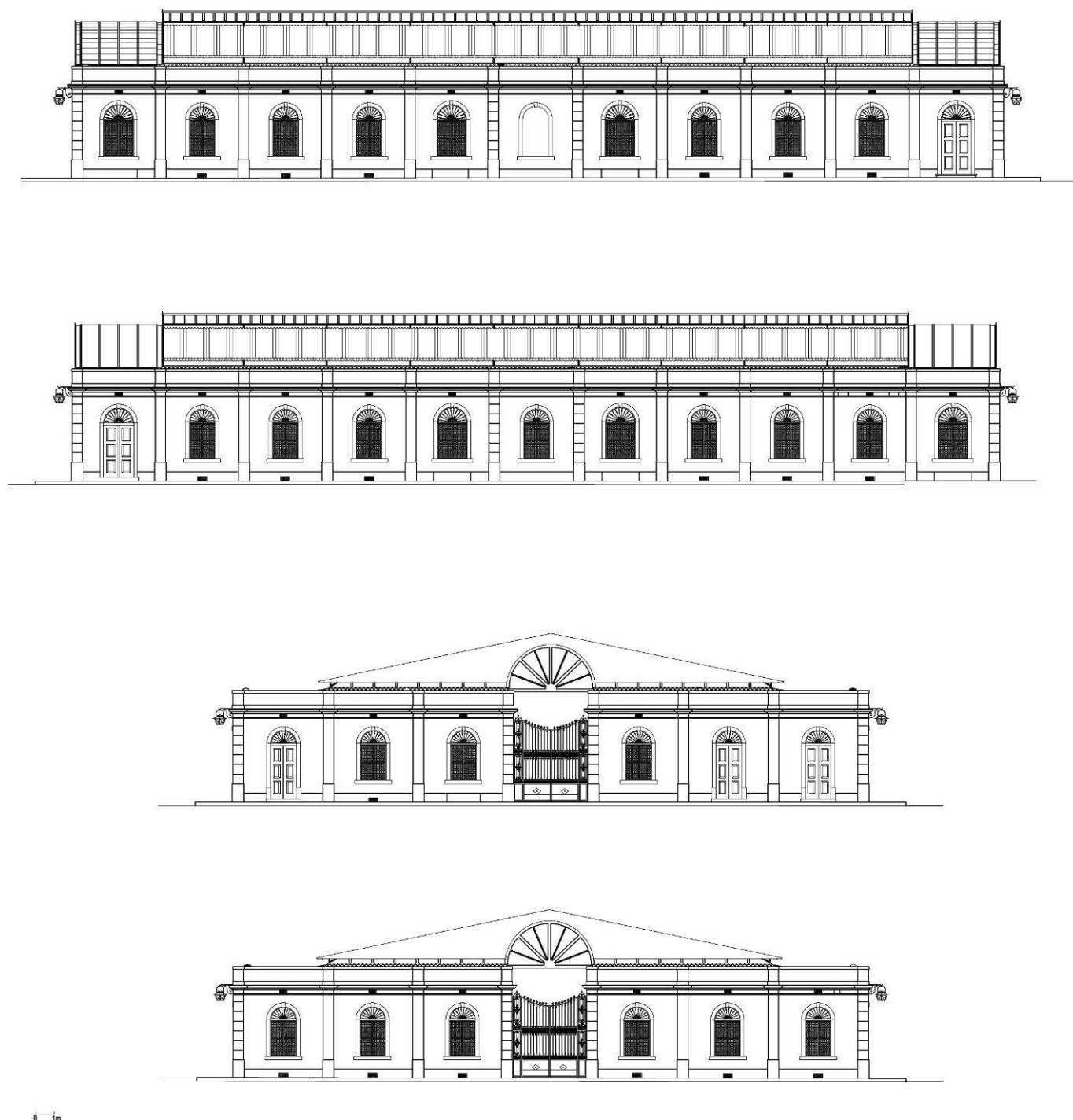


Figura 47. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Alçados, Esc. 1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF

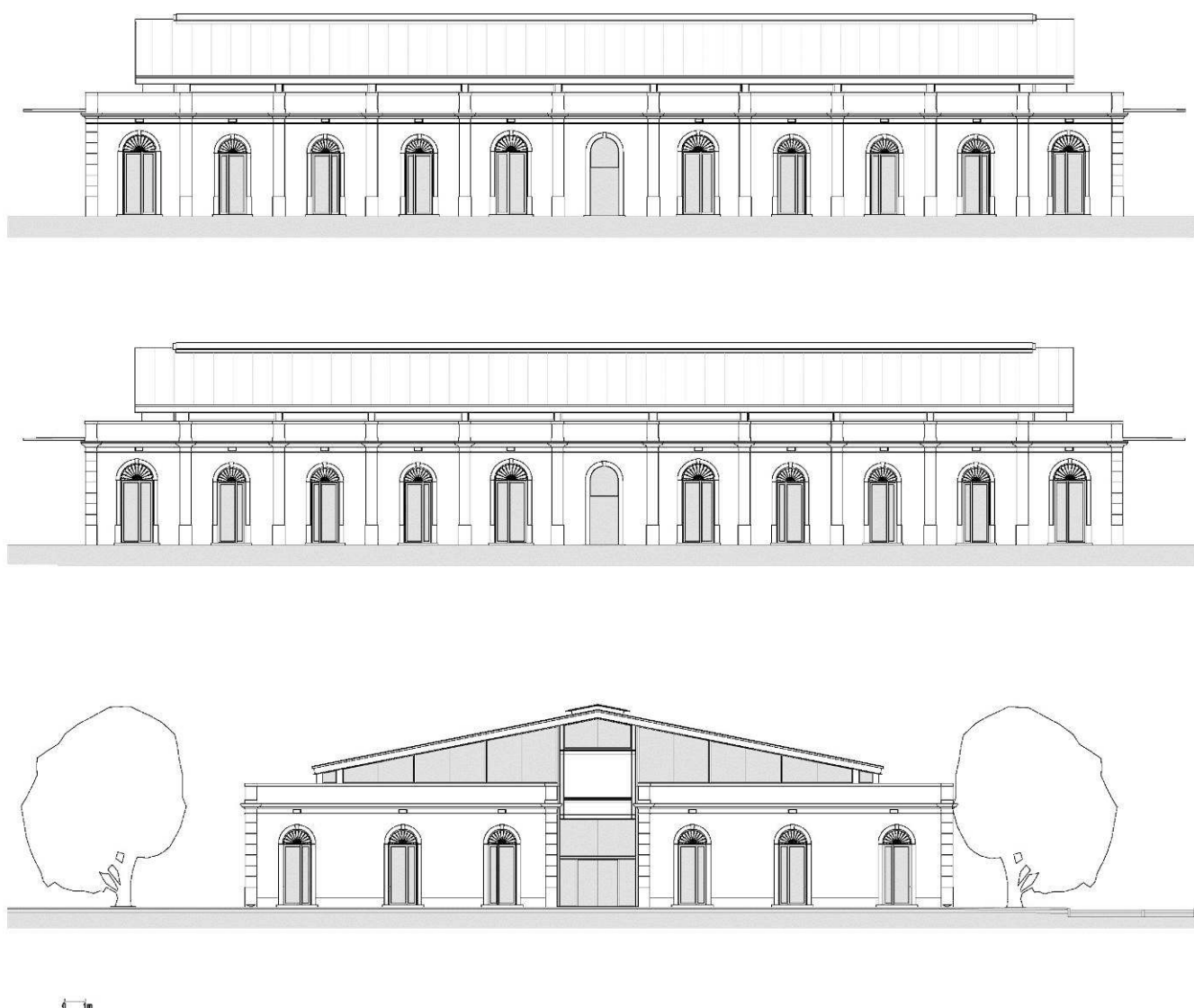


Figura 48. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Alçados, Esc. 1:100, CME, MAI 2001. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad

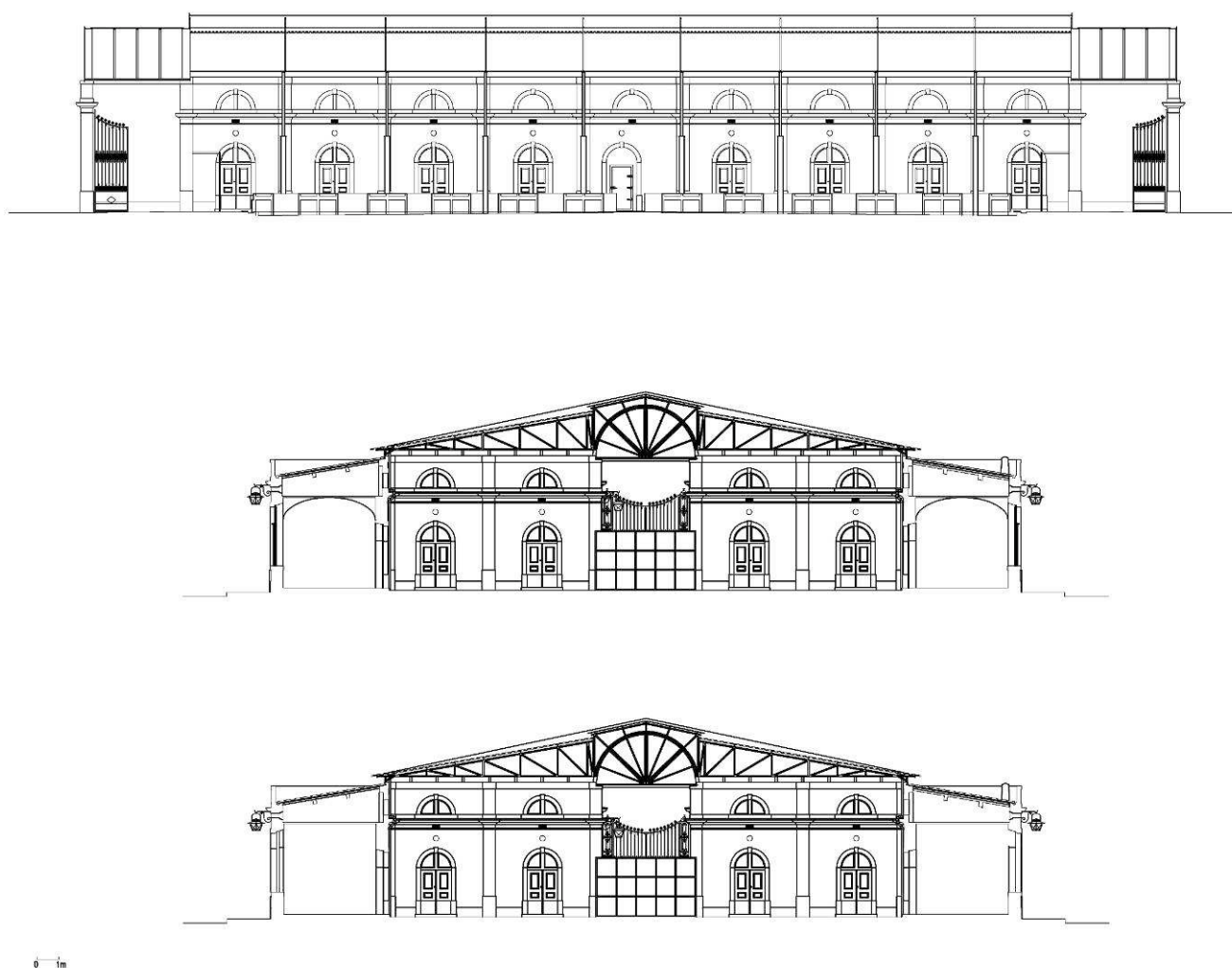


Figura 49. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Desenhos de Levantamento – Cortes, Esc. 1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF

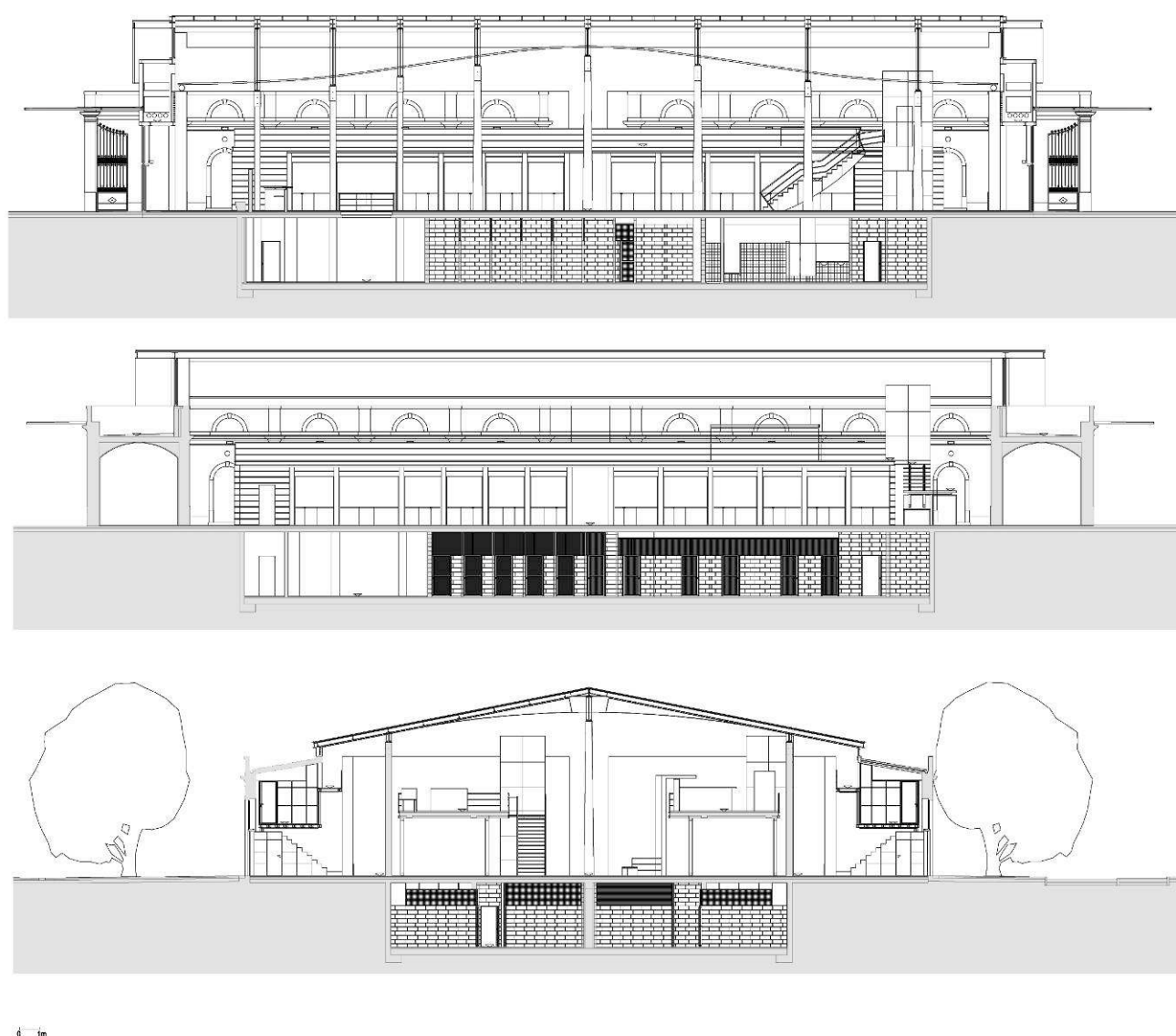


Figura 50. Mercado Municipal de Évora. Mercado da Fruta, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Cortes, Esc. 1:100, CME, MAI 2001. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad

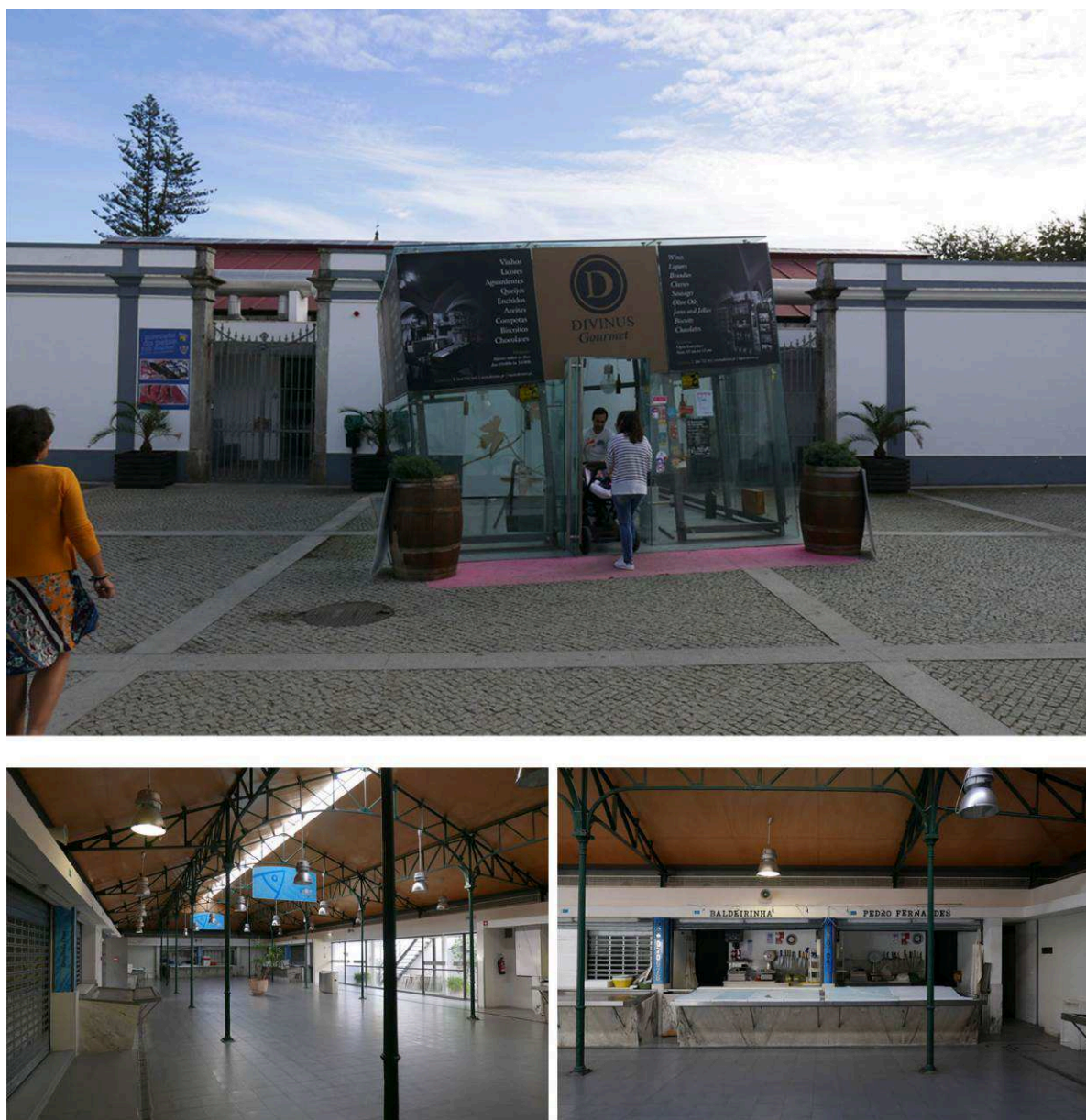


Figura 51. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, imagens actuais do exterior e interior do edifício, incluindo vista frontal do volume em vidro que define a entrada para espaço Divinus Gourmet, com acesso de escada ao piso inferior; vista perspectivada do espaço interior destinado a venda e circulação; vista frontal de bancas de venda e respectivos expositores. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016.

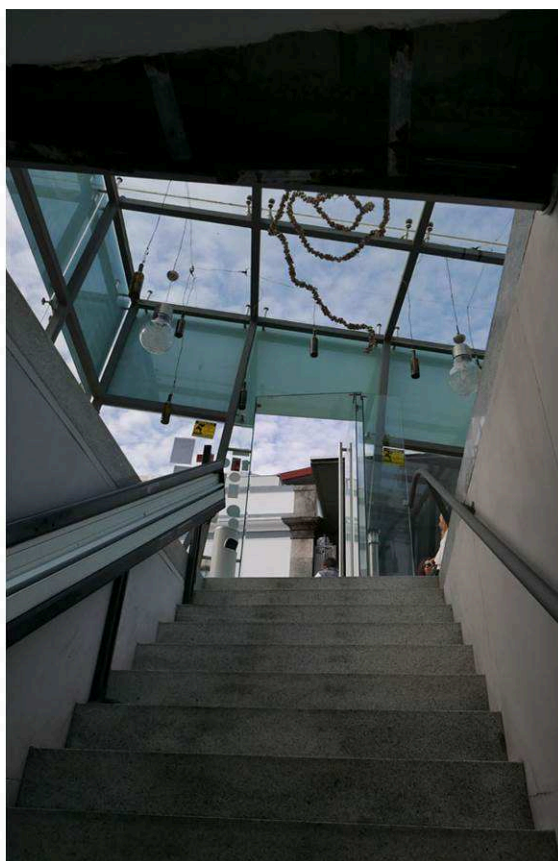


Figura 52. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, imagens actuais do interior da sala reservada ao espaço Divinus Gourmet; vista interior da entrada no volume em vidro desde a base das escadas que estabelecem o acesso à sala Divinus Gourmet, no piso -1; vista da cobertura. Imagens Luís Tavares Pereira, Outubro 2016.

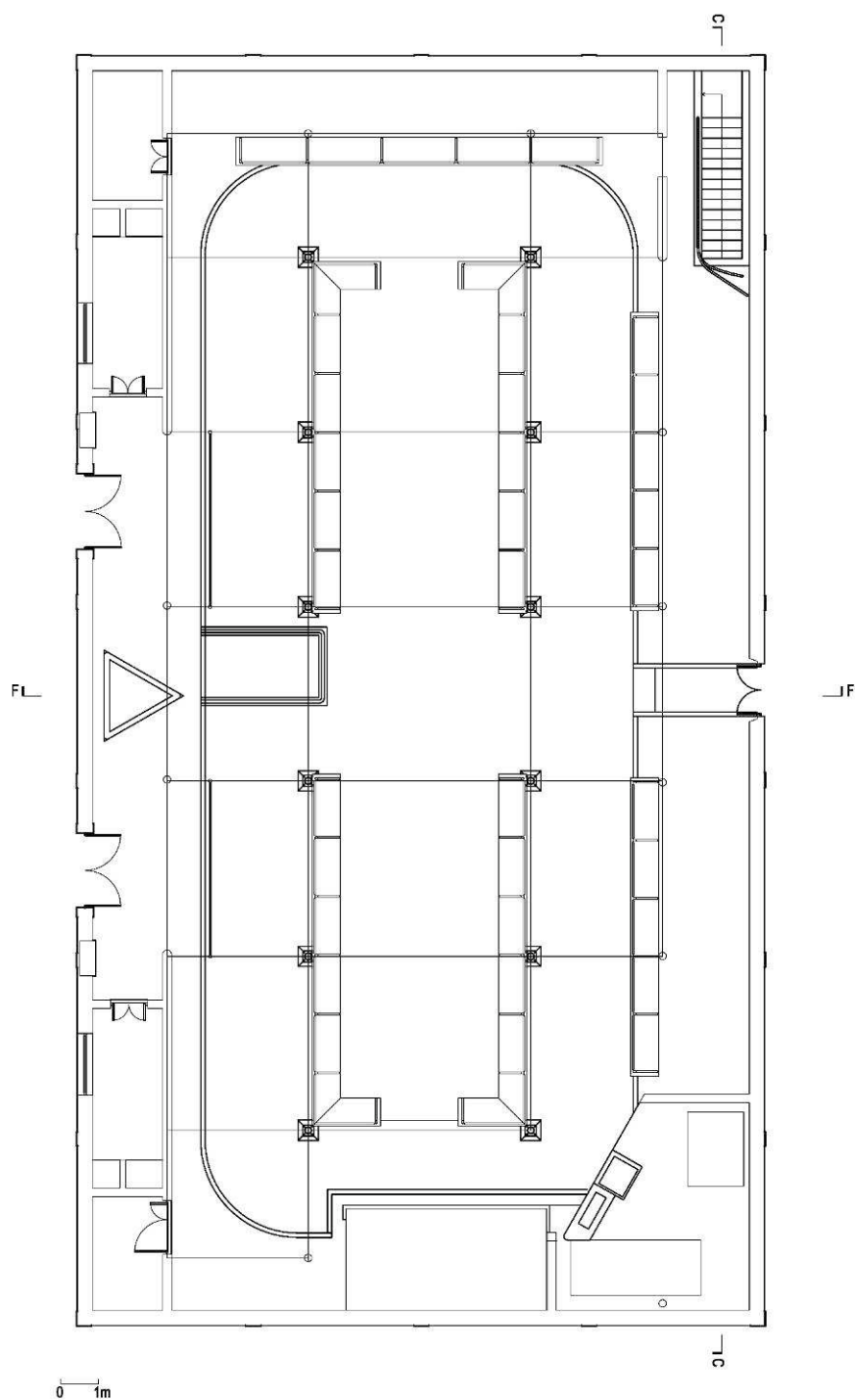


Figura 53. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Planta do Rés-do-chão, Esc. 1:100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF

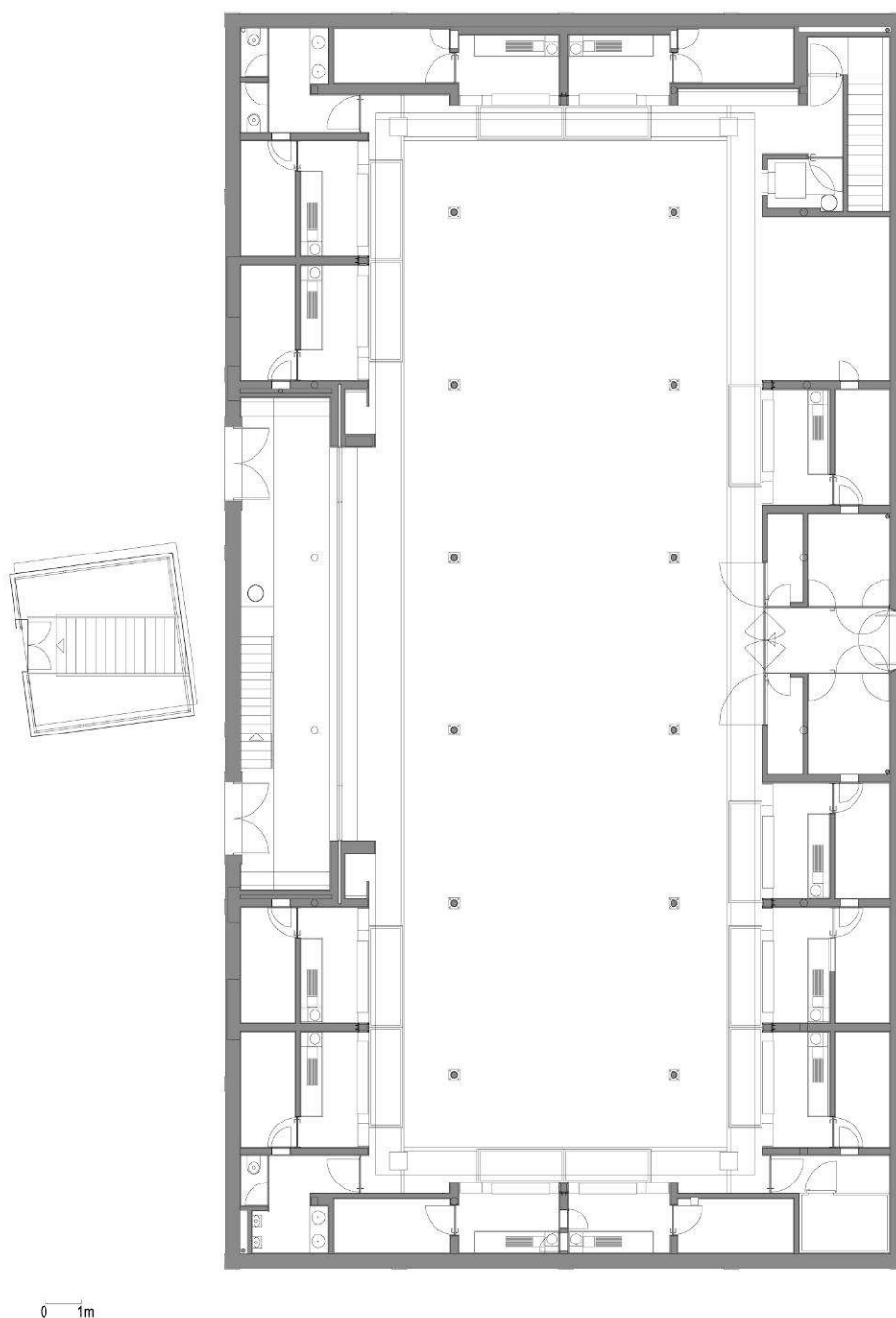


Figura 54. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta do Rés-do-chão, Esc. 1:100, CME, Junho 2006. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad

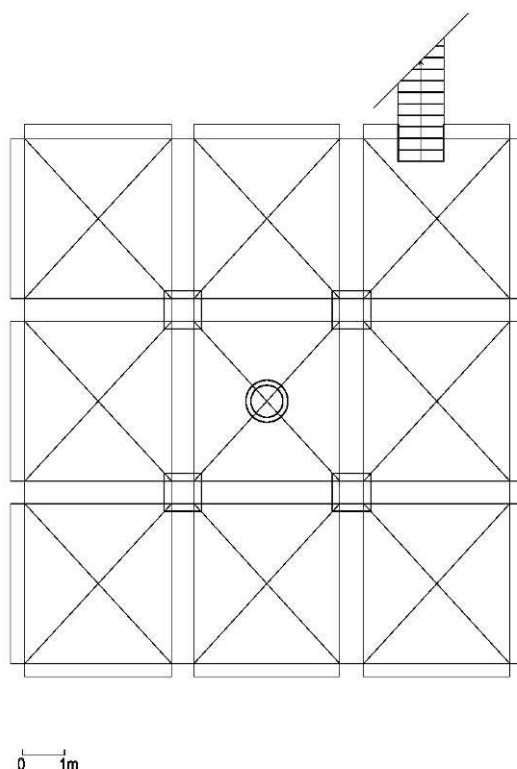


Figura 55. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Planta da Cave, Esc. 1/100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF.

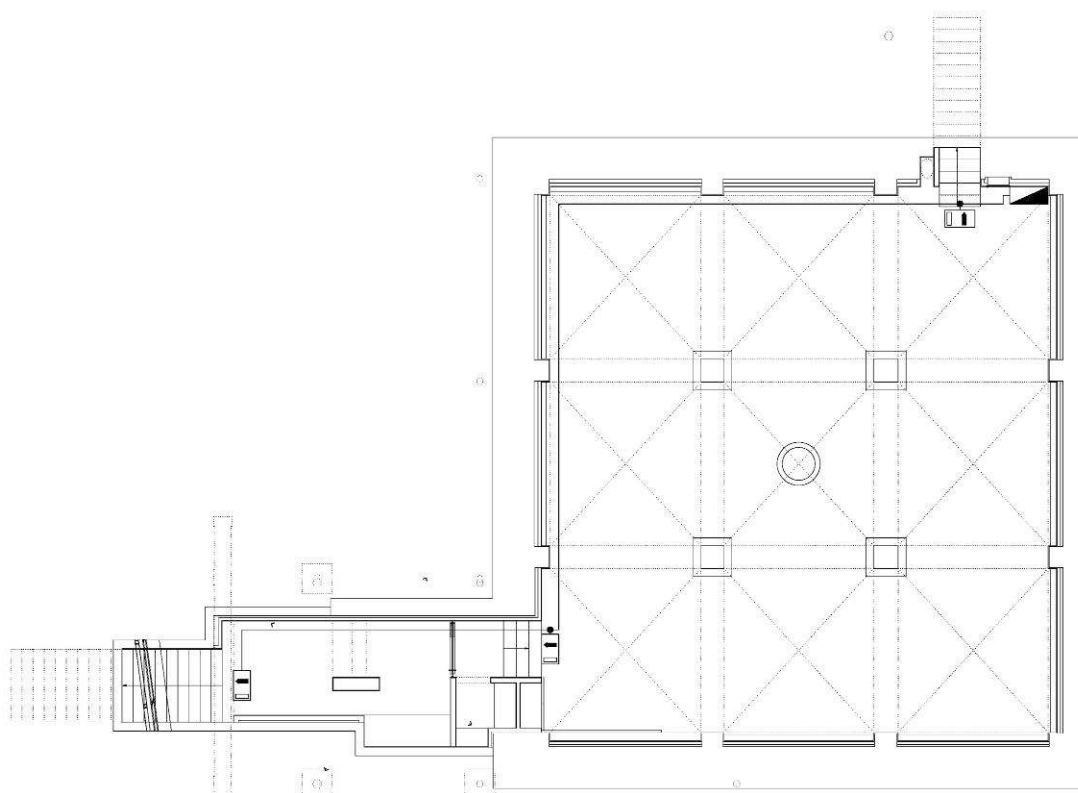


Figura 56. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Planta da Cave, Esc. 1/100, CME, Junho 2006. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad.

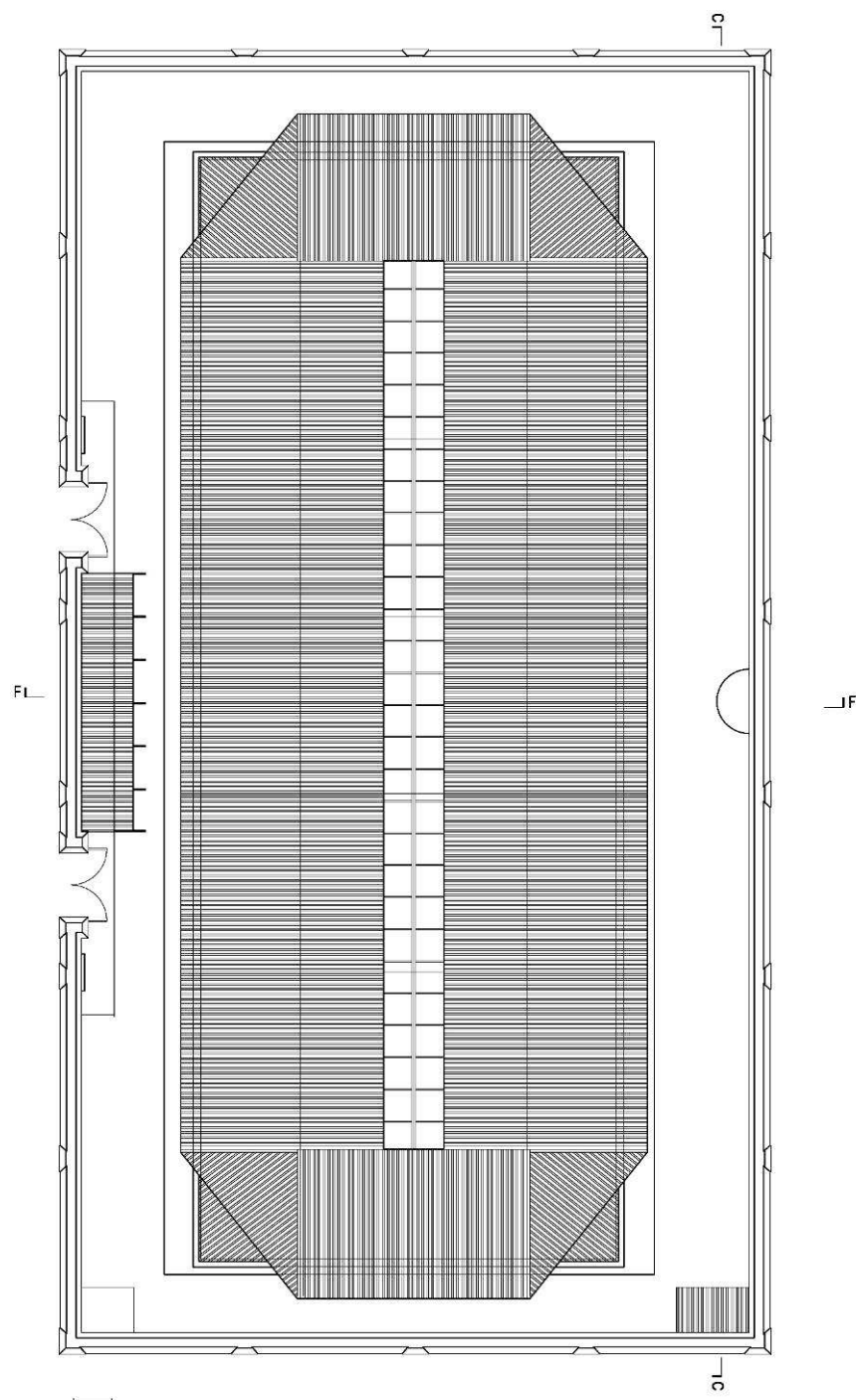


Figura 57. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Planta da Cobertura,
Esc. 1/100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF.

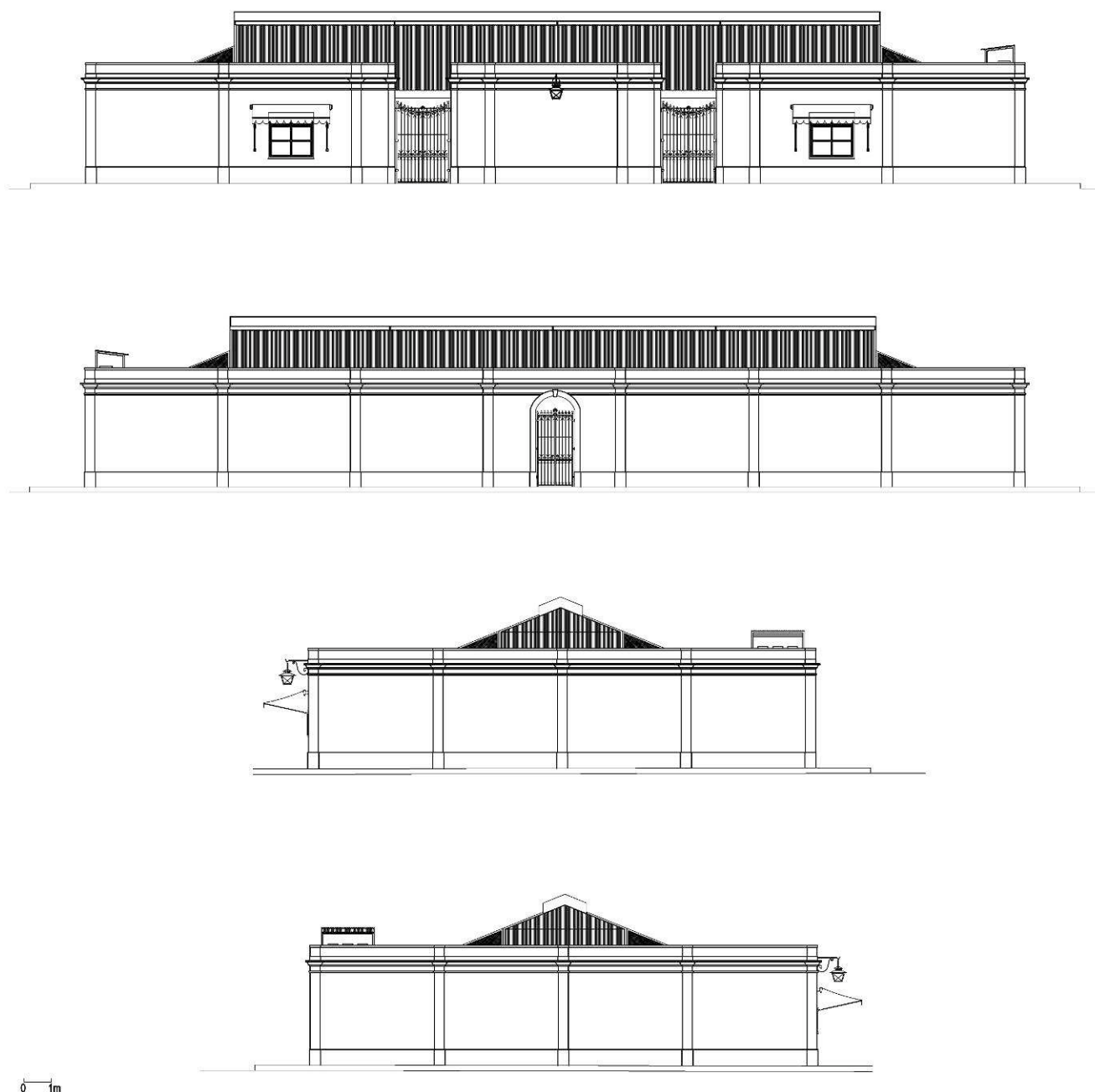


Figura 58. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Alçados, Esc. 1/100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF.

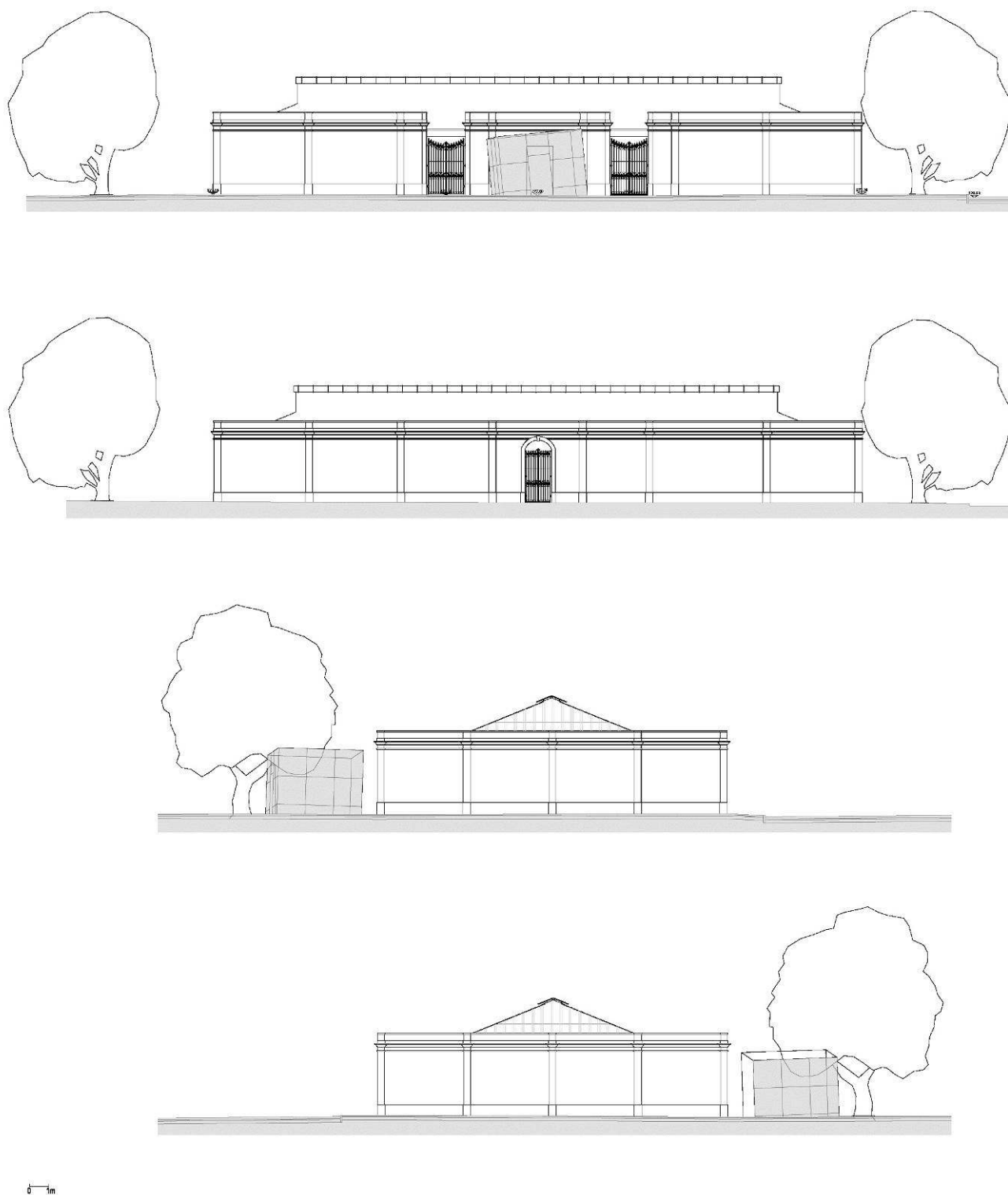


Figura 59. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Alçados, Esc. 1/100, CME, Junho 2006. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad.

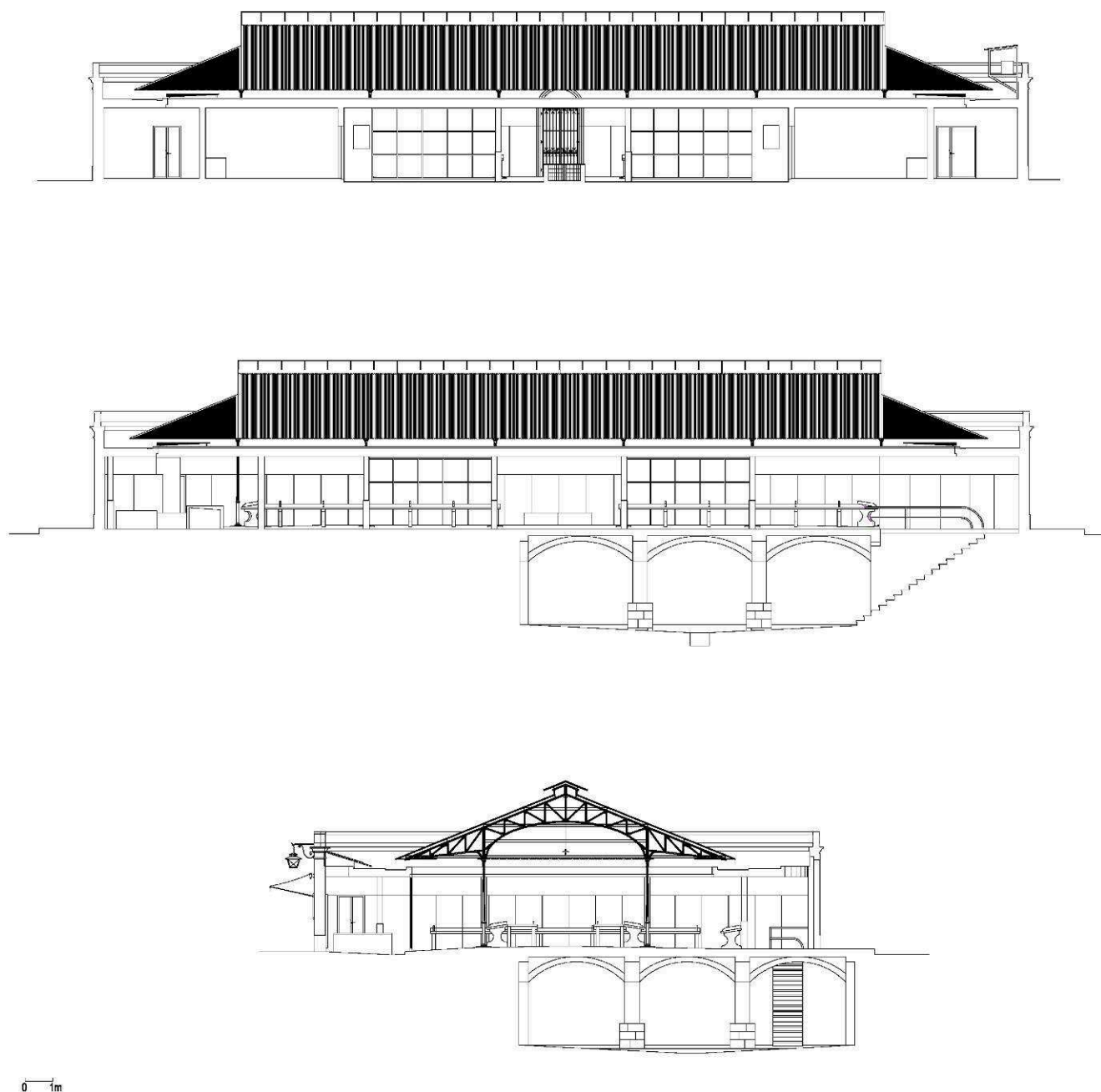


Figura 60. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Desenhos de Levantamento – Cortes, Esc. 1/100, CME, SET 1998. Desenhos fornecidos pela CME, em PDF.

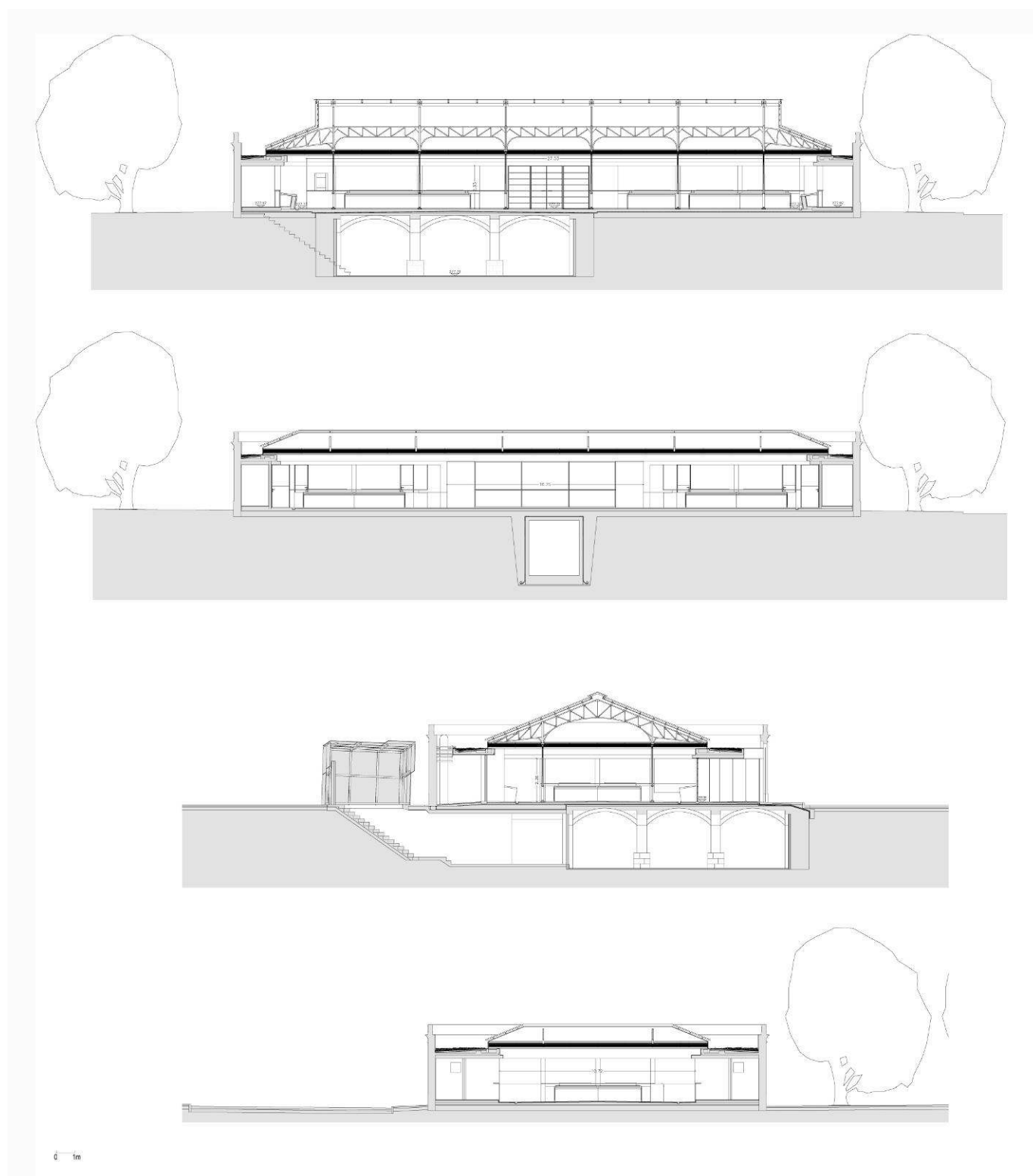


Figura 61. Mercado Municipal de Évora. Mercado do Peixe, Projeto de Remodelação Mercado 1º de Maio – Arq. Nuno Lopes, Departamento do Centro Histórico, - Cortes, Esc. 1/100, CME, Junho 2006. Desenhos fornecidos pela CME, em Autocad.

2.3. ENVOLVENTE URBANA E ENQUADRAMENTO NA CIDADE

A envolvente urbana corresponde a um espaço aberto e desnivelado, designado como Praça 1º de Maio, cujo centro é ocupado pelo Mercado Municipal, e onde pontuam vários patrimoniais-culturais de referência, incluindo, entre outros, o antigo Celeiro Comum, atual MADE, e o Palácio D. Manuel – espaços a intervencionar no âmbito deste projeto.

De acordo com informação presente numa planta antiga de Évora, esta área da cidade foi ocupada no século XVIII pela cerca do Convento de São Francisco, pelo Paço Real e por construções militares de apoio à defesa da cidade, e ao baluarte vizinho denominado Baluarte do Trem, designação entendida como oficina ou depósito militar. No século XIX, seria destruídas as instalações do Paço Real, tendo-se então construído o quartel de artilharia, atual Colégio Luís António Verney.³

A intervenção de requalificação do espaço exterior fez parte da estratégia de requalificação do Mercado Municipal, dotando-o de espaços exclusivamente dedicados ao tráfego peatonal, onde se pudessem estender as esplanadas servidas pelo mercado e realizar eventos temporários que, de algum modo, dinamizassem a zona e contribuíssem para atrair mais visitantes ao mercado. Por outro lado, iria permitir libertar a pressão sobre a Praça do Giraldo de eventos efémeros que ocupam o seu tabuleiro grande parte do ano.

Embora ainda falte à equipa informação de projeto, quer relativamente ao desenho antes da intervenção, quer ao atual, mas a atual configuração do espaço define uma zona reservada a uso peatonal que estende a plataforma do mercado até ao muro que resolve a diferença de cota entre a zona de circulação junto à igreja de São Francisco e a do Mercado 1º de Maio. Esta plataforma é rematada a Sul por uma fonte em mármore que resolve formalmente a relação entre os dois planos.

É patente a qualificação conseguida ao nível do desenho urbano, de definição de guias e de pavimentos, que se revela sensível na distinção entre espaço de circulação automóvel e peatonal, e se tem revelado resistente ao uso.

³ In *ROTEIRO DA VISITA AO CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA* (Ciência Viva, 2014).



Figura 63. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Vista aérea de 1995, onde figura o MADE, o Mercado Municipal de Évora antes da intervenção do Arq. Nuno Lopes, a Praça 1º de Maio e a Igreja de S. Francisco. Imagem fornecida pela SIPA, em JPEG.



Figura 62. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Vista aérea de 2002, onde é possível observar o conjunto urbano da Praça 1º de Maio, incluindo espaços verdes e de estacionamento, e elementos construídos como a Igreja de S. Francisco, o Mercado Municipal de Évora e o Palácio de D.Manuel. Imagem fornecida pela SIPA, em JPEG.

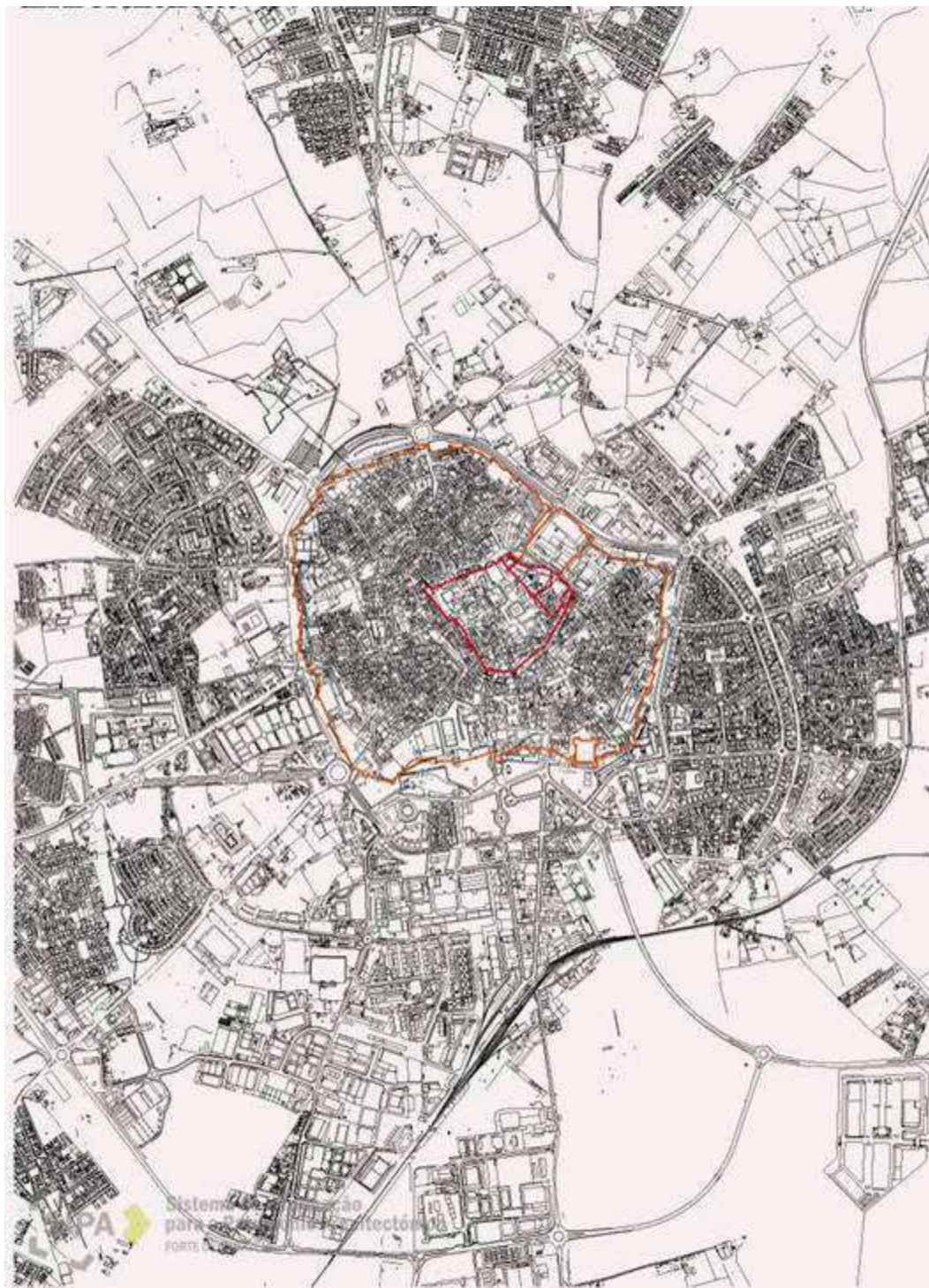


Figura 64. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Planta de Évora onde estão indicadas as Cercas Nova e Antiga, s/data, s/escala. Imagem fornecida pelo SIPA, em JPEG.



Figura 65. Envolvente Urbana e Enquadramento na Cidade. Planta de Évora onde figura o estado atual das Muralhas de Évora. Imagem fornecida pelo SIPA, em JPEG.

2.3.1. Dinâmicas urbanas

A área de intervenção ocupa, como referido, uma zona privilegiada do centro histórico intramuros de Évora. Efetivamente, quer o Palácio D. Manuel, como o Mercado Municipal e o MADE beneficiam, conforme foi referido, da grande proximidade a um conjunto notável de espaços patrimoniais-culturais, de área funcionais, espaços educativos e outros com relevância nas dinâmicas urbanas da cidade de Évora.

De entre outros espaços notáveis, destaca-se a Igreja de São Francisco e Capela dos Ossos. Recentemente este notável espaço religioso e patrimonial sofreu um conjunto de importantes obras de requalificação e restauro, sob coordenação geral do arquiteto Adalberto Dias, cujo projeto foi recentemente distinguido com o Prémio Nuno Teotónio Pereira 2016, atribuído pelo IHRU, na categoria de “reabilitação de edifício”. Para além do restauro e realibitação dos espaços Igreja de São Francisco e Capela dos Ossos, este espaço patrimonial e religioso passou ainda a albergar um conjunto de novas valências: o Núcleo Museológico, localizado na antiga ala das celas do Convento de São Francisco, onde se encontra patente uma coleção de arte sacra que pretende contribuir para um melhor conhecimento da Igreja e do Convento através dos tempos; e a Coleção de Presépios da família Canha da Silva, constituídas por mais de 2.600 peça, oriunda de 80 países, que está localizada nas galerias Sul (exposição permanente) e Norte (temporária). Atualmente, e de acordo com as estimativas disponibilizadas à equipa, o complexo da Igreja de São Francisco, Capela dos Ossos, Núcleo Museológico e Coleção de Presépios recebe anualmente perto de 300 mil visitantes. Na área exterior do edifício, onde se estabelece a ligação com a Praça 1º Maio, foi criado um acesso público à cobertura da Galilé, com a introdução de uma guarda em aço e vidro, que coloca a cobertura do mercado, que lhe é inferior, num plano de grande visibilidade a partir deste ponto apetecível de observação da cidade.

Além disso, existem ainda outros relevantes equipamentos turísticos e culturais nas imediações da área de intervenção que, conjuntamente, contribuem para reforçar o potencial de atração desta área: o Jardim Público de Évora, onde está localizado o Palácio D. Manuel; os vários espaços de comércio e restauração localizados nas imediações da Praça 1º de Maio; e ainda a Escola de Ciências e Tecnologia, polo da Universidade de Évora localizado no antigo Colégio Luís António Verney. Destacam-se ainda a grande proximidade ao Rossio de São Brás, um dos espaços de privilegiados para o estacionamento das viaturas de transporte coletivo de excursionistas, mas onde também estaciona um grande número de viaturas de turistas e visitantes que viajam de uma forma individualizada, que será em breve intervencionada no âmbito do Plano de Ação de Desenvolvimento Urbano (PARU) de Évora, criando assim melhores condições de acolhimento para os turistas e visitantes de Évora e da sub-região do Alentejo Central.

Interessa ainda considerar nesta análise a relativa proximidade da área de intervenção à Praça do Geraldo, possivelmente o principal epicentro turístico da cidade de Évora, local onde é hoje possível encontrar, bem como nas ruas adjacentes (é o caso, nomeadamente, do eixo, em grande parte pedonalizado, que se prolonga para sul da Praça do Geraldo, nas ruas da Moeda, Mercadores, Raimundo, Bernardo de Matos, Romão Ramalho e Travessa dos Fusos; da Rua de Avis; e ainda, sobretudo, da Rua 5 de Outubro, com uma notável concentração de artesanato e voltado para o turista/visitante), uma oferta de comércio variada e de qualidade. De entre outros espaços comerciais aqui localizados, destacam-se o Café Arcada, bem conhecido pela sua oferta de doçaria típica da cidade, e a Papelaria Nazaré, a mais antiga de Évora. É também na Praça do Geraldo que se localiza o Posto Municipal de Turismo, constituindo, por isso mesmo, um local de passagem obrigatório de muitos daqueles que visitam Évora e a sua região envolvente e pretendem obter informações sobre a oferta turística existente.

No contexto das recentes intervenções no Mercado Municipal e na Igreja de São Francisco estabeleceu-se uma relação entre os dois espaços que é mediada por um muro que contem as terras do patamar mais elevado onde se ergue a igreja, resolvendo suavemente o encontro de cotas a Sul e a Norte. Há também uma fiada frondosa de árvores que, plantados à cota inferior, no mesmo plano do Mercado, marca a separação entre ambos. O espaço exterior foi abrangido pela intervenção de renovação urbana que acompanhou a renovação do Mercado Municipal de Évora e constitui-se atualmente, à plataforma inferior, à cota do mercado, como um espaço peatonal de acesso automóvel restrito, destinado a esplanadas ao serviço do mercado – atualmente sem atividade – e a eventos temporários. Este constitui, na perspetiva da equipa, um espaço privilegiado para se constituir como alternativa à Praça do Giraldo, para resposta a solicitações de carácter público e efémero.

Atualmente, a área de intervenção caracteriza-se por uma dinâmica urbana relevante de convivialidade, comércio e uso dos espaços públicos, embora essencialmente concentrada durante o período diurno, potenciada pela proximidade ao polo universitário, ao Jardim Público de Évora onde, para além de uma ampla área de espaços verdes, existe ainda uma pequena esplanada bastante frequentada, pelas várias áreas de esplanada de restaurantes e cafés localizados no topo da Praça 1º de Maio e, ainda que de modo um pouco mais tímido, pela própria área pedonal existente no espaço em frente ao Mercado Municipal.

Importa ainda salientar que as atuais dinâmicas de utilização e convivialidade urbana evidenciam um potencial de crescimento não negligenciável, na medida em que, como foi referido em vários contatos realizados pela equipa, este território continua a ser visto, para muito dos turistas e visitantes de Évora, e até para alguns dos seus residentes, como um local de passagem, em detrimento de outros espaços notáveis da cidade, como é o caso da Praça de Geraldo ou ainda de toda a área envolvente ao Templo Romano/Museu de Évora/Fórum Eugénio de Almeida, por exemplo.



Figura 66. Igreja de S. Francisco. Vista da Igreja de S. Francisco, datada de 1873, onde se pode observar uma caixa de água renascentista. Imagem fornecida pelo SIPA, em JPEG.



Figura 68. Igreja de S. Francisco. Vista da Igreja de S. Francisco, 1940-1959. António Passaporte, Cota APS0014 - Propriedade Arquivo Fotográfico CME. Imagem disponível em <http://viverevora.blogspot.pt/2012/08/evora-perdida-no-tempo-igreja-de-sao.html> (16.12.19).

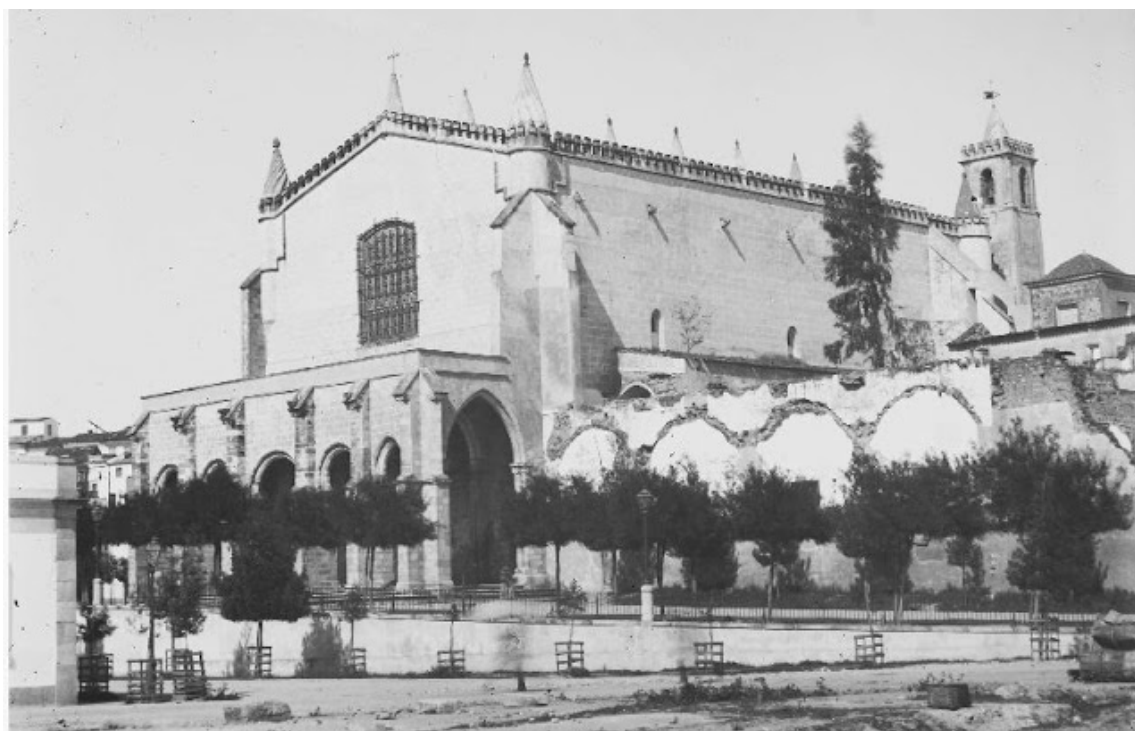


Figura 68. Igreja de S. Francisco. Vista da Igreja de S. Francisco, onde ainda se pode observar parte do antigo convento (em demolição), 1895-1940. Autor desconhecido, Cota CME0277 - Propriedade Arquivo Fotográfico CME. Imagem disponível em <http://viverevora.blogspot.pt/2012/11/evora-perdida-no-tempo-igreja-de-sao.html> (16.12.19).



Figura 69.. Igreja de S. Francisco. Vistas da Igreja de S. Francisco na situação atual. Imagens de Luís Tavares Pereira, Outubro 2016.



Figura 70. Igreja de S. Francisco. Planta da Zona de Protecção, Esc.1/50, com marcação dos limites das zonas de protecção e das zonas vedadas a construção. Desenho fornecido pelo SIPA, em JPEG.

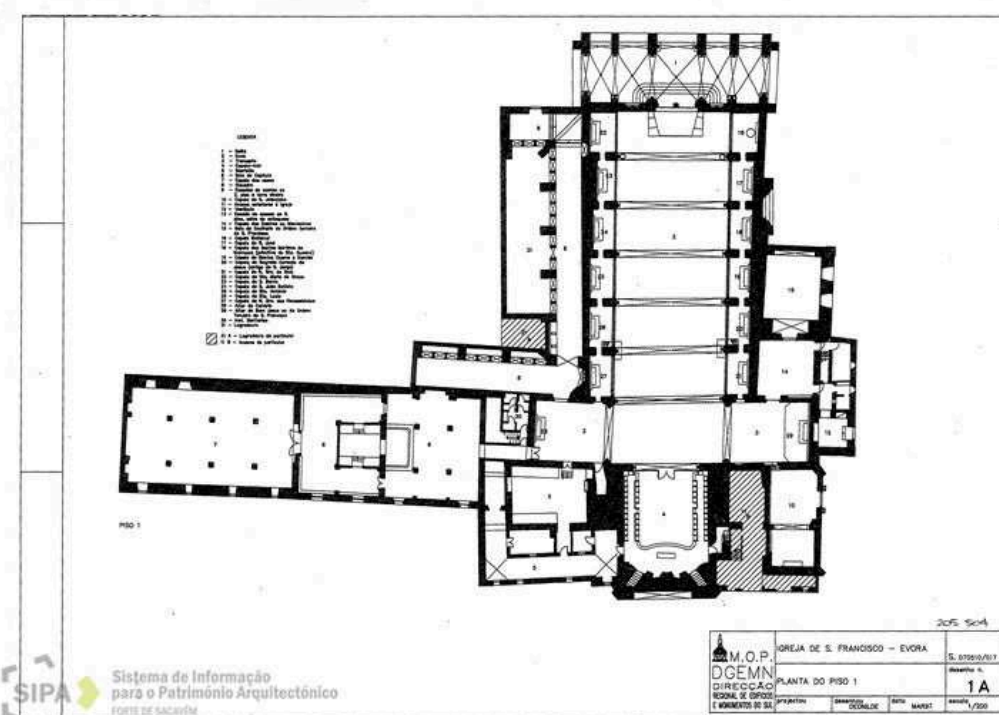
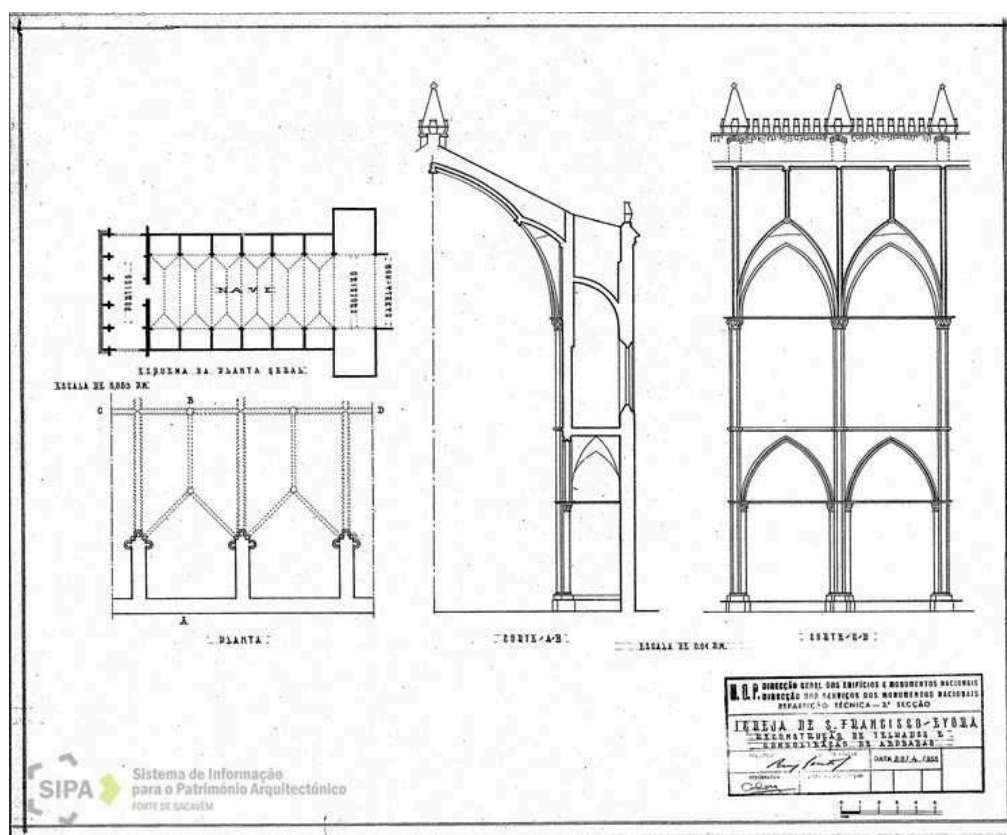


Figura 71. Igreja de S. Francisco. Cortes de pormenor onde se pode ver o desenho das abóbadas, s/data, s/ Esc. Planta do Piso 0, s/data, Esc.1/500. Desenhos do M.O.P, DGEMN – Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul, fornecidos pelo SIPA, em JPEG.

2.3.2. Mobilidade

De acordo com informação veiculada pela CME, em Dezembro 2016, embora exista um Regulamento Municipal de Trânsito e das Zonas de Estacionamento (tarifado, residente e livre), o Município de Évora não tem neste momento um plano de mobilidade. Note-se ainda que foi desenvolvido pela CIMAC um plano de mobilidade intermunicipal, existindo a expectativa que, dada a especificidade de Évora no contexto do Alentejo Central, venha a ser desenvolvido um plano local (embora ainda sem horizonte temporal definido para a sua realização). Em reunião com técnicos da CME foi ainda referido que no final da década de 1990 foram dados passos significativos no sentido de desenvolver um Plano de Mobilidade para o Centro Histórico de Évora, em parceria com entidades como o Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa e o Instituto de Mobilidade e Transportes. Contudo, estas iniciativas acabaram por ser refreadas e/ou delegados numa empresa municipal – Sistema Integrado de Transportes e Estacionamento de Évora, EM (SITEE) – recentemente dissolvida e internalizada no Município de Évora.

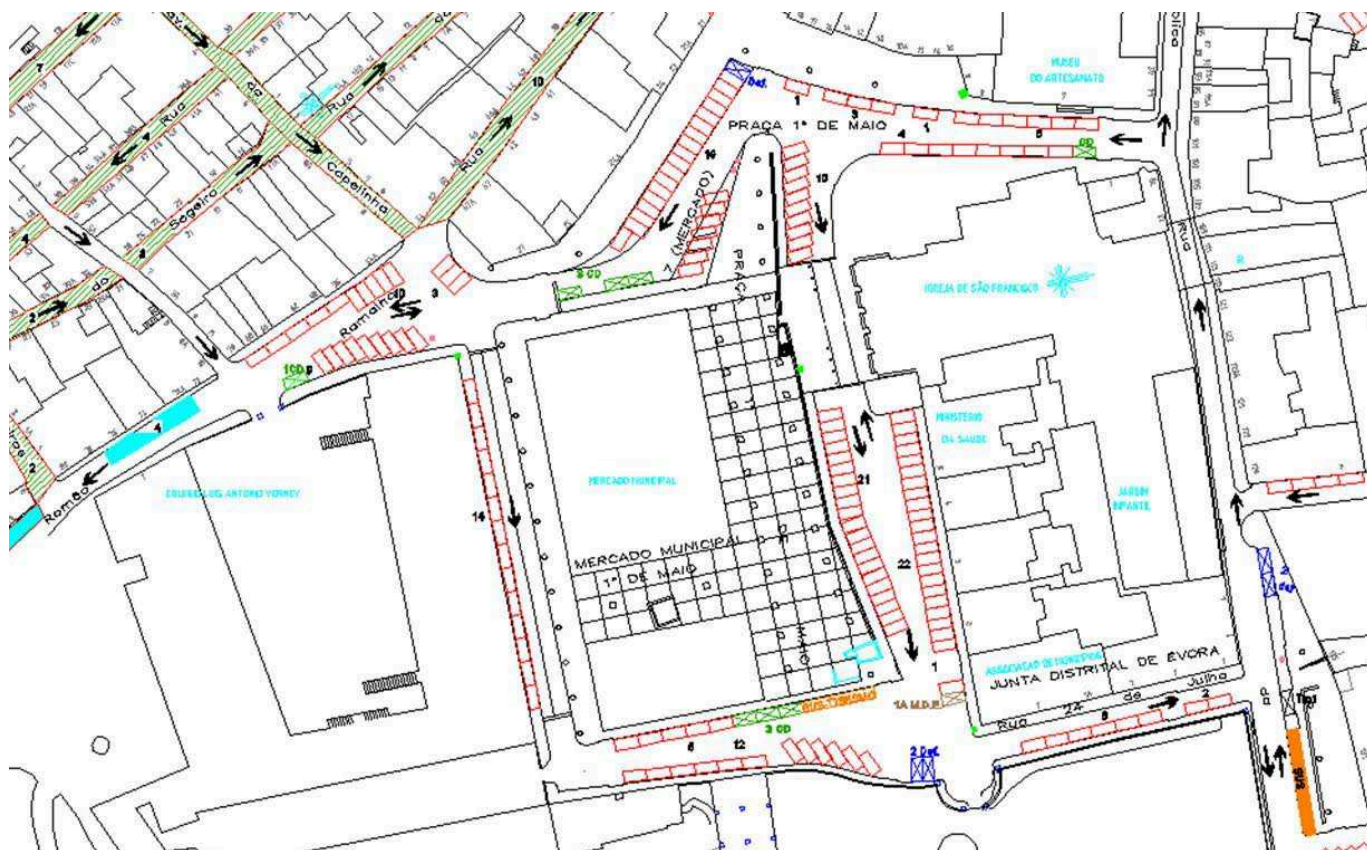
Centrando a análise na área específica onde irá decorrer esta intervenção, a Praça 1º de Maio e zona envolvente, importa referir que, atendendo à forte concentração de equipamentos nesta área do centro histórico de Évora, atualmente a circulação de veículos de pesados motorizados de transporte de passageiros encontra-se condicionada a motociclos, automóveis ligeiros e *mini-bus*. Existe inclusivamente uma paragem do *Évora City Tour*, serviço de transporte realizado pela empresa Rodoviária do Alentejo, que se encontra localizada em frente à Igreja de S. Francisco, imediatamente após a ligação pedonal existente, estando definido que as viaturas de bus podem realizar uma breve paragem em segunda fila, dada a brevidade das manobras inerentes à entrada e saída de passageiros.

Atualmente não existe na Praça 1.º de Maio nenhuma paragem de transportes públicos, uma vez que todas as paragens de autocarros da empresa Trevo, com quem se encontra concessionada a rede de transportes públicos, foram transferidas, em 2007, para a Rua da República e Praça do Giraldo. Note-se ainda que a praça de táxis mais próxima localiza-se na Praça do Giraldo, apresentando uma capacidade para 10 viaturas.

Numa das plantas abaixo reproduzidas, é possível perceber a localização dos lugares de estacionamento na envolvente do Mercado Municipal de Évora. Nela, é possível verificar os lugares destinados a residentes, tarifado e cargas e descargas. Assinale-se, contudo, que esta planta não identifica o parque de estacionamento existente no Colégio Luís António Verney, atualmente afeta apenas à Universidade, mas que se prevê que venha a ser parcialmente disponibiliza para uso público, ao abrigo de um acordo para esse efeito com o Município de Évora. Segundo informações disponibilizadas por técnicos da CME, este parque de estacionamento terá capacidade para 200 lugares, de acordo com o PU da altura e com o projeto de arquitetura e respetivas especialidades, embora estivem, contudo, que o espaço em causa não comportará na realidade tantos lugares de estacionamento.

Ainda em conversa com a equipa da CME, foi-nos informado que está em estudo a limitação do movimento dos autocarros turísticos na cidade, concentrando o ponto de largada e tomada de passageiros no Rossio de São Brás, fazendo-se a partir daí o acesso a pé à zona da igreja de São Francisco a partir da Rua da República ou pelo Jardim Público.

Finalmente, importa ainda referir que, no âmbito do Memorando de Entendimento “Smart+Connected Communities” (S+CC), assinado entre a CISCO, a ADRAL e a CIMAC, em Maio de 2016, estão contempladas um conjunto de intenções de projetos ao nível da gestão inteligente do tráfego e estacionamento automóvel no centro histórico de Évora, incluindo especificamente a Praça 1º de Maio e área envolvente.



88

Foi realizado um levantamento e análise técnica da área envolvente ao Mercado Municipal, ao MADE e ao Palácio D. Manuel, tendo-se constatado que não existem equipamentos para consulta de informação, tais como ecrãs interativos ou outros. Verificou-se ainda que nem toda esta área está dotada de um bom acesso público gratuito à Internet. A inexistência deste tipo de tecnologias dificulta a comunicação com os visitantes e a divulgação de informação, perdendo-se assim a oportunidade de dar a conhecer melhor a oferta turística da região.

89

2.3.4. Relação com o Palácio D. Manuel

O futuro Centro de Interpretação da Cidade de Évora ficará localizado no edifício do Palácio D. Manuel, classificado como Monumento Nacional, em 1910. O projeto de adaptação do Palácio D. Manuel a Centro de Interpretação de Évora está a ser desenvolvido pelo atelier VMSA arquitectos, por encomenda da CME, entidade proprietária do edifício e promotora deste projeto. Esta operação encontra-se numa fase mais avançada de desenvolvimento, prevendo-se que a sua execução se inicie ainda durante o ano de 2017.

Este projeto prevê o restabelecimento de ligações diretas do edifício⁴, cujo topo Norte se localiza à face do limite Sul da Praça 1º de Maio, à praça, recuperando anteriores aberturas que figuraram no edifício na sua configuração no final do século XIX, entretanto significativamente alterada pela DGEMN, na década de 1940, após um incêndio que, no início do século XX, destruiu o interior e cobertura. Estas aberturas no topo do edifício permitirão o acesso direto ao Palácio a partir da praça 1º de Maio, evitando a abertura do jardim fora de horas, facilitando o controlo de entradas. Dada a existência de uma pequena diferença de cotas, a acessibilidade universal será garantida através de rampa a desenvolver junto ao muro no lado poente do Palácio.

O acesso ao Palácio D. Manuel, na zona da Praça 1º de Maio, faz-se atualmente pelo portão do Jardim Público, que recua em meio círculo para criar um espaço de receção e transição entre o espaço de circulação da rua e o jardim. Em frente ao Palácio D. Manuel será necessário pensar na melhor maneira de criar este espaço de receção e transição – e proteção – exterior, face à circulação rodoviária existente e que, em função do plano de Mobilidade existente, não é possível, nem desejável, eliminar por completo.

Relativamente ao projeto museográfico, e de acordo com os elementos facultados pela CME à equipa técnica da Quaternaire Portugal, o futuro Centro de Interpretação da Cidade de Évora irá abordar um conjunto diferenciado de aspetos relacionados com o processo de desenvolvimento histórico, urbanístico e socioeconómico de Évora que ajudaram a fundamentar a sua candidatura à inscrição na Lista da Património da Humanidade da UNESCO. Serão, assim, sucessivamente abordados, em diferentes núcleos temáticos, os vários períodos históricos de evolução da cidade: a ocupação islâmica; a época medieval; o Renascimento; as fortificações e a arquitetura popular do século XIX; e ainda, por fim, Évora e o seu Património Cultural Imaterial. Mais do que uma abordagem exaustiva e aprofundada, o programa museológico que está a ser gizado pelos serviços técnicos da CME para este novo Centro de Interpretação da Cidade de Évora propõe essencialmente uma abordagem panorâmica, convidando o visitante a ir conhecer *in loco* os vários espaços patrimoniais e urbanos, equipamentos museológicos e vivências e saberes-fazer tradicionais do concelho que aqui lhe serão apresentados.

Para além desta área expositiva/interpretativa principal, que se irá localizar no rés-do-chão do Palácio D. Manuel, importa ainda referir que o projeto de intervenção contempla a criação e equipamento de uma área de auditório de média dimensão (com capacidade para receber cerca de 100 pessoas), também localizado no rés-do-chão, e ainda uma área dedicada à realização de exposições temporárias, que irá ocupar todo 1º andar o edifício.

Para além de outro tipo de articulações, sinergias e complementaridades que poderão ser estabelecidas, nomeadamente em termos de programação, entre os três novos equipamentos, identificam-se desde já algumas articulações evidentes em termos de uma ocupação/circulação nesta área urbana da cidade de Évora, no sentido de a tornar mais fluída e “orgânica”. Com efeito, existe uma grande proximidade física entre dois destes espaços – o Centro de Interpretação de Évora e o Centro de Acolhimento Turístico –, estando inclusivamente prevista, embora ainda não confirmada pela DGPC, a criação de um novo acesso ao Palácio D. Manuel que irá tornar ainda mais próxima e direta a sua ligação ao atual Mercado do Peixe. Posteriormente, serão apresentadas e desenvolvidas pela equipa outras propostas que visam reforçar os elementos de ligação – pedonal e visual – atualmente já existentes entre os três equipamentos. Entre outras propostas a apresentar oportunamente, pondera-se sugerir a introdução no espaço público de alguns elementos de sinalética que ajudem a conferir maior unidade visual a toda esta área, ao mesmo tempo reforçando a identidade do projeto, nas suas várias componentes; considera-se ainda, por outro lado, que poderá ser relevante introduzir alguns elementos de sombra, que convidem a uma maior permanência no local, facilitando assim a circulação entre os três espaços.

⁴ Nota: projeto ainda em fase de apreciação pelas entidades oficiais



Figura 76. Palácio de D.Manuel. "Palácio de D.Manuel (Sé e São Pedro, Évora) ", do álbum "Palácios e Casas Nobres do Distrito de Évora" do acervo Túlio Espanca, disponível em [http://www.uevora.pt/galeria/acervo_tulio_espanca/\(album\)/6013310750167090785](http://www.uevora.pt/galeria/acervo_tulio_espanca/(album)/6013310750167090785) (17.01.04).



Figura 76. Palácio de D.Manuel. Imagem do exterior do Palácio de D.Manuel, de 1906. Imagem no blog <http://viverevora.blogspot.pt/>, "Postais Antigos – Palácio de D. Manuel", 19 de Dezembro de 2013, (17.01.04).

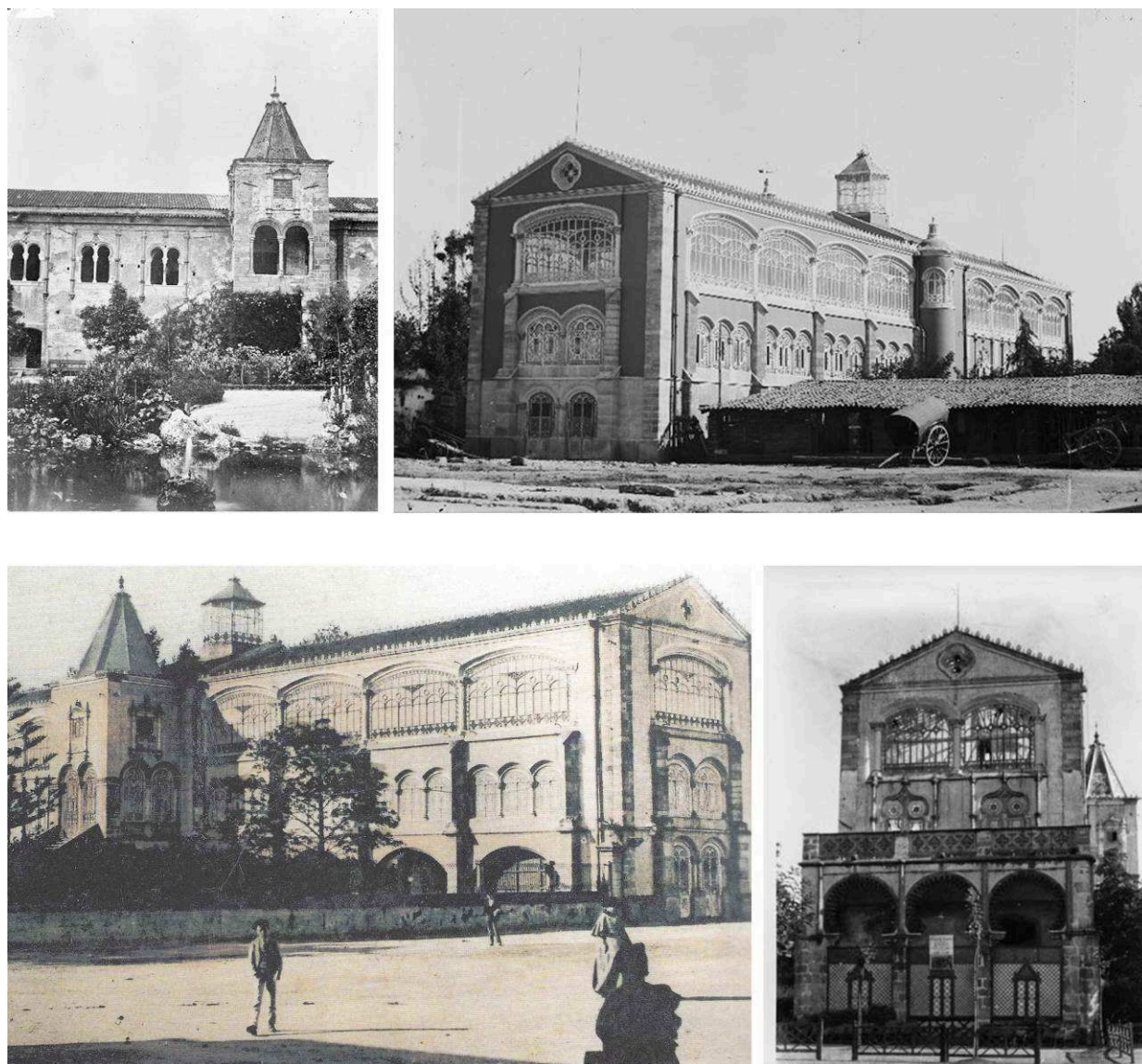


Figura 77.. Palácio de D. Manuel. "Imagem do Palácio de Dom Manuel (Jardim Público), antes de iniciadas as obras projectadas por Cinnatti (iniciadas em 1863) ", autor desconhecido, 1863, Cota CME0294 – Propriedade Arquivo Fotográfico CME. Imagem de blog <http://viverevora.blogspot.pt/>, "Évora Perdida no Tempo – Palácio de Dom Manuel", 24 de Setembro de 2012, (17.01.02); "Palácio de Dom Manuel, no Jardim Público (...)."Autor desconhecido, 1888-1916, Cota CME0289 – Propriedade Arquivo Fotográfico CME. Imagem de blog <http://viverevora.blogspot.pt/>, "Évora Perdida no Tempo – Palácio de Dom Manuel", 13 de Setembro 2012 (17.01.02); "Palácio de Dom Manuel após o fogo de 1916", José Monteiro Serra, 1916, Cota GPE444 – Propriedade Grupo Pro-Évora. Imagem em <http://viverevora.blogspot.pt/>, "Évora Perdida no Tempo – Palácio de Dom Manuel", 11 de Abril de 2009 (17.01.02).



Figura 78. Palácio de D.Manuel. "Palácio de D.Manuel – Galeria Manuelina (Sé e São Pedro, Évora) ", do álbum "Palácios e Casas Nobres do Distrito de Évora" do acervo Túlio Espanca, disponível em [http://www.bib.uevora.pt/arquivo_historico/Fundos-Colecoes/acervo_tulio_espanca/\(album\)/6013310750167090785](http://www.bib.uevora.pt/arquivo_historico/Fundos-Colecoes/acervo_tulio_espanca/(album)/6013310750167090785) (17.01.02); "Palácio de Dom Manuel", António Passaporte, 1940-1950, Cota APS353 – Propriedade Arquivo Fotográfico CME. Imagem no blog <http://viverevora.blogspot.pt/>, "Évora Perdida no Tempo – Palácio de Dom Manuel", 10 de Agosto 2012 (17.01.02).



Figura 79. Palácio de D.Manuel. Imagem actual do exterior do Palácio de D.Manuel, como parte integrante do Jardim Público de Évora. Imagem Luís Tavares Pereira, Outubro 2016.



Figura 80. Palácio de D.Manuel. Vista da relação existente entre o Palácio de D.Manuel e o Mercado do Peixe. Imagem Luís Tavares Pereira, Outubro 2016.

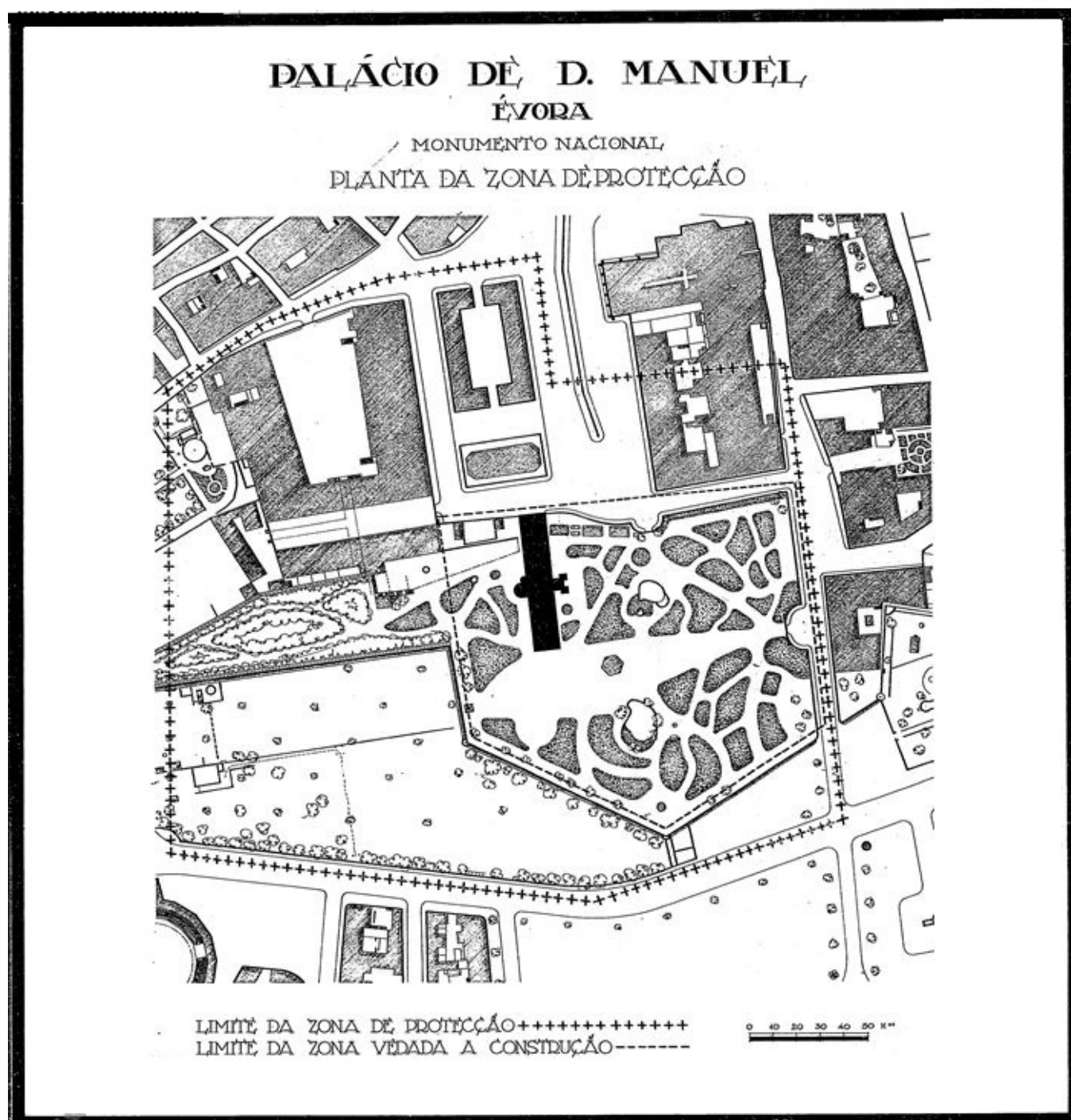


Figura 81. Palácio de D.Manuel. Planta da Zona de Protecção, Esc.1/50, com marcação dos limites das zonas de protecção e das zonas vedadas a construção. Desenho fornecido pela SIPA, em PDF.

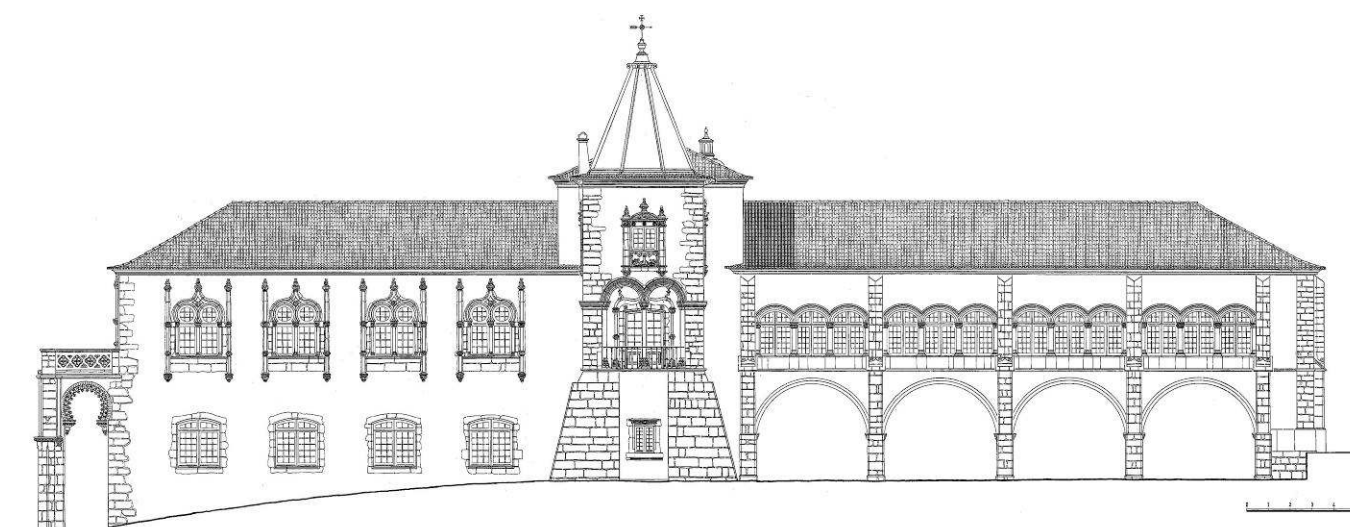
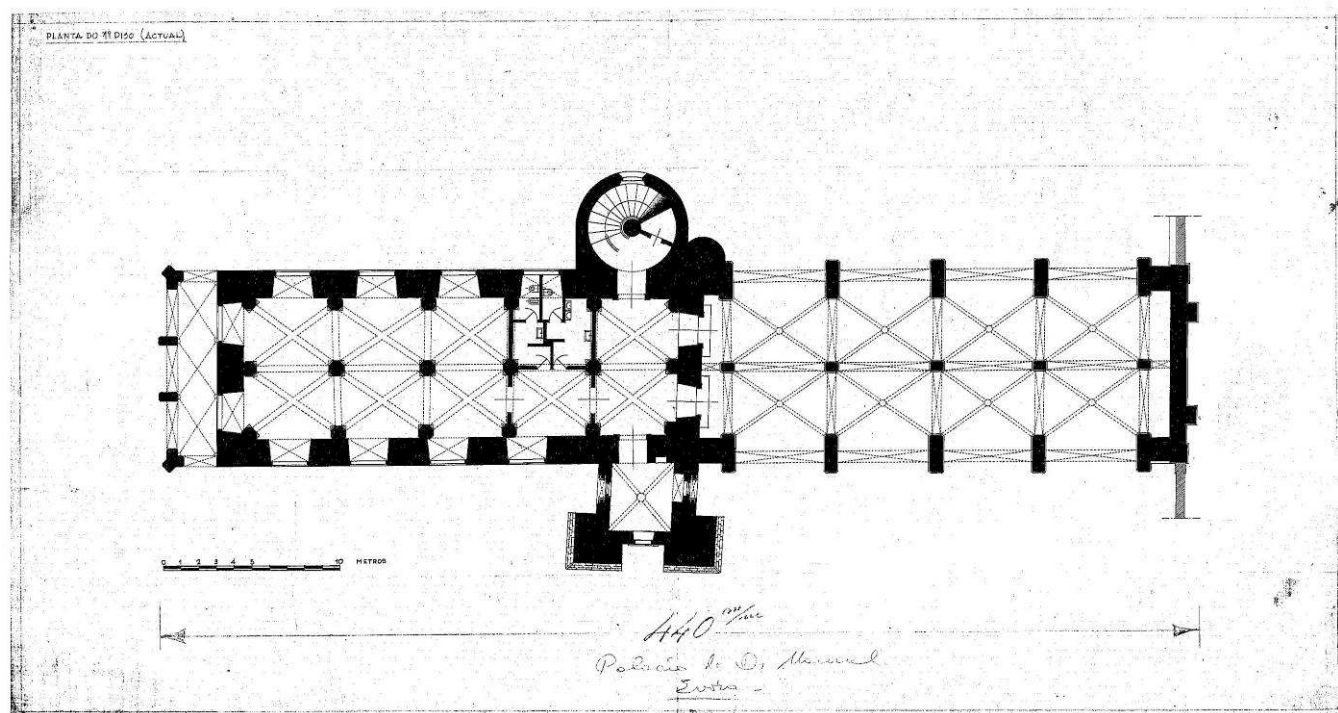


Figura 82. Palácio de D.Manuel. Planta do Piso do Rés-do-chão e Alçado Principal, s/ data, s/ escala. Desenho fornecido pela SIPA, em PDF.

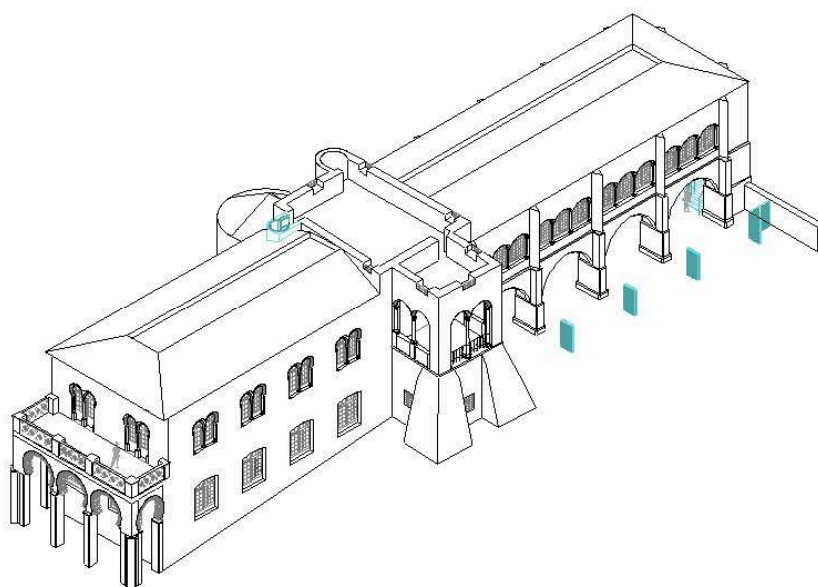


Figura 83. Palácio de D.Manuel. Axonometria Palácio de D.Manuel, VMSA Arquitetos. Desenho fornecido pela CME.

2.4. SÍNTESE E PONTOS CRÍTICOS

A análise da situação e das dinâmicas associadas a cada uma das estruturas e ao contexto urbano em que estas se inserem e estabelecem primeiras relações e potencial interconexão no âmbito da estratégia deste projeto, permite-nos sistematizar para cada uma das componentes um conjunto de elementos de síntese e de pontos críticos a considerar no quadro das propostas de conceito e operacionalização das novas estruturas.

2.4.1. MADE

Relativamente ao MADE, a oportunidade de repensar este espaço para acolher o Centro Interpretativo do Alentejo Central permite partir da identificação de pontos críticos, do que vale a pena manter e do que necessita introdução de melhorias. Adicionalmente, e numa fase posterior o programa expositivo fornecerá também importantes pistas que condicionarão o desenvolvimento de propostas preliminares.

Alguns pontos resultam, desde já, claros da análise realizada pela equipa da Quaternaire Portugal, valendo por isso a pena serem aqui destacados.

a) Identificação / comunicação exterior do espaço museológico é, à data, inexistente ou desadequada

Esta é uma questão que se coloca quer na fachada do edifício, quer na entrada da exposição à cota superior, onde também não há qualquer identidade ou suporte a comunicar onde estamos, horários de abertura e funcionamento, tabelas de preços, programação, etc.

Nas visitas realizadas ao MADE foi possível verificar que alguns turistas, movidos pela curiosidade do edifício, sobem as escadas, mas ao chegar ao hall, voltam para trás.

Considera-se, por isso, ser fundamental vir a desenvolver uma sinalética adequada para a fachada principal, para o espaço de ingresso à cota superior, mas também para a porta da Travessa do Cavaco, potenciando a comunicação para quem desce a rua da República, vindo da Praça do Giraldo;

b) Acessibilidade insuficiente

Como referido, atualmente o único acesso ao MADE faz-se por escadas, inviabilizando assim o acesso ao museu por pessoas de mobilidade reduzida ou condicionada. Existem, contudo, alternativas, tendo-se verificado que ser fisicamente exequível criar uma nova acessibilidade pública universal, a partir da entrada traseira/saída de emergência, através da Travessa do Cavaco.

c) Instalações sanitárias com localização pouco adequada e não acessível a todos

Localizadas a meio das escadas, apresenta a mesma dificuldade de acesso que o acesso ao próprio museu. Considera-se, contudo, que é possível estudar uma nova localização para estas instalações, mais adequada e acessível a todos o públicos, possivelmente localizando-as à cota do piso superior do edifício, acompanhando uma nova entrada de nível.

d) Soluções expositivas pouco integradas no edifício, demasiado estáticas e com alguns aspectos menos equilibrados

Dependendo do desenvolvimento do programa do centro interpretativo, sugere-se desde já uma solução de iluminação que tire partido da propriedade refletora das abóbodas e arcos e valorize a sua espacialidade.

Com efeito, a atual solução de parede de luz revelou-se ruidosa – o ruído dos transformadores da luz fluorescente não é negligenciável – e agressiva visualmente, produzindo um forte contraste colocando as peças em contraluz, que não valoriza os objetos expostos.

e) Layout do museu sem otimização do espaço

A atual opção de prolongar os espaços de receção, etc., não beneficia a otimização do espaço. Conjugando-se com a valorização e incentivo de uso da porta da Travessa do Cavaco, parece-nos que seria possível distribuir eventuais núcleos encerrados do programa funcional contra a parede da fachada traseira, criando assim um acesso desimpedido e controlado aos conteúdos do futuro Centro Interpretativo do Alentejo Central, ocupando os três tramos centrais do espaço.

2.4.2. Relativamente ao Mercado Municipal 1º de Maio

A oportunidade de repensar o espaço do Mercado do Peixe exclusivamente para Centro de Acolhimento Turístico do Alentejo Central, deslocando os poucos operadores resistentes para o Mercado de Frescos, acolhendo-os nalgumas das lojas devolutas disponíveis na periferia do mercado e que reúnem as condições básicas de higiene e salubridade, constitui uma primeira medida estratégica de reorganização do atual Mercado Municipal 1º de Maio em relação com o Centro de Acolhimento Turístico do Alentejo Central.

Os mercados sofreram sucessivas transformações desde o final do século XIX que, conforme vimos, decorreram das crescentes exigências de higiene e salubridade, bem como dos níveis de conforto de operadores e clientes, tendo no final do século XX enfrentado uma dura concorrência de super e hipermercados que oferecem quer um alto nível de conforto quer uma feroz competição de preços, em função de uma escala nacional em que operam.

A própria escala local de oferta de produtos diferenciados está a ser também combatida pelas grandes empresas de distribuição com produtos direcionados para este nicho, oferecendo o conforto e preços das chamadas grandes superfícies, mas com pequenas especificidades locais, nomeadamente através da compra de lojas de bairro transformando-as em 'bom dia' (ligado ao grupo Continente/Sonae) e 'amanhecer' (mercearias ligadas ao grupo Pingo Doce/Jerónimo Martins)

Da análise realizada pela equipa ao **Mercado da Fruta**, alguns pontos resultam claros desde já:

a) Desencontro/frustração de expectativas

Antes da atual intervenção o Mercado Municipal de Évora funcionava com base em bancas que ocupavam o espaço central e que se desenvolviam horizontalmente rodeadas pelas lojas que recebiam os talhos, padarias e tascas. Este espaço era totalmente coberto com chapa, exibindo uma claraboia central que acompanhava a cumeeira, cuja luz direta era filtrada por uma tela, configurando a imagem do mercado tradicional. Deste modo, entrando no mercado por uma das duas portas de topo, tínhamos imediatamente a perceção de todo o espaço e ainda a confirmação do estereótipo do mercado original e antigo.

Apesar das intenções de articulação entre antigo e novo, expressas pelo autor do projeto, a introdução dos dois novos corpos laterais neste espaço central, impedem a relação visual com a construção original na periferia, e oferecem uma imagem tipológica já não de banca, mas de loja. A ligação entre o antigo e o novo não resulta eficazmente, sendo praticamente apagada pelos novos corpos construídos no seu interior.

b) Desadequação na escala do espaço central

Visando dar resposta aos pressupostos enunciados nas fases iniciais de reavaliação do Mercado de Évora, procurou criar-se um espaço aberto, livre de bancas de venda, que garantisse uma flexibilidade de uso capaz de receber eventos públicos de natureza diversa, capazes de dinamizar o espaço, alternativamente à função mercado, atraindo público.

No entanto, o espaço resultante, apertado entre os dois novos volumes, não consegue criar, pela sua proporção e escala, uma estabilidade própria para fixar com sucesso o tipo de eventos pretendidos, antes resultando essencialmente num espaço corredor / rua.

c) Obstrução visual do mercado antigo

Em consequência, o corpo construído do mercado antigo, e as lojas – talhos, cafés etc. – que aí se localizam, ficam escondidos pela nova construção, a qual, apesar de permitir a circulação, através de estreitas passagens nos topos e no centro – garantindo o cruzamento transversal do espaço –, na prática, conduz o visitante para a saída na porta oposta.

d) O Mercado da Fruta é um espaço escuro e pouco atrativo

Quase completamente encerrado em volta, a parca iluminação natural que chega ao espaço central do Mercado da Fruta vem da cobertura, de forma difusa, no espaço entre a borda da cobertura e a parede das construções laterais, e sobretudo dos topos onde um vitral triangular permite a entrada mais franca de luz e vislumbrar o perfil da cidade a subir para Norte, mas onde também é visível o equipamento de climatização. Sendo recomendada a proteção à luz solar direta, a luz natural é claramente insuficiente, por si só, para iluminar o espaço.

As opções por luz artificial são por candeeiros de tipo industrial, sobre as zonas de circulação, em 4 fiadas paralelas aos novos corpos construídos, que não estão ligadas durante o dia. Este nível de iluminação contrasta significativamente com a iluminação das grandes superfícies, em que linhas contínuas de luz fluorescente suspensas dois tetos, inundam o espaço com uma luz uniforme e intensa.

A forma de apresentação das 'bancas'/produtos nas lojas, após a última remodelação do Mercado Municipal, não dispõe quer do charme dos suportes precários antigos, quer de um controlo e desenho contemporâneos e atrativos. Associam-se a exiguidade do espaço de frente da loja, um desleixo na disposição dos produtos, um design de comunicação do mercado pouco apelativo, e a falta de iluminação adequada.

e) Falta de ligação e continuidade entre as duas plataformas mezanine superiores, tornando-as menos atrativas.

A cobertura dos novos corpos construídos, situando-se a uma cota intermédia sob a cobertura de duas águas do mercado, foi pensada para poder ser utilizada, criando-se para isso acessos exclusivos para cada uma através de escadas e elevador. Foi criada ainda uma bancada de apoio junto ao ponto de acesso – que, no caso da bancada poente, apresenta um erro de construção, em que uma pala que deveria situar-se acima das cabeças ficou demasiado baixa –, estimando-se o seu uso para restauração.

Tendo sempre em atenção um conjunto dinâmico de fatores que condicionam o sucesso da sua ocupação – incluindo, nomeadamente, o calor excessivo, fruto da avaria no sistema de climatização, ou ainda as sucessivas quebras de afluência e de oferta – a localização superior, mesmo servida por elevador, constitui um fator dissuasor à partida, que quebra a continuidade de circulação. Nos shoppings, mais do que o elevador, o elemento que estabelece a continuidade entre pisos é a escada rolante em permanente circulação, pois o elevador implica momentos de espera, e um protocolo de segurança, que interfere com a continuidade impercetível necessária para atrair o visitante. Acresce que ao estabelecerem-se como ilhas, impedindo a ligação entre ambas as mezanines à cota superior, torna o investimento na subida ainda menos estimulante.

f) Falta de disciplina de cargas e descargas e de estacionamento,

As zonas de cargas e descargas e de estacionamento ocupam as áreas públicas reservadas exclusivamente a peões de maior visibilidade e a localização do lixo virado para a porta Norte, possui um problema de visibilidade pública a partir da Igreja de São Francisco.

Sendo as principais entradas nos topos, não havendo hierarquia evidente entre elas, e tendo-se mantido – ou reintroduzido – o acesso transversal a partir de entradas laterais, parece ser mais conveniente dedicar o acesso poente, no espaço traseiro relativamente aos principais monumentos da praça e ao fluxo turístico e peatonal, a cargas e descargas e, conseqüentemente, à localização na proximidade, do espaço dedicado ao lixo.

g) Falta de climatização em operação.

O sistema de climatização instalado no Mercado Municipal de Évora não está a funcionar há vários anos, resultando um desconforto térmico significativo para os visitantes e para as pessoas que trabalham no mercado, contribuindo assim para menor procura.

Em face da ausência de intervenção no sistema, devido ao seu custo e aos diferendos que opõem a entidade gestora do mercado e os comerciantes, alguns locais optaram por soluções individuais e autónomas, também limitadas pelas condicionantes patrimoniais que impedem a colocação de novos equipamentos no exterior, aumentando ainda mais a carga térmica do edifício

Note-se ainda que, após a visita ao Mercado Municipal de Évora e a reunião com os autores do projeto e a gestora do espaço, alguns problemas que foram detetados em fase de concurso ao nível dos arrumos no piso -1 (acessos, tipo de piso, escassa dimensão da área de arrumos, etc.) não parecem assumir a mesma relevância.

Da análise realizada pela equipa ao **Mercado do Peixe**, é possível destacar desde já os seguintes pontos:

a) Paredes cegas desadequadas a programa ‘aberto’ ao exterior, convidando a entrar.

A arquitetura original do Mercado Peixe, marcada pelas suas paredes cegas, criando um espaço interior protegido da exposição solar direta, presumível preocupação que presidiu a esta solução, coloca um desafio a intervenções de adaptação do edifício a programas abertos ao exterior, em simultâneo com as preocupações patrimoniais de preservação do edifício original.

b) Acesso ‘escondido’ no espaço entre os dois edifícios de mercado.

Os seus acessos localizam-se transversalmente, seguindo o eixo Norte Sul, sendo o seu acesso principal a Norte, em ligação com o acesso ao mercado de frescos. Consequentemente, o seu aspeto para quem chega de Sul, atravessando o Jardim Público, vindo do Rossio de São Brás, onde se concentra o ponto de chegadas e partidas de turistas, é o de um contentor, armazém, passando despercebido.

Uma vez que a intenção expressa pelas entidades promotoras do projeto é a de criar um novo espaço de acolhimento turístico do Alentejo Central aberto, e estando a ser equacionada pela equipa a sua instalação no espaço do Mercado do Peixe – cujas poucas bancas de venda de peixe ainda em funcionamento seriam transferidas para o Mercado da Fruta – entende-se que, preferencialmente, a abertura do Mercado do Peixe deverá passar a fazer-se para nascente, virando-se para o fluxo turístico e procurando assim captar a sua atenção

Do projeto anterior perdeu-se a autenticidades dos materiais de pavimento em lageado de mármore e cubo granito.

Em ambos os espaços de mercado, em benefício da higiene e salubridade, os pavimentos originais foram substituídos por um revestimento cerâmico corrente e banal, o que veio a contribuir para a sua descaracterização. No entanto, ao alterar-se a sua função, as questões de limpeza deixam de ter a predominância que apresentam num espaço de venda alimentar.

c) Possibilidade de aproveitamento das novas ‘bancadas’ /casas de peixe para escritórios /montras expositivas.

A nova configuração do espaço, após a última intervenção de renovação, deslocou as bancas para a periferia, criando compartimentações entre elas, que poderão ser adaptadas para espaços de trabalho e ou apresentação de oferta, complementar ao espaço de acolhimento turístico, apresentando embora as dificuldades de adaptação características de mobiliário fixo, em pedra mármore, que pode implicar a necessidade da sua remoção integral.

2.4.3. Relativamente ao espaço público e área envolvente

a) Necessidade de criação de espaço exterior protegido do tráfico automóvel em frente à nova entrada do Palácio D. Manuel.

A alteração do desenho do espaço público em frente ao Palácio D. Manuel deverá ser acompanhado pelo estudo do projeto de mobilidade. Onde atualmente existem espaços de cargas e descargas e paragem para largada e tomada de passageiros de autocarros turísticos, seria possível desviar as cargas e descargas para a rua a poente do mercado e limitar a entrada de autocarros turísticos na cidade, fixando a largada e tomada de passageiros ao Rossio de São Brás, permitindo estreitar o canal de circulação rodoviária na parte Sul da praça 1º de Maio e alargar o passeio do lado do Palácio para permitir o desfogo necessário a uma zona de entrada de um edifício público com momentos de grande concentração de pessoas.

b) Visibilidade da cobertura e dos equipamentos mecânicos do Mercado a partir de São Francisco

Os equipamentos de climatização colocados na cobertura do mercado são mais altos do que a platibanda que visava escondê-los da vista da rua, expondo-se de forma visível, contrariando os princípios de proteção do património em toda a cidade.

Com o acesso recente dos vistantes à cobertura da galilé da igreja de São Francisco, imediatamente em frente ao topo norte do mercado, a sua visibilidade agrava-se, pelo que o estudo para o Mercado devia contemplar um modo de resolução desta questão.

c) Espaço dedicado de cargas e descargas e circulação

Necessidade de repensar as áreas de carga e descarga por razões já anteriormente referidas na análise do mercado de Fruta.

Ver alínea a); adicionalmente deve ser pensada a criação de paragem de transportes públicos na praça 1º de Maio.

d) Desafio de criação de novas estruturas ligeiras e reversíveis de articulação com património.

A extensão da intervenção do CIAAC a um conjunto disperso de edifícios na área envolvente do Mercado, incluindo o próprio Mercado, na praça 1º de Maio, desde o Palácio D. Manuel ao ao antigo Celeiro Comum de Évora, apesar de sua proximidade e ligação visual entre si, sugere ainda assim, uma estratégia de comunicação dedicada e autónoma dos próprios edifícios que possa enfatizar, num registo de comunicação contemporâneo, de mobiliário urbano, seja por telas, ou suportes multimédia, a unidade deste conjunto promocional da cidade e da região.

Estes elementos podem não só ser de expressão construtiva ligeira, como podem ser móveis.

Podem não só cumprir a função de comunicação, como podem estar associados a funções de sombreamento melhorando as condições de fixação sobretudo exterior para esplanadas ou feiras, ou outros eventos temporários, e podem também estabelecer ligações a um património histórico não exatamente imaterial, mas pela sua qualidade efémera, e fragilidade material, que não se identifica como património edificado.

3. DIAGNÓSTICO DAS DINÂMICAS TURÍSTICAS E CULTURAIS – ALENTEJO CENTRAL

A presente caracterização das dinâmicas turísticas e culturais nos concelhos do Alentejo Central tem como principal finalidade sustentar as opções programáticas que se venham a desenvolver no quadro dos projetos dos novos Centro de Acolhimento turístico do Alentejo Central e Centro Interpretativo do Alentejo Central.

Este diagnóstico foi estruturado com base em duas componentes metodológicas essenciais:

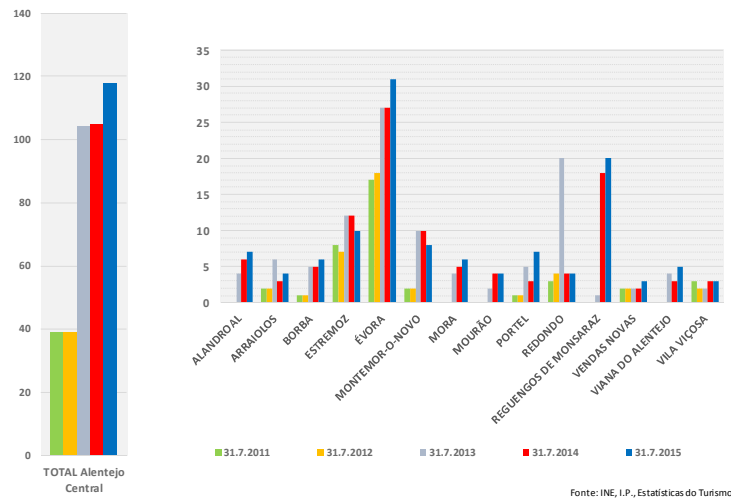
- a) uma primeira baseada em desk research sobre cada um dos municípios, e particularmente os conteúdos disponíveis nos respetivos *sites* e noutros *sites* de entidades relevantes e sedeadas nesses municípios;
- b) uma segunda, de natureza participativa e que contou com a realização de reuniões em cada um dos municípios do Alentejo Central, reuniões que envolveram quer os responsáveis locais, membros dos Executivos Municipais, os técnicos desses Municípios, bem como outros agentes locais, sempre que possível.

Alguns dos elementos não estão completamente recolhidos, pelo que poderá existir algumas lacunas na informação por Município. De qualquer modo, um dos objetivos desta análise consiste na percepção do panorama geral de distribuição territorial e temática dos recursos turísticos e culturais dentro da área total do Alentejo Central, pelo que se admitiu, mesmo assim, a sua pertinência.

3.1. DINÂMICAS TURÍSTICAS NO ALENTEJO CENTRAL

3.1.1. Oferta e procura turísticas

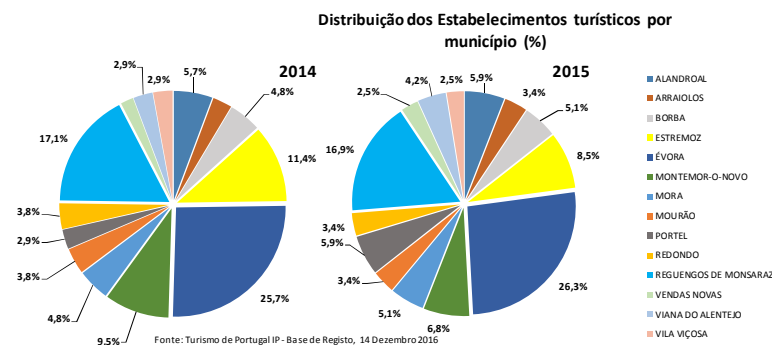
Evolução dos Estabelecimentos turísticos, 2011 a 2015 (Nº)

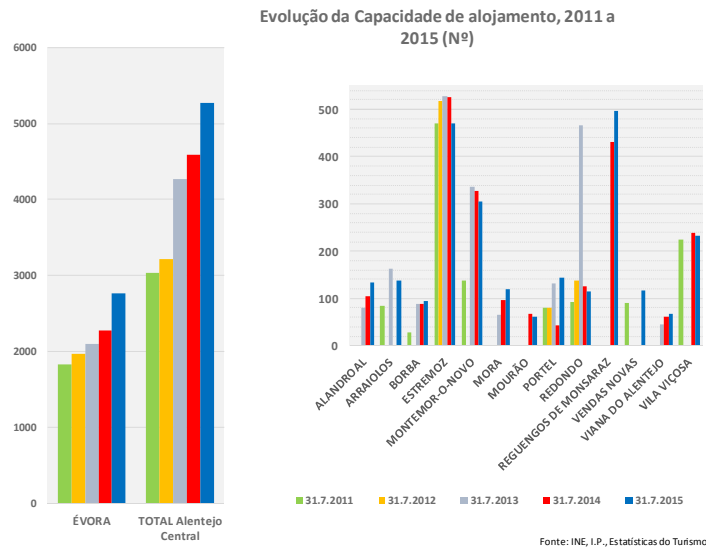


A oferta de **Estabelecimentos Turísticos** no Alentejo Central durante a primeira metade desta década tem tido um comportamento crescente, o qual praticamente se manifesta em todos os concelhos.

Évora concentra cerca de um quarto da oferta de estabelecimentos turísticos e Reguengos de Monsaraz tem vindo a acentuar de forma muito significativa a sua oferta (cerca de 17% do total de estabelecimentos oferecidos em 2011 e 2015). Estremoz é outro dos Municípios com maior oferta (em torno dos 10%). Nos restantes concelhos a oferta é distribuída de forma equilibrada.

Os anos de 2015 e 2016 vêm demonstrar a evolução generalizada da oferta de estabelecimentos turísticos na região.

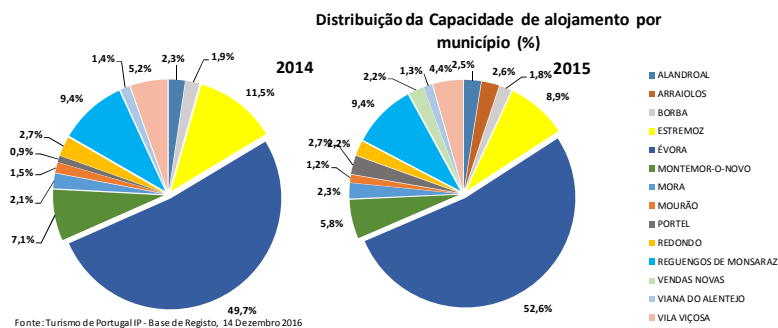




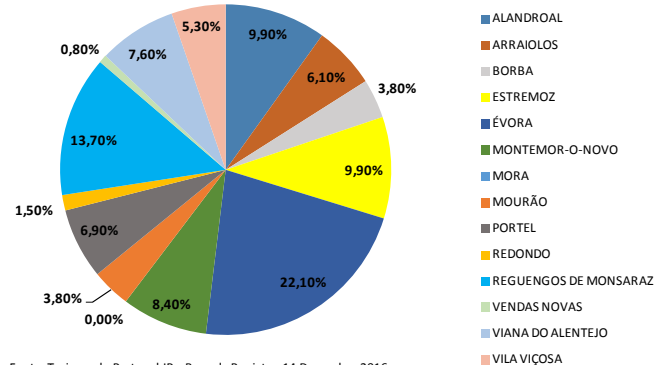
A oferta de alojamentos turísticos no Alentejo Central tem apresentado também um comportamento crescente em termos da sua capacidade.

O crescimento da capacidade de alojamento turístico nesta década tem-se feito sentir anualmente, para o global do território, mas também na maioria dos seus Municípios, incluindo Évora que reassenta cerca de metade da capacidade oferecida.

Os municípios de Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Montemor-o-Novo e Vila Viçosa destacam-se pelo peso que representam no total da capacidade de alojamento turístico oferecido (percentagens que variam entre 5% e 10% do total).



**Distribuição dos Empreendimentos Turísticos registados
nos concelhos do Alentejo Central, 2016 (%)**



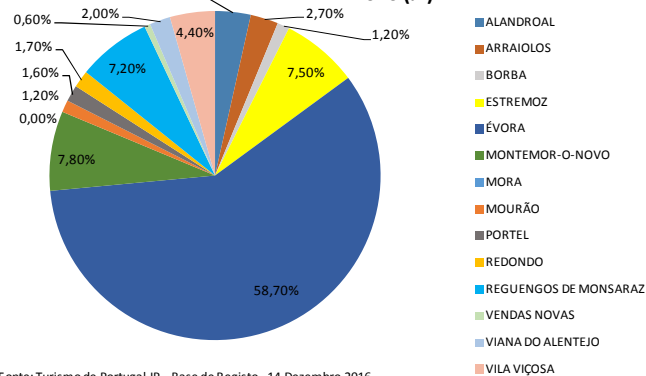
Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Os **Empreendimentos Turísticos** registados no Turismo de Portugal, IP no ano de 2016 confirmam as tendências já enunciadas anteriormente e apontam para um progressivo maior equilíbrio territorial da oferta de estabelecimentos turísticos.

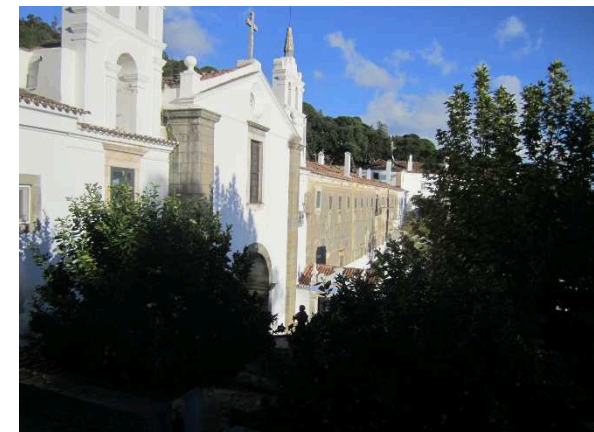
Apesar da tendência de equilíbrio na distribuição territorial da oferta de estabelecimentos turísticos, a capacidade atualmente oferecida ainda confirma a grande concentração de oferta no concelho de Évora.

Por outro lado, persiste ainda um grupo de municípios que dispõem de uma oferta muito reduzida de alojamento nas tipologias de empreendimentos turísticos – Borba, Mora, Mourão, Portel e Vendas Novas oferecem uma capacidade total inferior a 100 camas.

**Distribuição da capacidade dos Empreendimentos
Turísticos registados nos concelhos do Alentejo Central,
2016 (%)**



Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016



As tipologias de empreendimentos turísticos mais oferecidas no Alentejo Central são:

- Empreendimento de Turismo no Espaço Rural - Casa de campo
 - Empreendimento de Turismo no Espaço Rural - Agro-turismo
- respetivamente, 41% e 17,6% do total.

Nem todos os concelhos oferecem uma diversidade significativa de tipologias.

Évora, Estremoz e Reguengos de Monsaraz são os três concelhos que apresentam maior diversidade de oferta de tipologias.

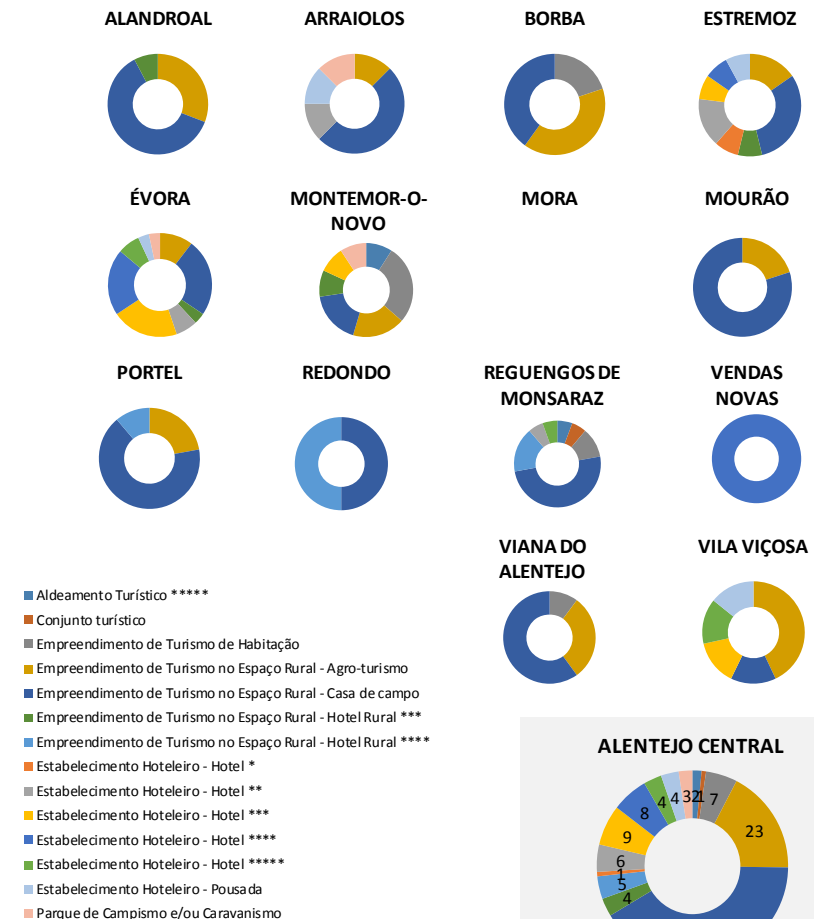
Vendas Novas, Redondo e Viana do Alentejo e Borba são os concelhos com menor diversidade de oferta e onde está presente principalmente a tipologia de Empreendimento de Turismo no Espaço Rural - Agro-turismo.

A oferta de Parques de Campismo e/ou Caravanismo está concentrada em três municípios: Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos.

Os dois casos de Aldeamentos turísticos (quatro estrelas) apenas estão presentes nos concelhos de Montemor-o-Novo e Reguengos de Monsaraz. Neste último concelho existe também o único empreendimento da tipologia de Conjunto turístico.

Estremoz é o único município que possui um estabelecimento hoteleiro de cinco estrelas.

Distribuição dos Empreendimentos Turísticos segundo a Tipologia, 2016



Fonte: Turismo de Portugal, IP - Tratamento: Quaternaire Portugal

A tipologia do **Alojamento Local** tem conhecido no Alentejo um crescimento tão forte como noutras regiões e noutros destinos turísticos, do país e no estrangeiro.

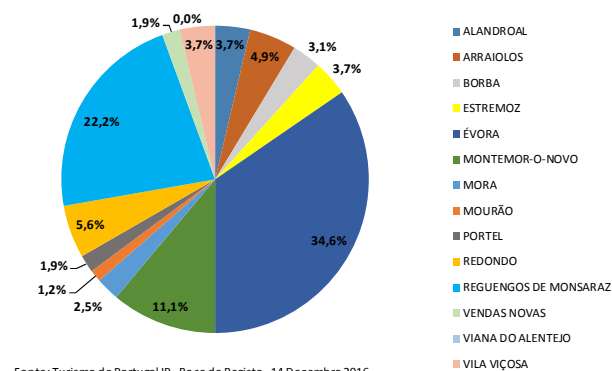
Apesar de se tratar de uma tipologia que tem uma expressão particularmente importante nos contextos urbanos (grandes metrópoles e nas cidades de maior dimensão), a oferta de alojamento Local nos municípios do Alentejo Central é significativa e, sobretudo, tem apresentado um comportamento nos últimos anos que acompanha as tendências globais.

Naturalmente que Évora é o município onde esta tipologia de alojamento turístico aparece mais bem representada, cerca de 35% das unidades registadas e cerca de 30% da capacidade oferecida em 2016.

Destaca-se por seu lado, o concelho de Reguengos de Monsaraz com uma significativa oferta de Alojamento Local – 22 % das unidades e 23% da capacidade em 2016, apesar do seu perfil de território, mas que estará associado em princípio, à proximidade do Alqueva.

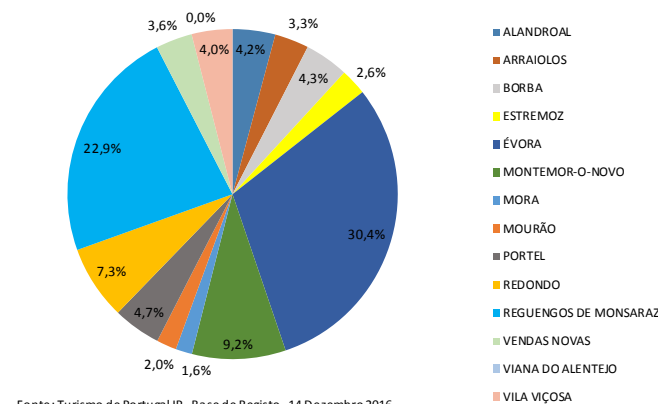


Distribuição do Alojamento Local registado nos concelhos do Alentejo Central, 2016 (%)



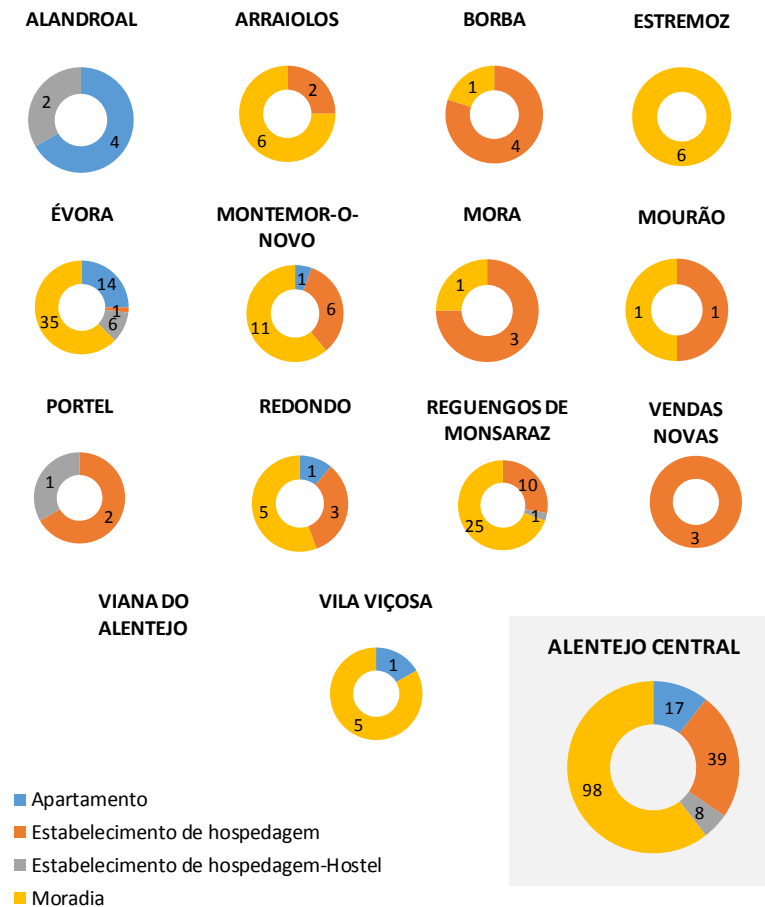
Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Distribuição da capacidade (nº de camas) do alojamento Local registado nos concelhos do Alentejo Central, 2016 (%)



Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Distribuição do Alojamento Local segundo a Modalidade, 2016



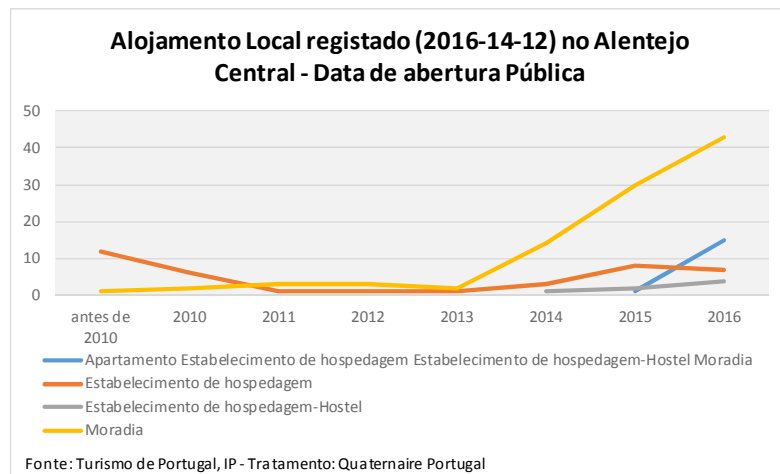
Fonte: Turismo de Portugal, IP - Tratamento: Quaternaire Portugal

Dentro das modalidades do Alojamento Local oferecido na região destaca-se, sem dúvida, a categoria das moradias.

Mais uma vez é em Évora, e excecionalmente no caso do Alandroal, que aparece com alguma representatividade a modalidade do apartamento na oferta de alojamento Local.

Igualmente se pode notar ainda a relativa menor representatividade da categoria dos Hostel na oferta deste tipo de alojamento turístico na região.



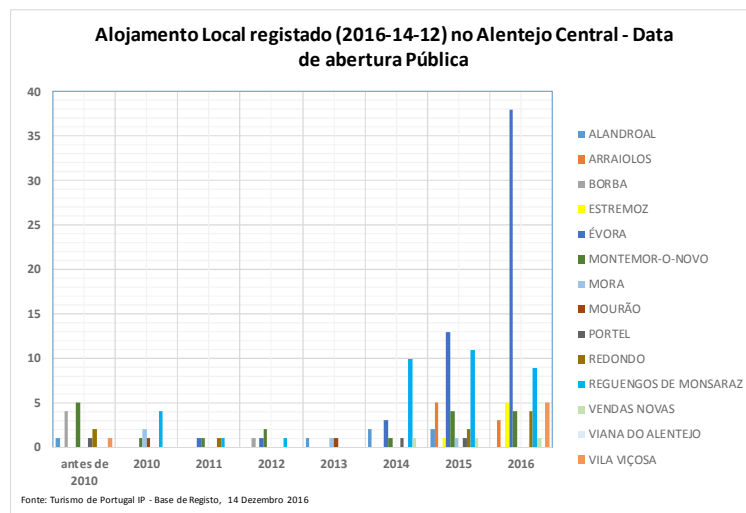


O Alojamento Local no Alentejo Central apresenta uma curva de crescimento acentuada e recente, a partir de 2013, sobretudo dentro da modalidade que é mais representativa na generalidade dos seus municípios, e que é a moradia.

A oferta de Alojamento Local na modalidade de apartamentos é muito recente, com registos em 2015 e 2016, e como vimos mais concentrada geograficamente.

Os municípios onde se tem verificado uma maior dinâmica também nos últimos anos – 2014 a 2016, são Évora e Reguengos de Monsaraz.

Arraiolos, Montemor-o-Novo, Estremoz, Portel e Vila Viçosa, têm também apresentado algum dinamismo em termos da abertura ao público de unidades de Alojamento Local, sobretudo em 2015 e 2016.



O desenvolvimento do turismo na região tem vindo a ser acompanhado por algum dinamismo empresarial, nomeadamente na parte da criação e oferta de atividades por parte de **Empresas de Animação Turística**.

De forma semelhante com a oferta de alojamento, a instalação das empresas de animação turística nesta região tem-se concentrado no concelho de Évora (25 empresas registadas), onde chegam os grandes fluxos de turistas e visitantes que provêm de fora da região e do estrangeiro.

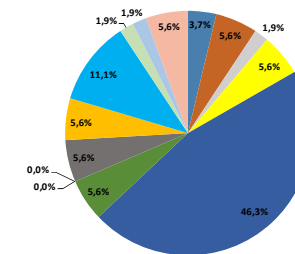
Nos outros municípios realce-se o peso que assume o concelho de Reguengos de Monsaraz na distribuição das empresas de animação turística registadas em 2016 (com cerca de 11% do total).

Destaca-se ainda, no caso de Operadores Marítimos Turísticos registados na região, que o concelho de Reguengos de Monsaraz também apresenta maior dinamismo, junto com Évora e Montemor-o-Novo.

De notar a inexistência de qualquer empresa de animação turística registada nos concelhos de Mora e de Mourão.

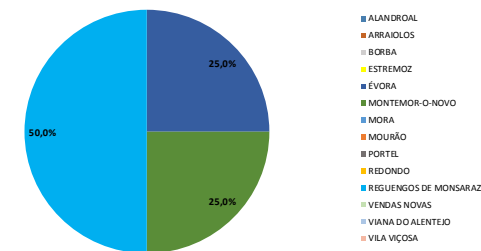
Os anos de 2015 e 2016 também têm registado mais dinâmica de criação de empresas de animação turística, confirmando a afirmação regional do Alentejo como destino turístico. Do total de empresas que se encontram registadas em 2016, cerca de 2/3 foram registadas nesse ano.

Distribuição das Empresas de Animação Turística registadas nos concelhos do Alentejo Central, 2016 (%)

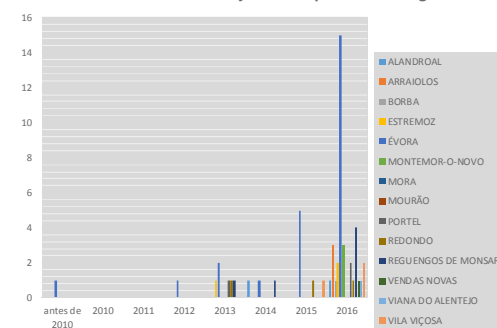


Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Distribuição dos Operadores Marítimos Turísticos registados nos concelhos do Alentejo Central, 2016 (%)

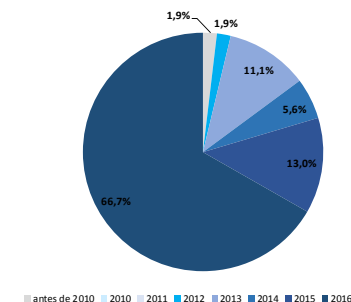


Empresas de Animação Turísticas registadas (2016) nos concelhos do Alentejo Central por data de registo



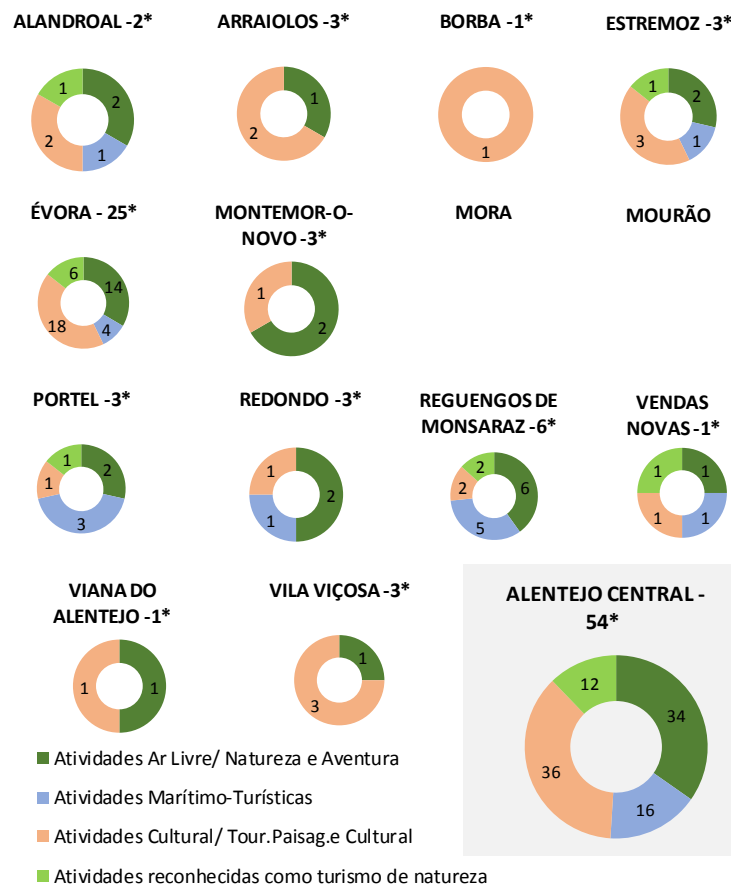
Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Distribuição das Empresas de Animação Turística no Alentejo Central por ano de registo, 2016 (%)



Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Distribuição das atividades oferecidas pelas Empresas de Animação Turística registadas segundo a tipologia, 2016



* Número total de Empresas de Animação Turística registadas, 2016

Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

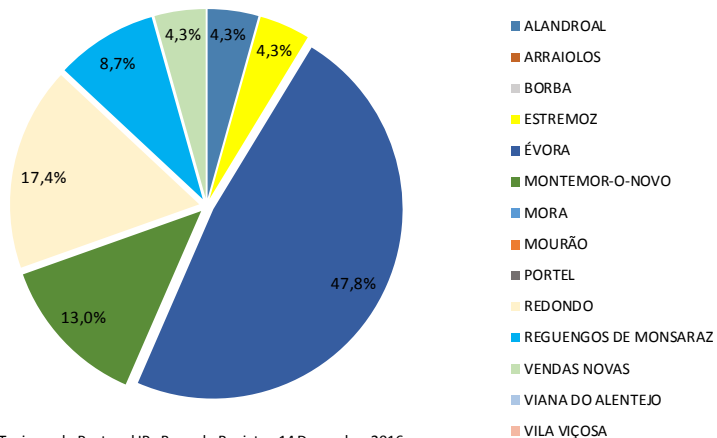
A análise da tipologia de atividades oferecidas ou praticadas pelas empresas de animação turística registadas nos municípios do Alentejo Central permite confirmar alguma concentração.

Dos 14 municípios só é possível encontrar em 6 deles – Alandroal, Estremoz, Évora, Portel, Reguengos de Monsaraz e Vendas Novas, empresas com oferta das quatro tipologias de atividades: atividades ao ar livre, de natureza e aventura, atividades reconhecidas como turismo de natureza, atividades marítimo-turísticas e atividades culturais e de *touring* paisagístico e cultural.

As tipologias de atividades que são oferecidas por mais empresas são as atividades culturais e de *touring* paisagístico e cultural – 36 empresas e as atividades ao ar livre, de natureza e aventura – 34 empresas. Estas concentram-se também em Évora.

Estas são também as atividades que se oferecem em praticamente todos os municípios com empresas de animação turística registadas, à exceção do caso de Mora, em que a empresa registada apenas oferece atividades culturais e de *touring* paisagístico e cultural.

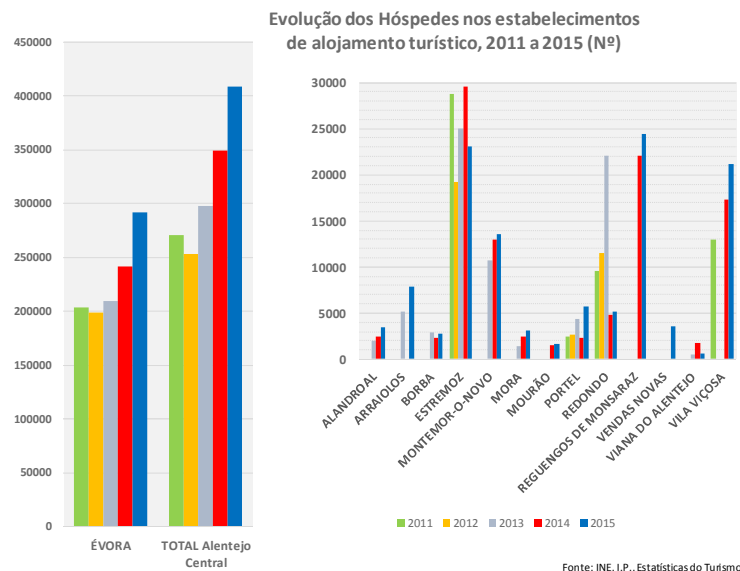
**Distribuição dos Agentes de Viagens e Turismo registados
nos concelhos do Alentejo Central, 2016 (%)**



Fonte: Turismo de Portugal IP - Base de Registo, 14 Dezembro 2016

Finalmente, em relação aos **Agentes de Viagens e Turismo**, a concentração mantém-se no município de Évora, com cerca de metade dos agentes registados em 2016 no Alentejo Central.

Apenas metade dos municípios possuem Agentes de Viagens e turismo registados – para além de Évora, os municípios que possuem este tipo de agentes turísticos são, Alandroal, Estremoz, Montemor-o-Novo, Redondo, Reguengos de Monsaraz e Vendas Novas.



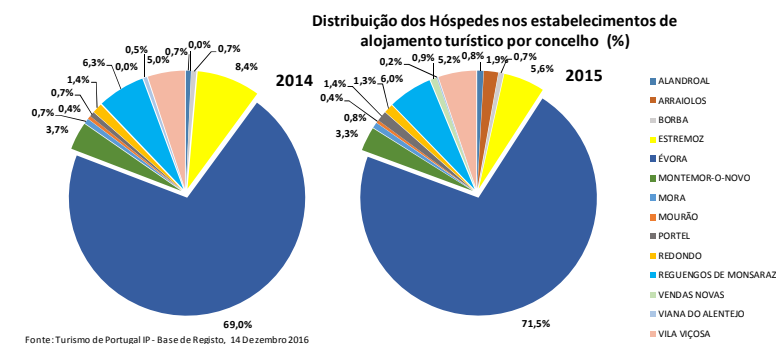
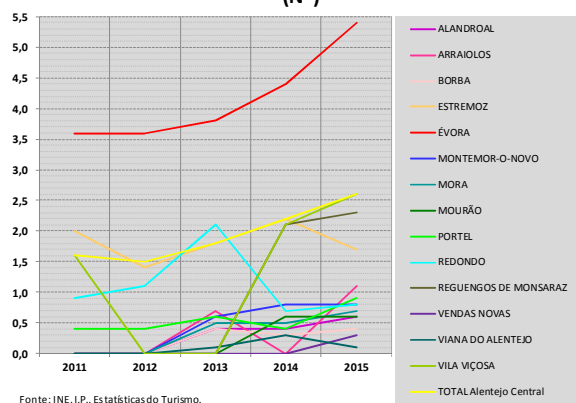
Na presente década, o crescimento da procura turística, traduzida pelo número de **hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico**, tem-se manifestado em praticamente todos os municípios do Alentejo Central.

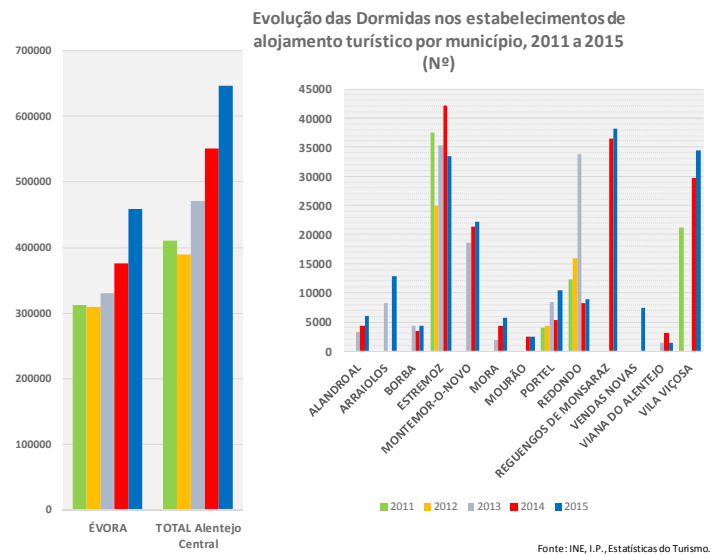
O concelho com fluxos mais elevados, como conhecido, é o de Évora que ultrapassa 50% do número de hóspedes no total do Alentejo Central – 69% em 2014 e 71,5% em 2015.

A evolução do número de hóspedes do Alentejo Central tem um comportamento muito idêntico, e condicionado, por Évora.

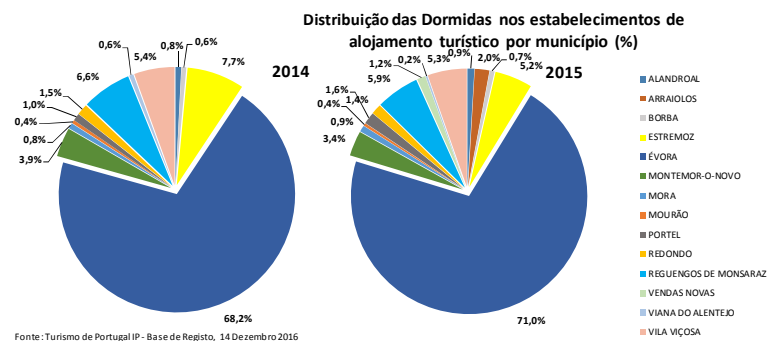
Para além de Évora, os concelhos de Estremoz, Reguengos de Monsaraz e Vila Viçosa são os que atingem maior número de hóspedes (acima de 20.000 no ano de 2015). No caso de Estremoz este nível de número de hóspedes é um fenómeno que já vem da década anterior, enquanto nos outros dois concelhos é um fenómeno mais recente (dos dois últimos anos).

Evolução do Número de Hóspedes por habitante (Nº)





Relativamente às **dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico**, o comportamento dos municípios é relativamente idêntico, com um peso relativo praticamente igual do número de dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico de Évora no total de dormidas no Alentejo Central.



Em termos de **estada média de hóspedes estrangeiros**, os municípios que se destacam, com valores claramente superiores à média da região do Alentejo Central – 1,6 noites de 2011 a 2014 e 1,5 noites em 2015 – são: Alandroal, Borba, Montemor-o-Novo, Mora e Viana do Alentejo.

No entanto, este comportamento ainda manifesto em poucos anos (principalmente 2013-2015) não pode ser em certos casos assumido como tendência (já que se tem verificado uma descida entre 2014 e 2015 - casos de Borba, Mora ou Viana do Alentejo).

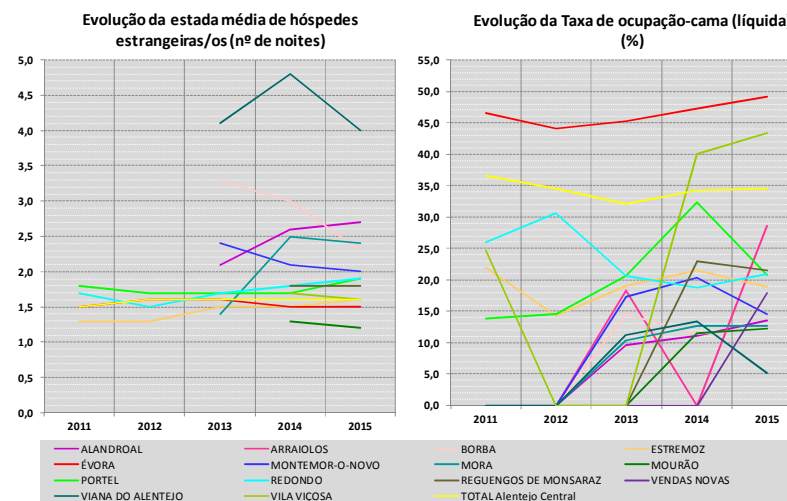
A evolução das **taxas líquidas de ocupação-cama** no Alentejo Central na primeira metade da presente década apresentou uma ligeira quebra em 2013 (desceu abaixo dos 25%) mas manifesta alguma recuperação 8valores próximos dos 25%).

O comportamento deste indicador nos estabelecimentos de alojamentos turístico do concelho de Évora é claramente muito mais favorável, aproximando-se claramente, nos últimos anos deste período, dos 50%.

Nos restantes concelhos verificamos comportamento deste indicador de ocupação muito variáveis e com comportamentos também muito diversos.

Os concelhos que mantêm taxas líquidas de ocupação-cama mais baixos são Viana do Alentejo, Mourão, Mora, Borba e Alandroal.

Por sua vez, os que apresentam taxas líquidas de ocupação-cama mais elevados (sem contar com Évora), são vila Viçosa, Portel e Arraiolos.



3.1.2. Pelouro do Turismo

O quadro seguinte procura sistematizar o modo como os vários executivos autárquicos do Alentejo Central organizam o Pelouro do Turismo, assinalando em especial os concelhos em que o pelouro/área do turismo está diretamente articulada, em termos de pelouro autárquico, com a área da cultura e do património.

Arquitetura institucional	Responsável	Municípios
Pelouro/área do Turismo articula diretamente com o pelouro do Património e da Cultura (isto é, é o mesmo edil responsável pelas duas áreas).	Presidente da Câmara	Alandroal
		Borba
		Portel
		Viana do Alentejo
	Vereador(a)	Estremoz
		Mora
		Mourão
Pelouro/área do Turismo está autonomizado (isto é, não é o mesmo edil o responsável pelo pelouro do Património e da Cultura).	Presidente da Câmara	Redondo
		Reguengos de Monsaraz
	Vereador(a)	Vila Viçosa
		Évora
		Montemor-o-Novo
	Vereador(a)	Arraiolos
		Vendas

Na maioria dos concelhos do Alentejo Central, a área do turismo encontra-se articulada com a da cultura e património.

Em certos concelhos verificou-se que a área do turismo se encontra inserida num pelouro com uma abrangência setorial mais vasta, associando-a aos domínios do Desenvolvimento e Planeamento Económico, como ocorre, por exemplo, nos municípios de Évora e de Portel.

No caso de Viana do Alentejo, o Presidente da Câmara Municipal é responsável pelo pelouro da Cultura e Desenvolvimento Económico, onde se insere a área do Turismo, existindo simultaneamente um vereador responsáveis pelo pelouro da Património e Cultura.

No caso de Vila Viçosa, existem simultaneamente um Vereador responsável pelos pelouros do Turismo e Património e um outro Vereador responsável pelo pelouro da Cultura.

3.1.3. Postos Municipais de Turismo e serviços prestados



Os **Postos Municipais de Turismo** estão localizados em geral nas sedes de concelho.

Todos os concelhos do Alentejo Central dispõem de Posto Municipal de Turismo em funcionamento, sendo a única exceção o concelho de Vendas Novas, cujo Posto de Turismo encerrou há cerca de quatro anos.

Em certos concelhos existem postos de turismo localizados noutras áreas do concelho com particular atratividade turística – são os casos de Reguengo de Monsaraz, que dispõe de um Posto de Turismo em Monsaraz e de Montemor-o-Novo, que dispõe de um Centro de Acolhimento Turístico no Escoural.

No caso particular de Vila Viçosa, existe um pequeno quiosque de informações turística que funciona somente durante o período do Verão, localizando-se igualmente na sede de concelho.

Em certos concelhos os Postos Municipais de Turismo funcionam em espaços com outras funções, designadamente interpretativas/museológicas – são os casos de Arraiolos e do Redondo, respetivamente, no Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos e no Museu do Vinho.

Relativamente ao tipo de **serviços prestados pelos Postos Municipais de Turismo**, verificaram-se situações relativamente diversificadas nos vários concelhos do Alentejo Central, o que parece corresponder à necessidade de adequar o tipo de resposta à dinâmica do tecido de operadores turísticos a operar nesse mesmo território.

Todos os Postos Municipais de Turismo fornecem informação acerca dos principais espaços culturais- patrimoniais do concelho, de acordo com as suas preferências, bem como relativamente à oferta de restauração, alojamento e, quando existente, de atividade de animação turística.

Em praticamente todos os concelhos existe nos Postos de Turismo alguma informação turística sobre o concelho, disponibilizada em suporte papel (mapa, identificação dos principais ponto de interesse turístico, nalguns casos com breve enquadramento sobre a história do concelho e com os contactos dos principais operadores turísticos), produzida quer pela Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT, quer pelos próprios municipais.

Embora não seja uma situação uniforme, é muito habitual esta informação estar disponível em português e inglês, e em alguns casos, também em castelhano e/ou francês.



A oferta de outros serviços pelos Postos de Turismo não é regular nem homogênea nos 14 concelhos.

As visitas guiadas ao centro histórico do concelho constituem um serviço habitualmente prestado pelo Posto de Turismo.

Em geral, em concelhos com um tecido de operadores turísticos locais mais rarefeito - como o Redondo, Estremoz ou Borba, por exemplo, os técnicos dos Postos de Turismo asseguram a organização e a realização gratuita de visitas no concelho, estabelecendo diretamente os contactos necessários junto de vários agentes e instituições locais (incluindo, museus, artesãos, restaurantes, adegas, etc.) de forma a enriquecer os programas de visita.

No caso de Évora, em que a oferta de circuitos de visita e de atividades de animação turística é relativamente mais alargada e mais estruturada, o Posto de Turismo procura não fazer concorrência à oferta assegurada por privados, limitando-se a um número bastante reduzido de visitas guiadas ao centro histórico (gratuitas) e fornecendo todos os contactos necessários dos agentes que oferecem programas mais desenvolvidos de visita e de atividades turísticas.

Nos concelhos em que, constatou-se que são os próprios técnicos municipais de turismo quem, a partir de um contacto prévio ou diretamente no Posto Municipal de Turismo, Este tipo de situações ocorre em concelhos.

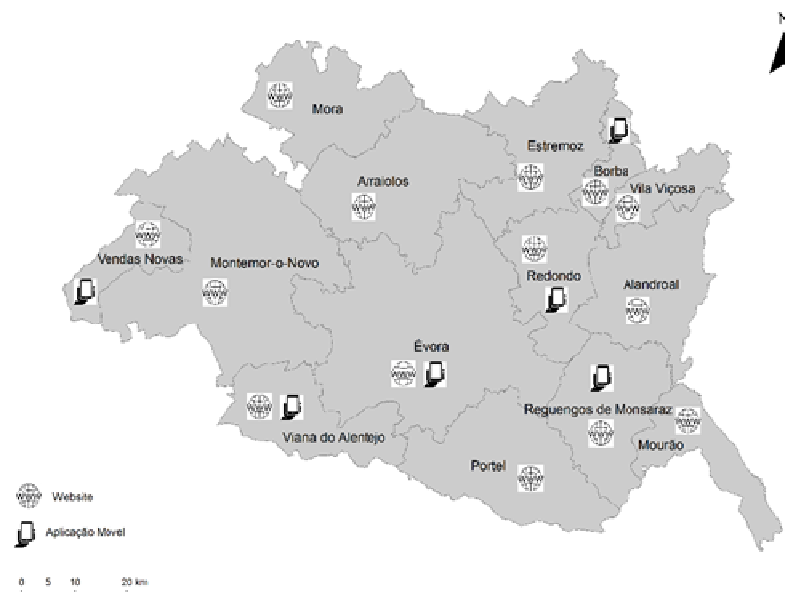
3.1.4. Infraestruturas e Tecnologias de Informação e Comunicação

A sub-região do Alentejo Central encontra-se equipada com uma rede dados que interliga todo o território e ainda com um *Data Center* com serviços partilhados entre algumas entidades, públicas e privadas.

Existe uma plataforma de informação intermunicipal comum a 13 dos 14 municípios do Alentejo Central. Trata-se de uma plataforma que permite a aproximação “virtual” dos diversos municípios da região e que facilita a divulgação e disseminação da informação relacionada com o território, os seus diversos recursos e instituições.

Estremoz não se encontra, contudo, inserido nesta plataforma, apresentando um *website* independente.

Os Municípios de Borba, Évora, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas e Viana do Alentejo possuem, para além dos seus *websites*, aplicações móveis que têm por objetivo disponibilizar conteúdos informativos relacionados com os respetivos concelhos. Estas aplicações são geridas de forma independente por cada município, apesar de serem aplicações desenvolvidas com base numa plataforma de interoperabilidade (Plataforma Outsystems) e de serem aplicações comuns aos seis municípios.



A Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT disponibiliza à escala regional, através do *website* www.visitalentejo.pt, diversa informação relevante sobre a oferta de turística existente no Alentejo. No entanto, não existe atualmente uma plataforma com informação agregada/centralizada sobre os serviços turísticos prestados no Alentejo Central, ou sobre os recursos e as atividades que os turistas e visitantes poderão praticar nesta sub-região.



Em termos de **Infraestruturas TIC**, todos os Postos de Turismo do Alentejo Central estão equipados com rede de dados e dispõem de, pelo menos, um computador – com exceção do Posto Municipal de Turismo de Vendas Novas que atualmente não se encontra em funcionamento.

Os Postos de turismo em geral dispõem, de mesa digital multi-toque com informação sobre a oferta turística regional, fornecida pela Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT, mas nem sempre estas mesas se encontravam a funcionar em boas condições.

No que diz respeito à rede *wi-fi*, e de acordo com o levantamento realizado, apenas alguns Postos Municipais de Turismo estão equipados com rede *wi-fi*:

- Os Postos Municipais de Turismo do Alandroal, Évora, Redondo e Vila Viçosa dispõem de rede *wi-fi* na rua;
- Em Arraiolos, Mora, Reguengos a rede *wi-fi* está apenas disponível dentro das instalações dos Postos de Turismo;
- Os Postos Municipais de Turismo do Estremoz, Montemor, Mourão, Portel e Viana do Alentejo não dispõem de rede *wi-fi*.

Para além disso, os Postos Municipais de Turismo de Arraiolos e Montemor-o-Novo dispõem de *webcam*.

A disponibilização de TIC são da máxima importância, uma vez que permitem a aproximação do visitante e turista ao território ou destino turístico a que estão a aceder e visitar.

3.1.5. Relação dos municípios com os operadores turísticos e redes de cooperação interinstitucional

As relações entre os Municípios, e os seus erviços de turismo, e os diversos operadores turísticos constitui um aspeto muito relevante para a compreensão do tipo de dinâmicas existentes no âmbito da oferta turística.

A generalidade dos concelhos do Alentejo Central não possuem espaços formais de concertação e articulação – estratégica e operacional – da atividade turística concelhia, envolvendo o município e os diversos agentes com relevância no setor do turismo.

O Município de Évora possui uma Comissão Municipal de Economia e Turismo de Évora, organismo especificamente constituído pela autarquia para o estabelecimento de redes de cooperação interinstitucional nesta área do turismo. No caso dos restantes municípios do Alentejo Central, as relações que as diferentes autarquias estabelecem com os vários operadores são de um tipo mais informal e assumem, em geral, características mais individualizada. Esta questão têm ainda que ver com o facto de muitos destes concelhos terem uma dimensão relativamente reduzida, existindo poucos operadores turísticos aí sedeados (um aspeto crítico que foi identificado em vários concelhos contactados, em especial em Arraiolos, Mora, Redondo ou Estremoz, entre outros).



CARTA
GASTRONÓMICA
ALENTEJO
MONUMENTA TRANSTAGANÆ
GASTRONÓMICA



Vários municípios desenvolvem trabalho conjunto de promoção e valorização turística com a Turismo do Alentejo e Ribatejo, ERT. Entre outros projetos, destacam-se os da elaboração da “Carta Gastronómica do Alentejo”, bem como da preparação e submissão das candidaturas à inscrição na Lista Representativa do património Cultural Imaterial da Humanidade do Cante Alentejano e da Arte Chocalheira, duas manifestações culturais imateriais de enorme relevância para o turismo.

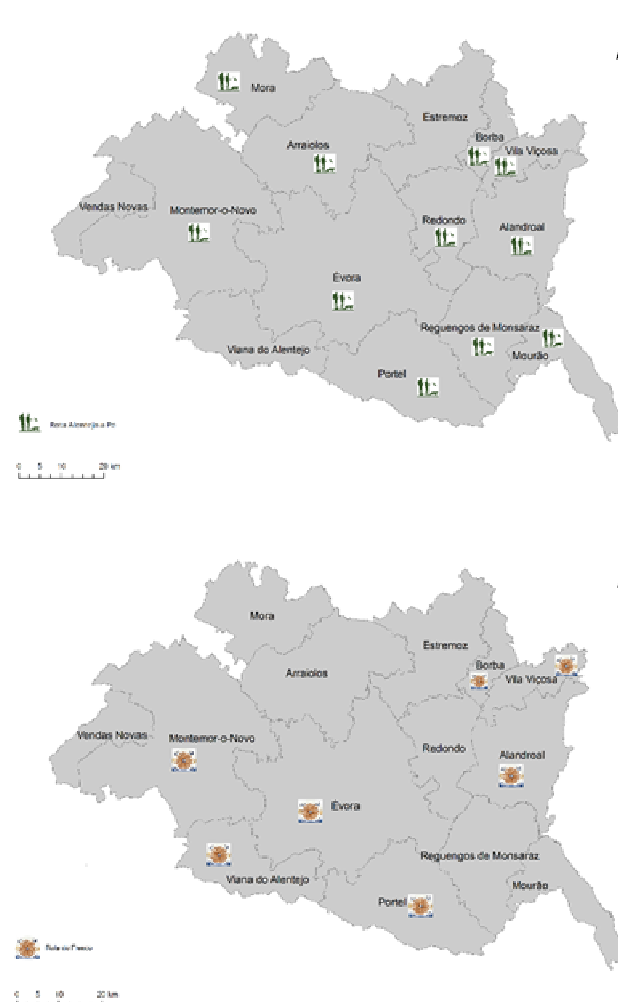
Ao nível sub-regional e transfronteiriço, existem dinâmicas de cooperação intermunicipal que são também relevantes para reforçar a valorização e a promoção turística conjunta do Alentejo Central. Neste contexto, destacam-se os projetos da Grande Rota do Montado e da Plataforma Criativa do Alentejo Central, desenvolvidos com a CIMAC, bem como projetos promovidos com a Associação Transfronteiriça dos Municípios das Terras do Grande Lago do Alqueva, em que se envolvem os municípios de Mourão, Portel e Reguengos de Monsaraz.

3.1.6. Rotas e circuitos turísticos

O Alentejo Central dispõe de uma elevada densidade e riqueza de património cultural e natural, pelo que oferece um conjunto relativamente interessante e diversificado de rotas e de circuitos turísticos organizados. Destacam-se de seguida algumas que apresentam características diferenciadas:

Alentejo a Pé, promovida pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) do Alentejo, que propõe a disponibilização *online*, através do *website* <http://webb.ccdr-a.gov.pt/alentejoape/>, de vários percursos pedestres em alguns concelhos da região aderentes. Inclui percursos que abrangem os seguintes concelhos: Évora ("Caminho da Missa", "Água da Prata - Aqueduto de Évora", "Ecopista Ramal de Mora" – percurso que liga Évora a Arraiolos), Montemor-o-Novo, Borba ("Passeio à Descoberta das Ermidas de Borba"), Mourão ("Pelo Património vivo de Mourão"), Vila Viçosa, Alandroal, Portel ("Amieira e Alqueva com o Lago a Seus Pés"), Redondo ("Eremitas de Serra D'Ossa", "Percursos das Antas", "Percurso do Freixo" e "Percurso do Montado") e Reguengos de Monsaraz ("Escritas de Barro", "Escritas de Mosto e Fios de Azeite", "Escritas na Água", "Escritas no Horizonte", "Escritas no Montado", "Escritas no Trilho de Ferro", "Escritas no Vale". "Escritas nos Reguengos" e "Escritas de Pedra e Cal").

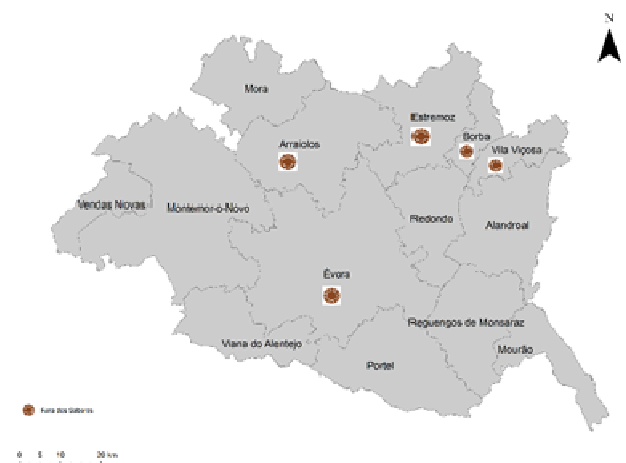
Rota do Fresco, gerida pela empresa Spira, incidindo sobre o património artístico ligado à arte da pintura mural – os chamados "frescos" alentejanos – abrangendo os seguintes concelhos do Alentejo Central: Portel, Viana do Alentejo, Évora, Vila Viçosa, Borba, Alandroal e Montemor-o-Novo.





Rota do Património Industrial “Tons de Mármore”, gerida também pela Spira, promovendo a visita a pedreiras de mármore existentes em alguns concelhos do Alentejo Central: Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal.

Rota dos Sabores, desenvolvida pela ADRAL, com o propósito de promover ações de valorização dos Produtos Tradicionais de Qualidade em 5 concelhos do Alentejo Central: Évora, Arraiolos, Estremoz, Borba e Vila Viçosa.



Grande Rota do Montado, que está neste momento em desenvolvimento, promovida pela CIMAC. Propõe uma série de percursos pedestres (que inclui uma forte componente de fruição ambiental, paisagística e do património histórico-cultural) em todos os concelhos do Alentejo Central.

Muitos dos concelhos do Alentejo Central dispõem de outros circuitos e roteiros turísticos organizados em torno dos seus patrimónios natural e cultural.

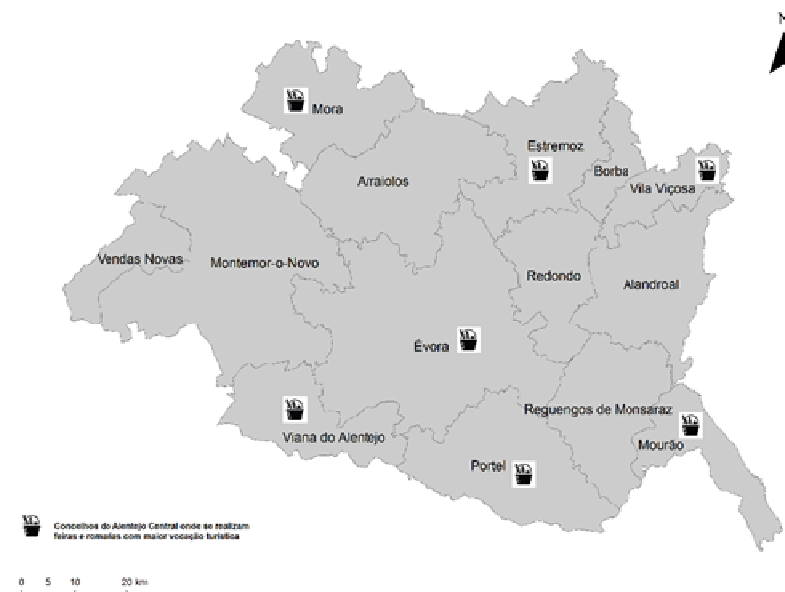
A atenção aos produtos endógenos, numa perspetiva da sua valorização enquanto recurso turístico, constitui hoje uma preocupação partilhada por uma parte muito significativa dos municípios dos Alentejo Central.

Em Estremoz, salientam-se: o “Mercado de Sábado”, realizado semanalmente no Rossio de Estremoz, com elevada qualidade e reconhecida capacidade de atrair turistas e visitantes, nomeadamente oriundos de Espanha e da área da Grande Lisboa; a “FIAPE – Feira Internacional Agropecuária de Estremoz”, com lugar no Parque de Feiras e Exposições Eng. André de Brito Tavares, entre em Abril e Maio, dedicado sobretudo à agropecuária e onde também se inclui uma Feira de Artesanato, de âmbito nacional e internacional, reunindo mais de uma centena de artesãos (sobretudo de fora do concelho).

Em Évora, merece destaque a “Feira de São João”, evento anual que se realiza na segunda quinzena de Junho e que, para além da atenção aos produtos da região, propõe ainda um programa cultural de qualidade, permitido atrair visitantes de vários pontos do país e também da vizinha Espanha.

Em Mourão, destaca-se a “Feira Transfronteiriça”, em Maio, incidindo justamente na promoção e valorização de produtos regionais.

Em Viana do Alentejo, destacam-se alguns eventos regulares como a “Feira d’Aires” (Setembro), as Feiras de Alcáçovas e Viana do Alentejo, a “Romaria a Cavalo” (Abril) e ainda a “Festa da Primavera” (Junho).



Em Vila Viçosa, destacam-se a “Festa dos Capuchos”, que oferece um mercado de produtos locais e a “Feira de Artesanato”, com uma área dedicada aos produtos locais e à gastronomia regional.

Em Mora, destaca-se a “ExpoMora”, mostra de produtos e produtores locais, em Setembro.

Em Portel, destacam-se três importantes eventos: o “Festival de Folclore” e a “Mostra de Atividades Económicas”, em Agosto, e a “Feira do Montado”, principal evento anual do concelho, no final de Novembro, com um grande reconhecimento nacional e transfronteiriço.

Praticamente todos os concelhos do Alentejo Central dispõem de um **Mercado Municipal** em funcionamento (exceção do Alandroal), que se dirige essencialmente ao consumo local.

O Alentejo Central dispõe também de um preenchido calendário de **eventos municipais, realizados com regularidade, ligados à promoção da gastronomia e restauração**. Referem-se, de seguida, alguns desses eventos que foram objeto de maior destaque no seio das entrevistas realizadas às equipas municipais.

Em Arraiolos, destacam-se as semanas gastronómicas ao longo de todo o calendário anual, e a “Mostra Gastronómica/Feira do Tapete de Arraiolos/Festival da Empada”, que dura dez dias, entre Outubro de Novembro, dedicada à promoção conjunta dos tapetes de Arraiolos e da gastronomia do concelho, em particular a empada de galinha, atraindo anualmente aproximadamente 5000 visitantes.

Em Borba, destaca-se a “Festa da Vinha e do Vinho”, com a duração de 9 dias e um rico programa de animação cultural, com o patrocínio e a participação de vários produtores de vinho e o evento “Queijo e Sabores de Borba”, em 3 dias, dedicado à promoção dos queijos e outros produtos regionais (vinho, enchidos, azeite, pão, doçaria, etc.).

Em Mourão, salienta-se o “Concurso Doçaria Tradicional”.

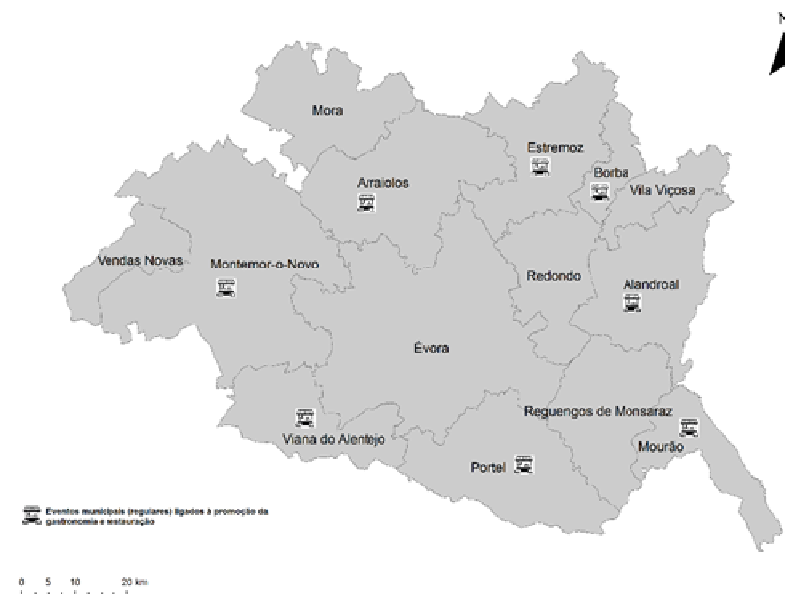
Em Viana do Alentejo, destaca-se a “Mostra de Doçaria” (Dezembro) ou o “Almoço dos Ganhões” (Setembro), na freguesia de Aguiar.

No Alandroal, salienta-se a “Mostra Gastronómica do Peixe do Rio” (Março).

Em Estremoz, salientam-se o evento “Cozinha dos Ganhões”, a “Feira da Caça e da Pesca”, a “Rota das Tascas” e a “Rota das Fontes”.

Em Portel, o “Congresso das Açordas” realiza-se em Março/Abril, contando com a participação de *chefs* e de restaurantes locais. O Município tem também desenvolvido outras iniciativas de valorização da açorda, de que é exemplo a edição de um pequeno receituário de bolso com várias receitas tradicionais de açorda alentejana.

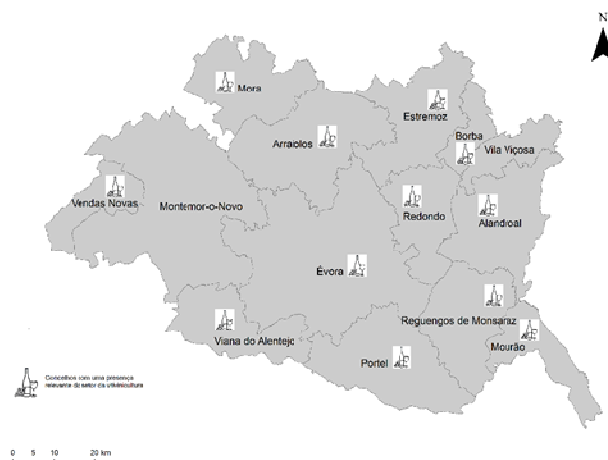
No Redondo, destaca-se o evento “Redondo à Mesa”, que propõe uma ementa de pratos típicos da época (trimestral), contando já com 22 restaurantes aderentes, a “Semana do Gaspacho”; estando atualmente em planeamento a criação de uma “Semana do Poejo”.



Em Montemor-o-Novo, prevê-se a criação, a breve trecho, de um evento dedicado à bolota, intitulado “Dia Mundial da Bolota”, que visa incentivar a plantação de bolotas e dar destaque à produção *gourmet* associada à bolota.

Destaque-se ainda a presença, em Évora, da Confraria Gastronómica do Alentejo e da Confraria Gastronómica da Moenga, duas entidades com relevância na valorização e promoção da gastronomia regional alentejana.

O **enoturismo** tem vindo a beneficiar da crescente relevância económica e cultural que a produção vitivinícola atingiu no Alentejo Central, que integra 5 das 8 sub-regiões do DOC (Denominação de Origem Controlada) Alentejo - Borba, Évora, Granja-Amareleja, Redondo e Reguengos. A vitivinicultura tem presença significativa nos concelhos de Arraiolos, Alandroal, Borba, Mourão, Viana do Alentejo, Évora, Estremoz, Mora, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz e ainda de Vendas Novas.



Os produtos turísticos relacionados com o vinho são diversos.

Em alguns casos, como o da Herdade do Esporão, em Reguengos de Monsaraz ou da recentemente inaugurada (em Novembro de 2016) adega subterrânea da Herdade do Freixo, no Redondo, entre vários outros exemplos, houve uma aposta na criação de espaços ligados à produção vitivinícola com um grande interesse cultural, paisagístico e arquitetónico, que estão claramente voltados para enoturismo.

No Redondo, concelho onde existem várias unidades de produção de vinhos, algumas delas com enoturismo – a Herdade do Freixo, já referida, a Herdade Alexandre Relva e a Herdade da Maroteia, por exemplo –, o município aposta diretamente na promoção, valorização e interpretação das produções vitivinícolas. Existem uma Enoteca, onde se realizam regularmente atividades ligadas ao vinho e o Museu do Vinho, cujo discurso expositivo assume uma abrangência regional.



Em Reguengos de Monsaraz, tem também havido uma forte aposta do município na valorização da importante capacidade de produção vitivinícola do concelho, nomeadamente em termos turísticos. O Município detém a marca registada “Capital dos Vinhos de Portugal” e preside atualmente à Rede de Cidades Europeias do Vinho.

Em Portel, a produção de aguardente de medronho tem uma dimensão marcadamente turística, a que se encontra associada o Museu do Medronho, com possibilidade de visita guiada à exposição, destilaria e prova de aguardente.

3.2. DINÂMICAS CULTURAIS NO ALENTEJO CENTRAL

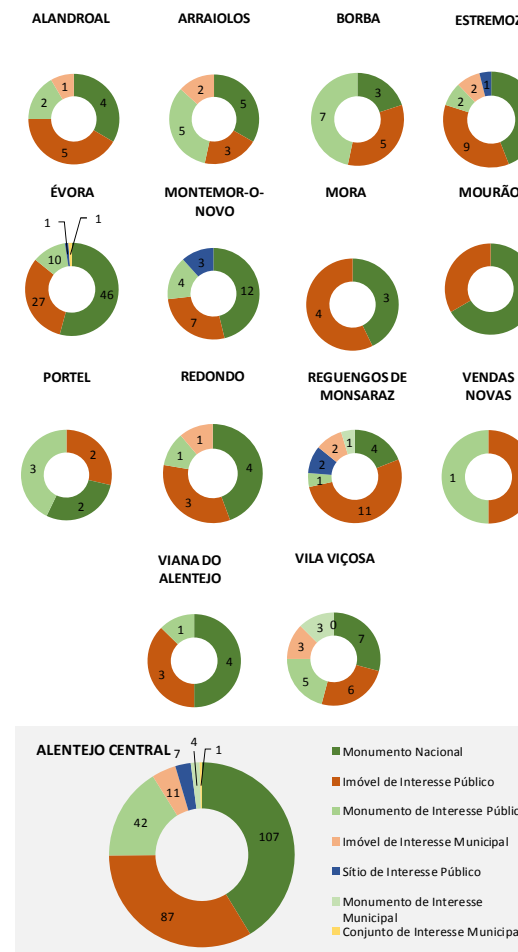
3.2.1. Património Cultural Edificado

O Alentejo Central partilha com os restantes territórios das NUTS que integram o Alentejo, características comuns, que refletem as riquíssimas e amplas influências culturais que resultaram da presença de povos que aqui conviveram e pelejaram, se influenciaram em hábitos, expressões artísticas, espaços habitados, o que originou mútuas apropriações, mais impostas, ou mais negociadas. Encontram-se muitas evidências dessa presença humana, desde as comunidades pré-históricas, que aqui se dedicaram à exploração de minérios, até às grandes propriedades agrícolas que abasteciam o Império Romano, dominadas pelas villae.

A densidade do património arqueológico no Alentejo é assinalável no contexto nacional e internacional e esta região conta com alguns dos melhores exemplares que sinalizam a presença humana, desde os povos do megalitismo, à presença e cultura romanas, à islâmica. Por isso mesmo, trata-se de uma região com elevado número de exemplares classificados



Distribuição do Património Cultural segundo as os níveis de proteção, 2016

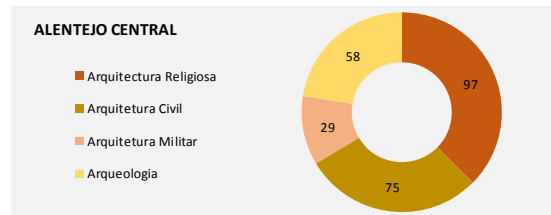
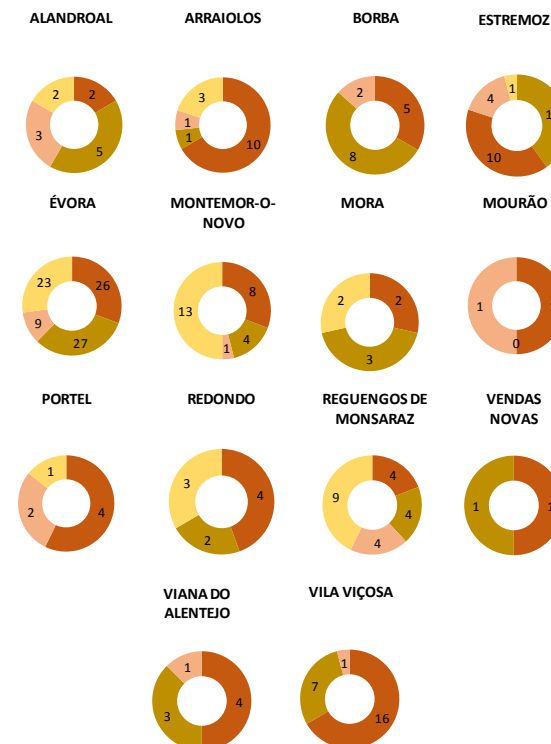


Fonte: Direção Geral do Património Cultural, 2016

A ocupação construída do território guarda hoje sinais diversos dessa matriz original, reconhecíveis nos “montes” isolados, apresentando dimensões diversas que remontam às villae romanas conjuntos que acumulavam funções de habitação e de apoio à produção ou às propriedades feudais, monásticas ou da nobreza, e também nas pequenas aldeias, que em muitos casos foram originalmente “montes”, em torno do quais se vieram a instalar famílias de produtores rurais pobres, por cedência de terrenos por parte dos grandes proprietários.



Distribuição do Património Cultural segundo a tipologia, 2016



Fonte: Direção Geral do Património Cultural, 2016

3.2.2. Património Cultural Imaterial

As marcas indeléveis do percurso histórico deste território que foi ocupado - e intensamente disputado - por diferentes povos portadores de cultura e organização social diversas, mantêm-se presentes nas tradições orais, nas manifestações festivas, nos instrumentos de trabalho agrícola às técnicas construtivas da arquitetura vernacular. Este Património Cultural Imaterial (PCI) tem vindo a ser descoberto como um ativo de enorme interesse e importância para as comunidades, e o Alentejo, ao longo dos últimos anos, tem vindo a apostar seriamente na sua valorização, promoção e salvaguarda.

A **gastronomia alentejana** tem por base os elementos tradicionais da dieta mediterrânica (pão, vinho e azeite), o que a torna única nas múltiplas combinações dos escassos recursos existentes ou explorados na região. Tem por base o pão, com que se fazem as açordas e as migas, a que se junta a carne do borrego e do porco das produções pastoris que pastam em áreas de montado, para além das ervas aromáticas, muito diversas e que dão um paladar inconfundível: coentros, hortelã, poejo, alecrim.

As **artes e os ofícios tradicionais** combinam recursos locais e saberes tradicionais, destinando-se inicialmente à satisfação das necessidades da comunidade rural. Incluem: a cortiça para fazer bancos, tarros, cochos e, atualmente, objetos utilitários e decorativos com design; a madeira com que se faz mobiliário em madeira pintada; os chocalhos que testemunham a tradição de pastorícia das regiões de montado; o barro, para louça utilitária e decorativa.

A **construção tradicional em taipa**, técnica construtiva tradicional em terra, muito utilizada até meados do século passado. Foram provavelmente os Muçulmanos que mais divulgaram e generalizaram estas técnicas. No entanto, na Península Ibérica, a utilização da terra em elementos construtivos é já uma prática pré-histórica, visto existirem vestígios em sítios arqueológicos do Neolítico e Calcolítico, como também da Idade do Ferro.

As tradições associadas à **festa e à celebração do encontro**, na sua grande diversidade, que inclui o cante, as saias, as décimas, às romarias a cavalo.

Manifestações do Património Cultural Imaterial que já integram ou apresentam potencial para integrar a Lista Representativa da UNESCO

Entende-se por património cultural imaterial todas “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões — bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados — que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos, reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural (...) transmitido de geração em geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”.

No Alentejo Central importa destacar não só a diversidade e riqueza de manifestações culturais mas também referir que os processos de reconhecimento e intervenção nacional e internacional destes vários patrimónios se encontram em diferentes estados de maturação. Nalguns casos estas manifestações culturais imateriais já se encontram inscritas no Inventário Nacional PCI ou numa das Listas do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO - o Cante Alentejano, o Fabrico dos Chocalhos, e mais recentemente a Falcoaria. Contudo, noutros casos, os processos de candidatura estão ainda em fases de preparação ou submetidos para avaliação.

Além disso, outras iniciativas, de natureza pública ou privada, e com uma maior ou menor escala, têm vindo a ser desenvolvidas nesta região, contribuindo de igual modo para sensibilizar e valorizar os importantes PCI aqui existentes.

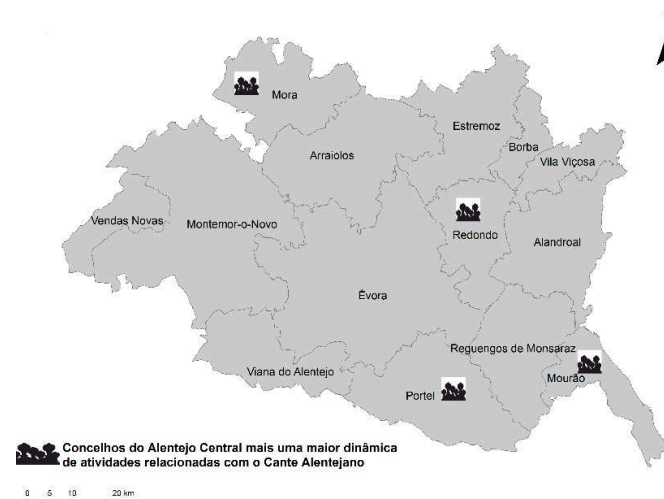
As manifestações de PCI existentes no Alentejo Central que se podem considerar mais relevantes são as seguintes:

Cante

2013 Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO).

(Categoria: Tradições e expressões orais; artes do espetáculo)

Forma de música vocal cantada coletivamente, sem recurso a instrumentos musicais, que é considerada como sendo originária da sub-Região Histórica do Baixo Alentejo. Praticada por assalariados rurais, mineiros e operários, esta manifestação está documentada a partir do último quartel do século XIX. Como prática musical formal, está associada aos grupos corais alentejanos, cuja cronologia mais antiga é datada da década de dez do século XX, embora haja referência a um orfeão popular datada de 1907. Atualmente persistem no ativo diversos grupos de Cante, tendo-se assistido a um incremento dos grupos praticantes, suscitado pela recente inscrição na Lista da UNESCO.

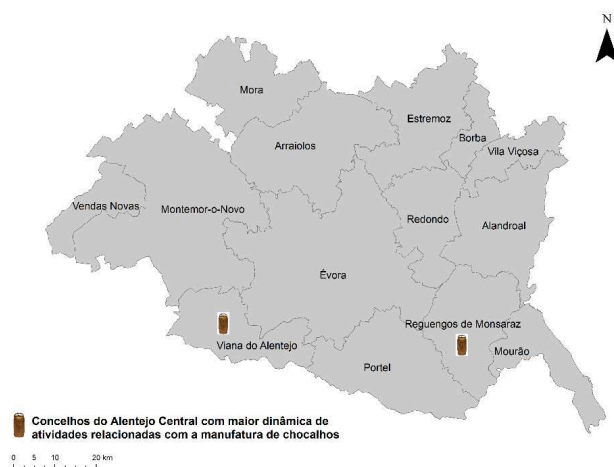


Manufatura dos Chocalhos

2015 Lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade que necessita de Salvaguarda Urgente (UNESCO).

(Categoria: Aptidões ligadas ao artesanato tradicional)

Trata-se de uma prática de fabrico tradicional artesanal com mais de dois mil anos, cujo fabrico se encontra estreitamente relacionado com o pastoreio e a transumância de gado. O conhecimento técnico relacionado com o fabrico de chocalhos tem sido transmitido de geração em geração, frequentemente em contexto familiar, constituindo um património cultural partilhado coletivamente, que ajuda a construir um sentido de identidade nas comunidades. Fruto de um conjunto de mudanças socioeconómicas, atualmente o fabrico dos chocalhos está em decréscimo, existindo já muito poucas oficinas, geralmente mantidas por artesãos bastante idosos.



Fabrico dos Tapetes de Arraiolos

(Categoria: Aptidões ligadas ao artesanato tradicional)

Com potencial para integrar a Lista representativa do Património Cultural
Imaterial da Humanidade da UNESCO

A produção dos tapetes de Arraiolos remonta ao século XVI, sendo reconhecida uma nítida influência dos processos de manufatura dos tapetes clássicos da Pérsia e Turquia. Esta indústria caseira deu fama à vila de Arraiolos e era, até meados do século XX, a principal ocupação de muitas famílias locais, envolvendo centenas de pessoas, sobretudo as mulheres - bordadeiras. Atualmente a viabilidade do fabrico de tapetes de Arraiolos encontra-se em risco, devido a problemas de transmissão deste conhecimento (faltam aprendizes jovens) e, sobretudo, à fraca atratividade desta atividade do ponto de vista económico (reduzidas remunerações). Esta atividade artesanal é desde há muito reconhecida.



Produção do Figurado em Barro de Estremoz

(Categoria: Aptidões ligadas ao artesanato tradicional)

Com potencial para integrar a Lista representativa do Património Cultural
Imaterial da Humanidade da UNESCO

Trata-se de uma prática tradicional de carácter marcadamente artesanal, que é emblemática desta comunidade e do centro de produção que lhe conferem a designação. Transmitida em contexto familiar e ofical, esta produção artesanal caracteriza-se pela manufatura de peças de barro de carácter eminentemente religioso, simbólico, lúdico ou decorativo, vivamente policromas. Apesar de diversas adaptações técnicas e tecnológicas terem sido introduzidas nas últimas décadas, esta prática cultural caracteriza-se atualmente pela permanência dos processos tradicionais de modelação do barro e pelas diversas tipologias de figurado que foram sendo sucessivamente desenvolvidas e incorporadas na tradição artesanal local. A Produção do Figurado em Barro de Estremoz encontra-se atualmente inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, beneficiando de proteção legal, conforme consta no Anúncio relativo à decisão da Direção Geral do Património Cultural sobre o pedido de inventariação (Anúncio n.º 83/2015, publicado em Diário da República, 2.ª série, N.º 88, de 7 de maio de 2015).



O Alentejo Central contempla ainda um conjunto vasto de **outras manifestações de Património Cultural Imaterial**, que têm tradução em múltiplas práticas sociais, rituais e manifestações festivas, em saberes e técnicas tradicionais, na gastronomia e nas produções locais, nas expressões orais, nos conhecimentos relacionados com a natureza e o universo.

Gastronomia alentejana e produtos locais

A gastronomia alentejana é o Património Cultural Imaterial mais procurado na região. Tendo por base os elementos tradicionais da dieta mediterrânica (pão, vinho e azeite), torna-se única nas múltiplas combinações dos escassos recursos existentes ou explorados na região.

Até muito recentemente, por razões que se prendem como os regimes de propriedade e de exploração agroflorestal, a gastronomia popular alentejana era pobre e baseada essencialmente no pão e na água, com que se fazem as açordas e as migas e a que se acrescentam as ervas aromáticas (tão diversas no Montado) que lhes dão um paladar inconfundível, como os coentros, a hortelã, o poejo e o alecrim. Esta dieta é enriquecida, nos meios sociais mais abastados, com a carne do borrego e do porco, provenientes dos pastos em áreas de Montado, e com o cação, proveniente da costa atlântica. A presença das ordens religiosas na região completa esta gastronomia com uma doçaria conventual de extrema riqueza - fundamentalmente à base de pão, a mais pobre, e de ovos, leite, queijo, requeijão, canela, amêndoa ou gila, a mais rica.

Alandroal	Mostra gastronómica do peixe de rio
Arraiolos	Feira de S. Boaventura (2º fim de semana de julho); Mostra gastronómica; Festival da empada (marca registada); Dia Mundial da Bolota Queijos, enchidos e mel; compotas, pastéis de toucinho, bombons de bolota, bolachas de cerveja.

Borba	Festa da Vinha e do Vinho (9 dias) de animação cultural e degustação; Feira dos Santos Queijo e Sabores de Borba (3 dias de promoção de queijos e outros produtos regionais) - mostra de métodos de tosquia e ordenha de ovelhas)
Estremoz	Cozinha dos Ganhões; Feira da Caça e da Pesca; Rota das Tascas e Rota das Fontes; Mercado de Sábado (Rossio, tem características únicas; (Mercado de Antiguidades e Velharias (também aos sábados). Ervas aromáticas; Queijos e enchidos; Azeite; Mel da Serra d'Ossa; Doçaria típica: broa de bolota e mel, bola "Rainha Santa";
Évora	<i>Informação ainda não disponível</i>
Montemor-o-Novo	Festival de sopas; Feira do Pão e Doçarias Mel, vinho, pão, bolota; Produção biológica (Herdade do Freixo de Meio, entre outros); Doces conventuais; Pudim de Soror Helena; Licor de poejo; Granito Montemorense (licor de anis e erva doce)
Mora	Mostra Gastronómica da Caça; ExpoMora (setembro) mostra de produtos e produtores locais; Festa do Vinho Novo, em Cabeção Queijinhos de céu, Licores, enchidos, vinho, azeite e mel
Mourão	Concurso Doçaria Tradicional de Mourão; Feira de Maio/ Feira Transfronteiriça – exposição de produtos regionais; Doçaria tradicional: manjar real doce com pão e amêndoa, bolos fintos, lampreia doce
Portel	Congresso das Açordas (participam 6 restaurantes e convidados chefes) Mel da Serra de Portel, Queijos, Enchidos, Bolos regionais, Aguardente de medronho (Museu do Medronho) (à venda no Pavilhão Temático da Bolota, no Museu do Medronho e loja no mercado municipal, Mercearia dos Sabores).
Redondo	Vinhos (9 adegas, algumas com oferta de enoturismo); Azeite – existe uma marca gourmet, de um francês (Courela do Zambujeiro); Queijo Montoito, Enchidos e Mel da Serra d'Ossa, Feijão com Poejo e Bacalhau – prato único do concelho, que se faz em Fevereiro, na quarta-feira de Cinzas. Redondo à Mesa; Semana do Gaspacho; Semana do Poejo (projeto)
Reguengos Monsaraz	Vinho (inserir-se na sub-região vitivinícola de Monsaraz); azeite; queijos; enchidos; sopas; ervas aromáticas;
Vendas Novas	Bifanas; Vinhos (Herdade da Ajuda visitável); Queijos (Queijaria das Romãs visitável)
Viana do Alentejo	Mostra de Doçaria de Alcáçovas (dezembro); Almoço dos Ganhões (setembro) Azeitonas e azeite, vinho; Doçaria, da Casa Maria Vitória / Bolo Conde de Alcáçovas, Amores de Viana, Sardinhas Albardadas, Bolo Real; Queijos – Queijaria Alcáçovas
Vila Viçosa	Tiborna de Vila Viçosa – doce conventual (Real Convento das Chagas de Cristo)

Artes do espetáculo, tradições e expressões orais

A **Poesia Popular** é uma tradição de enorme riqueza na região, com práticas regulares de encontro, e edições de iniciativa municipal.

O **Cante alentejano**, género musical popular classificado como Património Imaterial da Humanidade, com um grau invulgar de identificação com o seu território, congrega elementos provenientes do canto gregoriano com outras expressões musicais de raiz árabe, que remontam aos séculos de domínio muçulmano do Sul de Portugal e também à tradição sefardita (judeus peninsulares), com importante presença neste território.

Alandroal	Concurso de Poesia Popular Espetáculos musicais – Saias Alentejanas; Festival da Concertina “Dionísio Bandalhinho”
Arraiolos	Poesia popular: Tradição de ‘dizer as décimas’ ‘Às quintas no castelo’ - programa de eventos em agosto
Borba	Coleção de marionetas de vara ‘bonecos do Mestre Sandes’ (polo museológico do Azinhal)
Estremoz	Poesia popular (com encontros regulares e edições de algumas publicações de poetas populares locais, com o apoio da CM) Encontros de Poetas Populares
Évora	<i>Informação ainda não disponível</i>
Montemor-o-Novo	

Mora	Encontro de Poetas Populares – iniciativa participada por todas as freguesias, com publicação com as melhores obras, de 2 em 2 anos: “Encontro de Palavras” “Escritos de São Martinho” – noite de São Martinho, em Pavia, escrita de quadras a carvão nas paredes, alusivos a São Martinho e aos “pecados” dos descritos; já existem levantamentos fotográficos e publicações Cante Alentejano – vários grupos de cantares regionais
Mourão	Presença do Cante Alentejo -quatro grupos corais no ativo
Portel	Intensa atividade ligada ao cante, com vários grupos corais. Tem sido desenvolvido trabalho com as escolas (AEC onde é introduzido o cante) Surgiram nos últimos 2/3 anos vários grupos (jovens entre os 8 e os 17 anos) Dois grupos de cantes regionais (com instrumentos): grupo de Portel e grupo de Outono
Redondo	Grande tradição tanto do cante, como de outros cantares tradicionais alentejanos: o canto polifónico tradicional localiza-se sobretudo na freguesia de Montoito; o canto polifónico das saias localiza-se sobre na sede de concelho.
Reguengos de Monsaraz	4 Grupos de cante alentejano; Casa do Cante, localizada em Monsaraz, é a sede do Grupo Coral de Monsaraz, inclui um estúdio de gravação, recebendo ocasionalmente visitantes.
Vendas Novas	
Viana do Alentejo	
Vila Viçosa	Poesia popular; Encontros anuais de Poetas Populares

Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Alandroal	Festival do Endovélico (bienal); Divindade pré-romana da Ibéria; Percurso pedestre “Por caminhos do contrabando”; Romaria da Boa Nova; Festa de Santa Cruz; Festa de Nossa Senhora da Conceição; Festa de São Brás; Festa de Nossa Senhora do Rosário; Festa de Nossa Senhora do Loreto; Festa de Nossa Senhora dos Remédios; Festas populares de cada freguesia
Arraiolos	Festa de Nossa Senhora da Consolação
Borba	“Fazer as onze” – fazer a rota das tascas para convívio e acompanhado de um copo antes de almoço
Estremoz	
Évora	<i>Informação ainda não disponível</i>
Montemor-o-Novo	
Mora	Festa de São Martinho (em Pavia); Romaria de N.ª, S.ª de Brotas (2º fim de semana de agosto) Celebrações/Romarias regionais – em cada freguesia
Mourão	Festas em Honra de São Brás; Romaria de São Pedro dos Olivais; Corrida dos Cravos; N.ª S.ª das Candeias – 2 fevereiro; Procissão N.S. dos Passos – domingo de Ramos. As estações da procissão são assinaladas pelos nichos em xisto do séc. XVII/XVIII distribuídos pela vila; Procissão do enterro do Senhor – 6ª feira santa; Feira de Maio com tema específico; Fins-de-semana no verão ‘Reviver o coreto’
Portel	
Redondo	
Reguengos de	

Monsaraz	
Vendas Novas	
Viana do Alentejo	Romaria a cavalo (4 dias a partir da Moita a cavalo ou em carro atrelado e engalanado) na Festa de N.ª. S.ª. De Aires
Vila Viçosa	Peregrinação Padroeira de Portugal – romaria a cavalo (no dia 8 de Dezembro); Festa dos Capuchos (Setembro), com prova de BTT associada.

Conhecimento e práticas relacionadas com a natureza e o universo

Alandroal	A proposta de classificação do Vale do Lucefecit (SIP) decorre da constatação da sua unidade etno-histórica e paisagística que apresenta uma capacidade evocativa extraordinária da ação do Homem nas margens da Ribeira, manifestando-se de forma continuada no domínio da sua sacralização, cujo expoente máximo iconográfico é, sem dúvida, o Endovélico.
Arraiolos	Centro Interpretativo do Mundo Rural (freguesia de Vimieiro)
Borba	
Estremoz	
Évora	<i>Informação ainda não disponível</i>
Montemor-o-Novo	
Mora	
Mourão	
Portel	
Redondo	
Reguengos de Monsaraz	

Vendas Novas	
Viana do Alentejo	
Vila Viçosa	

Aptidões ligadas ao artesanato tradicional (artes e ofícios tradicionais)

As atividades artesanais são especialmente ricas no Alentejo Central, não sendo por acaso que algumas delas são reconhecidas como PCI da Humanidade e outras almejam ser. Dão-se alguns exemplos notáveis pela concentração de oficinas e de lojas de venda dessas produções, que são em geral dos pontos mais procurados e visitados por turistas: tapetes em Arraiolos, arte chocalheira, em Viana do Alentejo, bonecos de Estremoz, olarias do Redondo e de Reguengos de Monsaraz, designadamente em S. Pedro do Corval; Telheiro Encosta do Castelo – artes e ofícios da construção em terra (Montemor-o-Novo)

Alandroal	Carlos Damas – artesão/entalhador / trabalhos em madeira de loendro.
Arraiolos	Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos; 9 Oficinas de manufatura e comércio do Tapete de Arraiolos; O Tapete está na Rua” (exposição de tapetes nas fachadas, em junho); Aldeia da Terra (barro)
Borba	
Estremoz	Figurado de Estremoz (7-9 artesãos a trabalhar); Centro Interpretativo dos Bonecos de Estremoz (certificação do figurado de Estremoz e candidatura à Lista do PCI da UNESCO são os principais projetos agregadores dos artesãos); Lojas e oficinas de artesanato – maioritariamente de produção de Bonecos de Estremoz, no centro histórico, ex. atelier das Irmãs Flores); Pedreira de Mármore Municipal inserida na Rota dos Mármore (organiza visitas “informais”)
Évora	<i>Informação ainda não disponível</i>
Montemor-o-	Pintura alentejana de mobílias; Cestaria; Produção de cirandas Trapologia; Design de moda

Novo	
Mora	
Mourão	Chaminés ditas mouriscas, cilíndricas e que pela sua profusão e dimensão são um elemento marcante da paisagem urbana; Passos do Senhor -. Nichos em xisto, do séc. XVII/XVIII, que marcam as estações da procissão dos Passos
Portel	Atualmente o principal artesanato do concelho é o artesanato pastoril; temática abordada no Pavilhão Temático da Bolota, onde se vendem produtos; Feira do Montado e Agosto em Festa (inclui realização de Festival de Folclore e Mostra de Atividades Económicas); Azulejos e Faiança
Redondo	Mobiliário Alentejano (Artesãos: António Vítor Magarreiro Ferreira, Casa de Artesanato “Zézinha”, Francisco José Siquenique, Joaquim José Boavida, José M. Rosado Vicente); Olarias (Lojas: Martelo Júnior Artesanato, Barru Pottery, Jeremias, Maquinista, Mértola, Pirraça, Poço Velho, Xico Tarefa e Pirraça Artesanato)
Reguengos de Monsaraz	Olaria de São Pedro do Corval (maior centro oleiro de Portugal; Mantas Tradicionais; Pintura de Cerâmica; Trabalhos em metal; Chocalhos; Trabalhos em Pele; Pintura tradicional de Mobiliário; Olaria (Lojas olarias: Cristo, António Manuel Janeiro, Aníbal Rosado; Beijinho, Lda, Olaria Bulhão, Carrilho Lopes, Egídio Santos, Joaquim Lagareiro, Luís Janeiro, Luís Ramalho Dias, Marcelino Paulino, Mário Ramalho, Olivério Dourado, Patalim; Exportadores: Polido e Filho, Olaria Quintas, Olaria Tavares, XarazArte, Fábrica de Tijolo Rústico; Feira da Olaria (bienal) Lojas de Artesanato: “A Loja”, Coisas de Monsaraz, Francis et Tula, XarazArte (Monsaraz) - XarazArte (São Pedro do Corval)
Vendas Novas	Trabalhos em cortiça, madeira, em folha de cebola e camisas de milho; Pintura e embelezamento de porcelana/gesso, azulejo e cerâmica, tecidos e telas; Pintura a óleo; Joalharia e bijuteria
Viana do Alentejo	Arte chocalheira PCI da Humanidade – oficina dos Chocalhos Pardalinho; Plano de salvaguarda da arte (em fase de arranque); Feira do Chocalho (julho); Olaria – peça emblemática, o alguidar vidrado, utilizado na matança do porco
Vila Viçosa	Trabalhos em estanho, em pedra (mármore); Cerâmica

3.2.3. Oferta Cultural

A Oferta Cultural inclui uma programação de atividades e manifestações de cariz mais erudito ou mais popular, promovida por agentes culturais, públicos e privados, mas onde os municípios têm quase sempre um papel preponderante. Esta posição concentra-se, por um lado, nos equipamentos culturais municipais, que são em muitos casos âncoras de interpretação do território e das vivências sociais e, por outro lado, nos próprios bens patrimoniais municipais que oferecem, em diversos casos, serviços de interpretação do património.

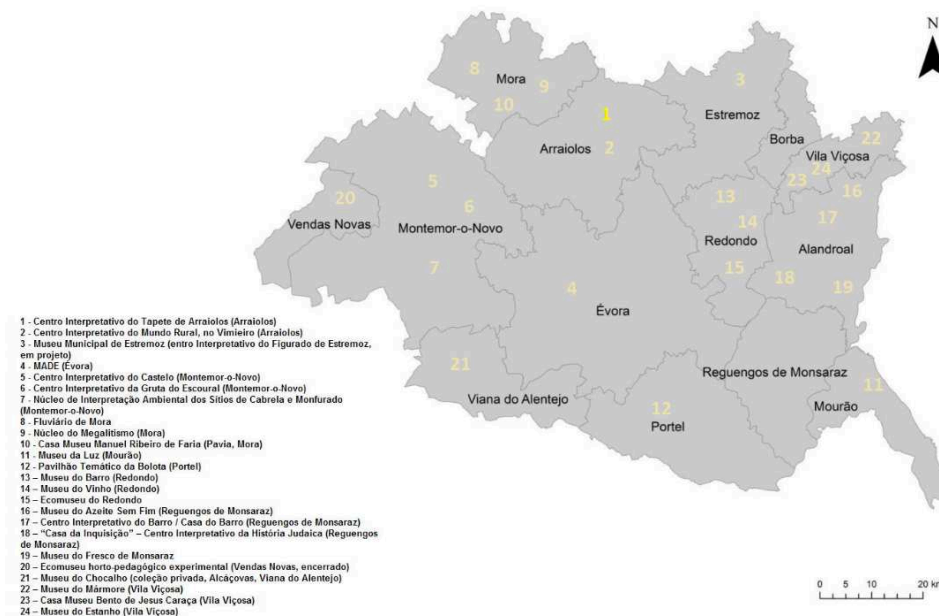
Nestes equipamentos, em geral, os municípios também desenvolvem atividades de caráter educativo e de sensibilização para a importância e a responsabilidade da defesa e valorização do património cultural,

Seguidamente são apresentados alguns dos recursos culturais que apresentam um potencial de organização no domínio da oferta turística dos concelhos

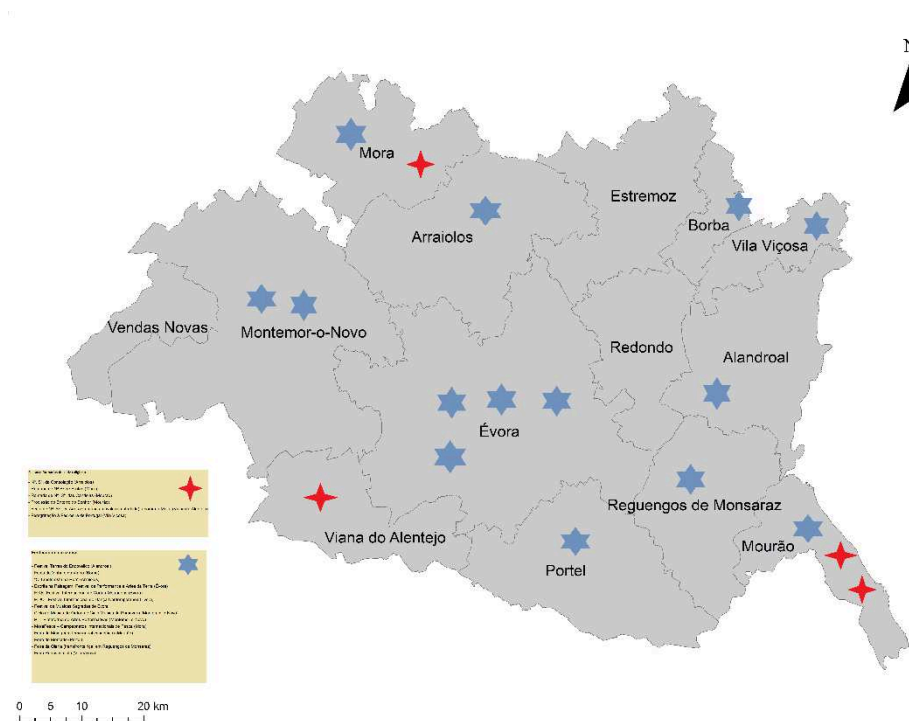
O quadro em Anexo pretende fazer uma síntese comparada da oferta cultural nos 14 concelhos do Alentejo Central (embora esta sistematização da informação se apresente ainda incompleta, por dificuldade de reunir de forma sistemática e equitativa, toda a informação disponível nos municípios).



O Alentejo Central dispõe de uma dinâmica muito significativa e de grande qualidade no que se refere á oferta de **Centros Interpretativos/Museológicos**



O Alentejo Central oferece um conjunto de **Festas e Romarias de cariz religioso** e também de **Festas e Festivais de cariz civil**, de que se destacam algumas.



3.3. SÍNTESE

A síntese global das análises das principais dinâmicas turísticas e do diagnóstico dos recursos culturais e das dinâmicas associadas nos 14 Municípios do Alentejo Central, permitem-nos retirar um conjunto de pontos críticos que deverão ser considerados na definição da proposta de conceito global para os dois novos centros.

3.3.1. Pontos críticos relativamente ao turismo

Crescimento muito acentuado da dinâmica turística sobretudo nos últimos três anos desta década

Mantém-se a concentração geográfica da oferta turística, de alojamento e de serviços e atividades de animação turística, em Évora, embora se evidencie a afirmação mais agressiva de alguns concelhos (por exemplo, Reguengos de Monsaraz)

Tendências recentes de diversificação da oferta, ao nível dos segmentos de mercado, das tipologias de alojamento (crescimento muito significativo do Alojamento Local) e dos produtos turísticos, associados nomeadamente à criação de novas empresas de animação turística

Mantém-se igualmente uma concentração de fluxos de procura na cidade de Évora e, em particular, no seu centro histórico (em número de hóspedes e de dormidas), mas também acompanhada de um crescimento acentuado em determinados concelhos

Significativa debilidade das estruturas locais públicas de informação e de acolhimento dos turistas e visitantes, sobretudo em municípios

mais pequenos e com tecido empresarial no setor muito débil ou inexistente, o que os obriga a ter de suprir carências da oferta turística

Carências ainda evidentes de organização de produto turístico de iniciativa privada

Carências de pessoal especializado e qualificado a trabalhar no setor e, particularmente, no setor público

A organização da oferta de produtos locais ainda emergente, prejudicando as condições de acesso e, simultaneamente, a sua valorização

Apesar do desenvolvimento, nos últimos anos, de plataformas digitais comuns que podem suportar uma boa rede de serviços no âmbito das TICE, os serviços turísticos mantêm debilidades na utilização das tecnologias de informação e em soluções digitais mais avançadas

Persistência de uma imagem demasiado estereotipada da região no sentido da sua promoção enquanto destino turístico e que não traduz a sua diversidade e modernidade

Dinâmicas de concertação e de colaboração entre os diversos atores, públicos e privados, insuficientes, condicionando todas as estratégias de escala

Carências ao nível dos diferentes suportes de comunicação/informação/interpretação sobre a região e os seus ativos turísticos, nomeadamente no que concerne à disponibilização de conteúdos com informação traduzida em língua estrangeira, sinalética de orientação, etc.

3.3.2. Pontos críticos relativamente à cultura

Falta de organização ao nível das estruturas culturais ou das entidades detentoras de bens patrimoniais que se reflete diretamente num acesso deficiente aos espaços culturais, os quais muitas vezes nem dispõem de horários de funcionamento / abertura ao público regulares

Falta muito frequente de materiais de interpretação em bens imóveis e outras estruturas de interpretação ou musealização do território, acentuada pela frequente falta de traduções

Oferta significativa e diversificada de estruturas museológicas, relativamente distribuída no território, que é recente e qualificada, com propostas conceptuais, expositivas e pedagógicas interessantes e que assumem em geral dimensões singulares associadas às características locais

Carências de material informativo, sinalético, e grandes debilidades ao nível da manutenção e limpeza, em muitos dos percursos oferecidos e dos equipamentos aí instalados, com efeitos nefastos para a fruição pública do património e para a imagem da região e do país.

Limitações na oferta de programação de atividades artísticas e culturais, com cariz lúdico e educativo, orientada para crianças e jovens (residentes e não-residentes) – de que é exemplo a falta de serviços educativos bem apetrechados em termos de recursos humanos e materiais.

Risco acentuados de falha na transmissão de conhecimentos no campo das artes e ofícios tradicionais, que corresponde ao declínio dos sistemas de transmissão familiar que não é colmatado por uma

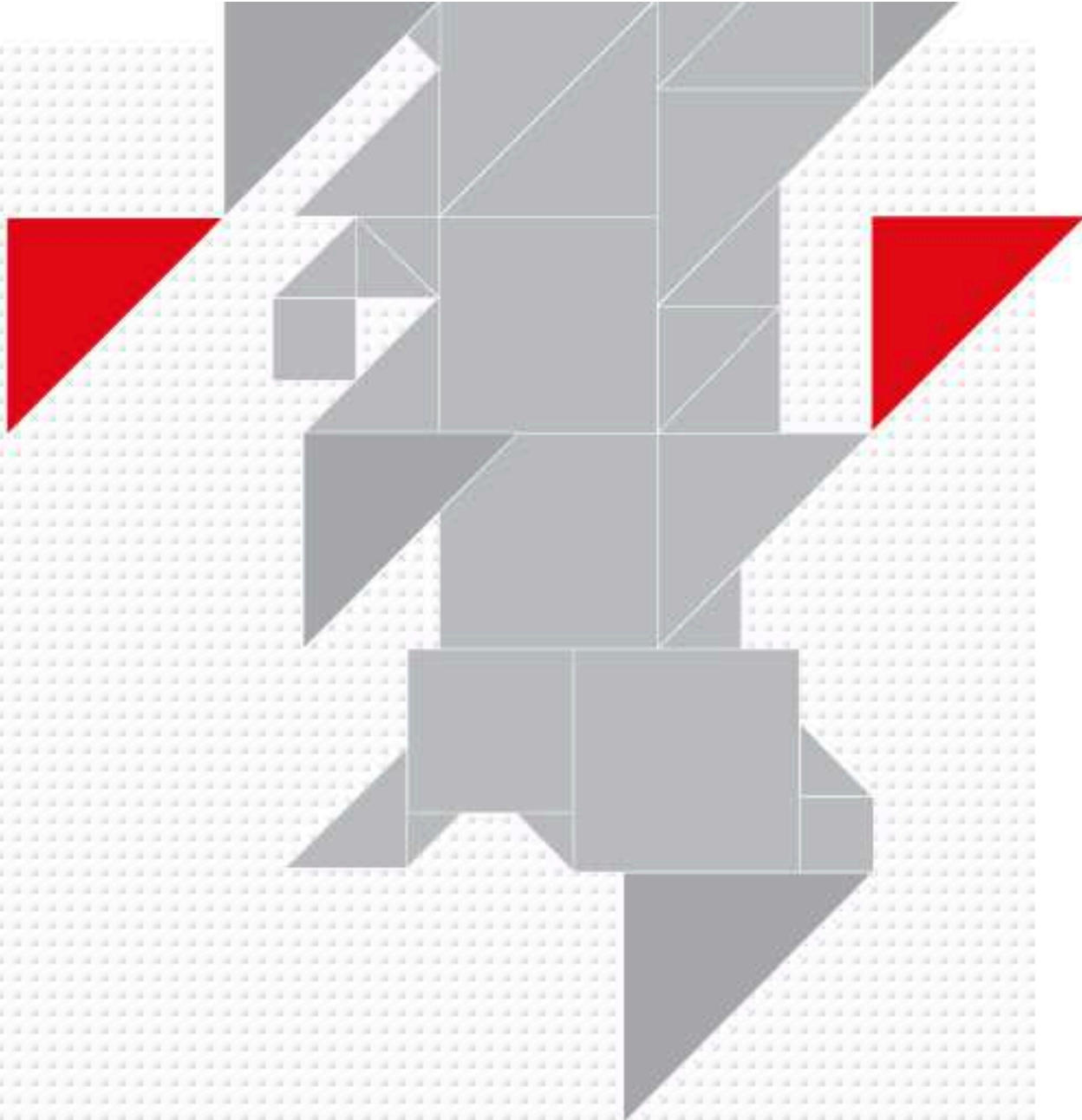
oferta suficiente de formação especializada, apesar de a região reconhecer e valorizar bem o seu património cultural imaterial

Nos últimos anos têm surgido novas propostas de produtos culturais associadas a recursos locais (ex. mármore, dark sky, montado, etc).

Falta de articulação entre instituições e estruturas de âmbito cultural no que respeita à organização da oferta de produtos e serviços culturais

Existência de uma coleção de artesanato no MADE que contudo não tem sido ampliada.

Grande riqueza e diversidade do património imóvel na região (em que o património arqueológico tem uma grande relevância) e imaterial, atributos hoje bastante valorizados e reconhecidos por turistas nacionais e estrangeiros.



Matosinhos
R. Tomás Ribeiro, nº 412 – 2º
4450-295 Matosinhos Portugal

Tel (+351) 229 399 150
Fax (+351) 229 399 159
porto@quaternaire.pt

Lisboa
Avenida 5 de Outubro
Nº77 – 6º Esq.
1050-049 Lisboa Portugal

Tel (+351) 213 513 200
Fax (+351) 213 513 201
lisboa@quaternaire.pt

www.quaternaire.pt